ANNO XXXIII N. 21.

Por 3 mezes adiantados 4$000.
Por 3 mezes vencidos 4$500.

TERÇA FEIRA 27 DE JANEIRO DE 1857.

Por anno adiantado 15$000.
Porte franco para o subscriptor.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPÇA'O NO NORTE.
Parahiba, o Sr. João Rodolpho Gomes; Natal, o Sr. Joaquim I. Pereira Junior; Aracaty, o Sr. A. de Lemos Braga; Ceará, o Sr. J. José de Oliveira; Maranhão, o Sr. Joaquim Marques Rodrigues; Piauhy, o Sr. Domingos Herculano A. Pessoa Cearense; Pará, o Sr. Justino J. Ramos; Amazonas, o Sr. Jeronymo da Costa.

PARTIDA DOS CORREIOS.
Olinda: todos os dias, ás 9 e meia horas do dia.
Iguarassú, Goianna e Parahiba: nas segundas e sextas-feiras.
S. Antão, Bezerros, Bonito, Caruarú, Altinho e Garanhuns: na terça-feira.
S. Lourenço, Pao-d'Alho, Nazareth, Limoeiro, Brejo, Pesqueira, Ingazeira, Flores, Villa-Bella, Boa-Vista, Ouricury e Exú: nas quartas-feiras.
Cabo, Ipojuca, Serinhaem, Rio-Formoso, Una, Barreiros, Agua-Preta, Pimenteiras e Natal: quintas-feiras.
(Todos os correios partem ás 10 horas da manhãa.)

AUDIENCIAS DOS TRIBUNAES DA CAPITAL.
Tribunal do commercio: segundas e quintas.
Relação: terças-feiras e sabbados.
Fazenda: quartas e sabbados ás 10 horas.
Juizo do commercio: segundas ás 10 horas e quintas ao meio-dia.
Juizo de orphãos: segundas e quintas ás 10 horas.
Primeira vara do civel: segundas e sextas ao meio-dia.
Segunda vara do civel: quartas e sabbados ao meio-dia.

EPHEMERIDES DO MEZ DE JANEIRO.
3 Quarto crescente ás 9 horas e 54 minutos da manhãa.
10 Lua cheia ás 6 horas e 48 minutos da manhãa.
18 Quarto minguante ás 2 horas e 30 minutos da manhãa.
25 Lua nova ás 9 horas e 6 minutos da tarde.

PREAMAR DE HOJE.
Segunda ás 3 horas e 18 minutos da tarde.
Primeira ás 3 horas e 42 minutos da manhãa.

DIAS DA SEMANA.
26 Segunda. S. Policarpo: S. Theogines m.; S. Mathildes rainha.
27 Terça. S. João Chrisostomo b. d. da igr.; s. Vitaliano.
28 Quarta. S. Cyrillo b.; Ss. Leonidas, Flaviano.
29 Quinta S. Francisco de Salles b.; s. Papias sold.
30 Sexta. Dedicação da Basilica de S. Pedro dos clerigos.
31 Sab. Jej. S. Pedro Nolasco; Ss. Tacio m.; s. Geminiano b.
1 Domingo. 4.º e ultimo depois de Reis. S. Ignacio b. m.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPÇAÕ NO SUL.
Alagoas, o Sr. Claudino Falcão Dias; Bahia, o Sr. D. Duprat; Rio de Janeiro, o Sr. João Pereira Martins.

EM PERNAMBUCO
O proprietario do DIARIO Manoel Figueiroa de Faria, na sua livraria, praça da Independencia ns. 6 e 8.

PARTE OFFICIAL.

GOVERNO DA PROVINCIA.

Expediente do dia 23 de janeiro.

Officio—Ao Exm. brigadeiro commandante superior da guarda nacional do Recife, para que haja de considerar sem effeito a dispensa concedida por officio de 10 de agosto ultimo, aos guardas do 5. batalhão de infantaria, que estavam empregados na conservação da estrada de Páo d'Alho, visto que, segundo declara o director das obras, deixaram elles de o ser, por ter sido arrematado semelhante trabalho.

Dito—Ao mesmo, communicando-lhe ter deferido os requerimentos do 2. tenente do 1. batalhão de artilharia da guarda nacional deste municipio, José Antonio da Silva Costa, e do alferes da respectiva reserva Bellarmino dos Santos Bolcão, e autorisando-o a mandar desliga-los dos corpos a que pertencem, dando-lhes guias de passagem, nos termos do artigo 45 do decreto n. 1130 de doze de março de 1853.

Dito—Ao coronel commandante da guarnição, enviando-lhe, para que lhe dê a devida execução, o aviso da guerra de 24 de outubro ultimo, declarando o modo por que deve ser entendido o disposto na quarta parte do art. 2. da lei n. 862 de 30 de julho do anno findo.

Dito—Ao mesmo, inteirando-o de haver concedido a Maria Thereza de Jesus, o prazo de vinte dias, para exhibir a isenção que diz ter seu filho, o recruta Francisco Xavier da Silva.

Dito—Ao commandante da estação naval, dizendo-lhe que acaba de officiar ao coronel commandante da guarnição, para mandar effectuar com brevidade o embarque dos officiaes e praças do 2. batalhão de infantaria, que tem de seguir para Alagoas no brigue de guerra « Capibaribe, » cuja sahida podera' S. S. ordenar, logo que as referidas praças estiverem a bordo.—Officiou-se neste sentido ao mencionado coronel.

Dito—Ao Dr. chefe de policia, dizendo ficar inteirado de haver S. S. por portaria de 21 do corrente, nomeado a José Elias de Oliveira para o lugar de guarda da casa de detenção, e para o de servente a Thomaz José de Oliveira, vencendo este mil reis diarios. — Communicou-se a' thesouraria provincial.

Dito—Ao mesmo, scientificando-o de haver transmittido a' thesouraria provincial para serem pagas, estando nos termos legaes, as contas das despezas feitas com o sustento dos presos pobres das cadeias de Caruaru', Serinhaem e Limoeiro.—Fez-se o expediente de que se trata.

Dito—Ao mesmo, dando sciencia de haver-se expedido ordem a' thesouraria provincial, para que pague a José Antonio Ferreira, não a quantia de 20$ reis, como se ordenou por despacho de 8 do corrente, e sim a de 27$ reis, que he a justa importancia do aluguel da casa que serve de quartel á guarda da Capunga, vencido no trimestre de outubro a dezembro ultimos.—Deu-se a ordem de que se trata.

Dito—Ao inspector da thesouraria de fazenda: transmittindo para ter o conveniente destino, o aviso de letra n. 18, na importancia de 1:000$ reis, saccada pela thesouraria de fazenda do Rio Grande do Norte sobre essa, e a favor de Miguel Germano de Oliveira Sicupira.—Communicou-se ao Exm. presidente daquella provincia.

Dito—Ao mesmo, inteirando-o de ter deferido o requerimento em que José Antonio de Araujo, pede permissão para comprar aos herdeiros de João Maria Seve, a posse do terreno de marinha n. 217 A, no Forte do Mattos.

Dito—Ao mesmo.—Convindo que se effectue com toda a pontualidade, e em prazos certos, o pagamento das folhas dos jornaleiros empregados nas obras do lazareto do Pina, recommendo a V. S. que faça realisar esse pagamento nos dias 3, 13 e 23 de cada mez. Para este effeito, o inspector do arsenal de marinha, dous dias antes de se findarem os prazos acima declarados, lhe mandara' apresentar as competentes folhas, que deverão comprehender os jornaes vencidos até os dias 10, 20 e ultimo de cada mez.

Sirva-se entretanto, V. S. de mandar pagar com urgencia os jornaes que os mesmos trabalhadores tiverem vencido até o dia 20 do corrente.—Officiou-se a este respeito ao inspector do arsenal de marinha.

Dito—A' administração geral dos estabelecimentos de caridade, communicando-lhe que a thesouraria provincial tem ordem para satisfazer a importancia da conta da despeza feita com os reparos indispensaveis na casa destinada para a habitação das irmãas da caridade.—Expedio-se a ordem.

Circular—A todos os presidentes das camaras municipaes.—Convém que Vmc. me remetta, de modo que esteja aqui até o dia 15 de fevereiro vindouro, uma relação o mais aproximada da exactidão, que for possivel obter neste curto espaço de tempo, dos engenhos de fabricar assucar, comprehendidos nesse municipio ou districto, especificando: 1., os que são movidos por vapor, agua ou animaes; 2., o numero das pessoas e dos animaes empregados no seu custeio; 3., a quantidade de pães que costumam fabricar annualmente.

Não he necessaria a exactidão mathematica nestes dados, mas a que poder obter-se. Repito isto, para que Vmc. não demore a informação que peço.

Iguaes a todos os delegados e subdelegados da provincia.

Dito—A Valeriano Bezerra Cavalcanti de Albuquerque.—Recebi hontem o officio de 25 de dezembro, em que Vmc. me consulta se pode accumular o emprego de professor publico, com o cargo de vereador mais votado do municipio de Pesqueira, para que foi eleito.

Em resposta, tenho a dizer-lhe, que o aviso de 22 de julho de 1843, expedido ao presidente da provincia do Para', declara incompativel o exercicio simultaneo dos empregos de professor publico e vereador, por se não poderem desempenhar satisfatoriamente as funcções de ambos, cumprindo por isso, que o professor seja dispenso do emprego de vereador. Quando porem, não peça dispensa, não deve ser obrigado a deixar o mesmo emprego, mas fica sujeito ás providencias de que lançar mão a autoridade, a' quem esta' subordinado, para obstar que sejam sacrificados os deveres do magisterio pelo cargo de eleição.

Portaria—Concedendo ao capitão da quinta companhia do 3. batalhão da reserva deste municipio, José Maria Freire Gameiro, passagem para a quinta companhia do 2. batalhão tambem da reserva.—Fizeram-se as precisas communicações.

Dita—Desonerando a Rufiniano Sergio de Mello, do cargo de subdelegado de Cruangi do termo de Goianna.—Communicou-se ao chefe de policia.

Dita—Ao agente da companhia dos paquetes a vapor, para mandar dar passagem para o Rio de Janeiro, por conta do governo, no vapor que vier do norte, ao capitão reformado do exercito, José Joaquim da Silva Costa, e bem assim a sua senhora e dous filhos.

Officio—Do secretario da provincia ao coronel commandante da guarnição, dizendo-lhe que, opportunamente sera' transmittido a' repartição da guerra, afim de ser julgado em segunda instancia, o processo verbal do tambor Joaquim Gomes dos Santos.

Illm. e Exm. Sr. presidente das Alagoas.—Senhor; quiz a Divina Providencia contra todos os os planos da minha viagem com destino a Papacaça, que desembarcasse em o dia 28 de setembro na villa do Passo de Camaragibe. De maneira alguma, senhor, tencionava demorar-me na provincia das Alagoas, porem o grão povo que acudio ao meu desembarque, dando-me signaes não equivocos da boa disposição em que estavam de ouvir a Divina Palavra, obrigou-me a missiona-los por 7 dias; tendo por resultado 70 casamentos de gente amancebada, muitos baptisados, um perdão geral entre inimigos, o levantamento de uma capella de Nossa Senhora do Bom Conselho, de 20 palmos em quadro dentro do cemiterio, que estava quasi entregue ao desprezo. E para ensinuar a idéa toda religiosa nos povos a respeito do cemiterio celebrei a santa missa dentro desta nova capella, deixei o pateo da igreja da villa calçado de pedra, e quasi 300$ de esmolas, que se tiraram para o acabamento da dita igreja. Alli muito me coadjuvou o Illm. Sr. Dr. juiz de direito Mendonça, e mais autoridades na parte que lhes dizia respeito.

Na villa do Passo, senhor, tão importante e rica não havia missa nos domingos, mas agora a irmandade tratou com um capellão para te-la; depois muito (senão me engano) contra a religião do estado não ter missa em uma villa nos domingos e dias santos de guarda.

No dia 6 sahi para o engenho Gavião (hoje Bom Conselho) para continuar a minha viagem, e quando ainda não completavam 24 horas da minha chegada mais de tres mil pessoas fervorosamente pediam missão; e eu não tendo remedio, preguei tres dias, confessando de manhãa e de tarde (como he meu costume); e a pedido do proprietario Lima fiz um cemiterio, lhes fiz carregar muita pedra, e ficaram quasi promptos os alicerces de uma igreja de 80 palmos de fundo e 40 de largura. Deste engenho, a pedido do Sr. subdelegado de Frecheiras, e o Rv. padre Branco, fui ao engenho Frecheiras para benzer um cemiterio, e aproveitando em dous dias de missão da boa vontade dos proprietarios do districto Frecheiras, abri-lhes os alicerces de uma igreja de 100 palmos de fundo e 40 de largo; fiz-lhes carregar muita pedra aos povos, e julgo que os proprietarios de Frecheiras, que tão generosos foram com suas largas e voluntarias offertas, que breve terão igreja de causar uma santa inveja. No dia 14 segui para a povoação—Muricy—aonde achei doente ao Rvm. padre coadjuctor da matriz Santa Maria, mas graças a Deos, muito trabalhou o religioso franciscano Fr. Francisco, capellão no engenho de Santo Antonio Grande; aqui se casaram mais de 65 amancebados, se queimaram muitos baralhos de cartas (vicio dominante em toda a ribeira do rio Parahiba), se reconciliaram todos os desaffectos; e desejos de terem alli um cemiterio e uma igreja, lhes deixei um cemiterio bellissimo tapado e coberto de telhas, com grande portão e uma capella de 20 palmos em quadro debaixo da invocação de Santa Thereza,—fiz-lhes os alicerces de uma nova igreja de 80 palmos de fundo e 40 de largo, deixei-lhes 700$ em dinheiro, e mais 1:300$ para se cobrar até 31 de dezembro, ao caixa o tenente-coronel da guarda nacional de Muricy. A commissão por mim nomeada para o andamento da obra me faz augurar que em janeiro terão a sua igreja, todos os proprietarios aqui se prestaram, e muito me ajudou nas reconciliações dos maridos e mulheres dissidentes, o Sr. subdelegado do districto de Muricy.

Passei da Capella, e preguei duas vezes só, a mais de 4 mil pessoas, que de repente se ajuntaram. Da Capella fui á villa d'Assembléa; queria eu continuar minha viagem, mas prevaleceram os pedidos do dignissimo promotor publico, Dr. Serafico, e permanecendo 4 dias, se casaram mais de 40 amancebados; havia intrigas, mas na noite do perdão dissiparam-se. Por insinuação do Dr. Serafico pedi uma esmola para levantar uma igreja de cal e pedra no cemiterio, e o povo deu mais de 300$ em dinheiro, e tanta pedra carregou em um dia só, que pode-se fazer a capella e circular o cemiterio (que esta mal collocado) de cal e pedra.

Não tinha ainda deixado a villa d'Assembléa, quando o Sr. Dr. promotor publico Serafico me instruio sobre as intrigas e necessidade palpitante da igreja de Quebrangulo, aonde o governo e o Sr. bispo a tinham creado freguezia. Porem as minhas razões de ir avante em meu caminho, se desegual'am quando cheguei: pois uma povoação tão grande e importante como Quebrangulo, me obrigou ceder as insinuações do Sr. promotor. Abrindo a santa missão no dia 26 de outubro, e quando tive a fortuna no dia 3 de novembro de fecha-la, com espanto o digo; eis o resultado: Foram abaixo todas as intrigas, pois o perdão e a reconciliação foi publica, clamorosa e edificante, e os mais intrigados diversas vezes jantaram juntos. Se casaram quasi 50 mancebos, se confessou bastante gente, o Sr. subdelegado muito me ajudou na parte que lhe tocava; o povo carregou em seus hombros 50 linhas pesadissimas, que chegam para a coberta da igreja nova, tanta pedra e areia, que sobeja para respaldar as paredes do corpo da igreja. Tirou-se 610$ em dinheiro, e os proprietarios repartiram entre elles, a pedido meu, as nove portas, as ferragens, pregos, cal, tijolos, etc. Nomeei caixa ao Sr. Domingos Ramos e mais quatro cidadãos prestantes, e julgo que a igreja da nova matriz começada com as esmolas deixadas do finado capuchinho Fr. Henrique, não he um problema, mas um facto consumado. E nesta persuasão, na tarde do dia 2 de novembro trasladei a pia baptismal e o padroeiro para uma capella levantada e prompta de 30 palmos de fundo e 20 de largura, nestes mesmos dias, pegada a nova igreja, para servir de capella do Santissimo Sacramento e de baptisterio. Dedicando á velha igreja a Nossa Senhora do Rosario, o povo ficou sobremaneira contente com a mudança da matriz, e de certo não deixará de ama-la; pois só a massa immensa de dez a doze mil pessoas trabalhando com enthusiasmo religioso, podiam dar vencimento ao espantoso aterro interno da igreja e ao aterro interminavel do pateo da nova matriz.

Julgo eu que V. Exc. terá ouvido alguma noticia dos meus trabalhos apostolicos prestados nesta provincia, mas talvez menos exacta, ou exagerada, por isso animei-me fazer-lhe esta veridica descripção para assim dizer; o que eu tive a fortuna de começar, terá a gloria V. Exc. de completar; pois seja dito sem lisonja, grande he a confiança, o amor e a alta estima que o povo alagoano consagra ao seu habil, e digno administrador: uma simples recommendação feita nos lugares e as pessoas acima mencionadas por V. Exc. fara de certo com toda presteza concluir as obras, como disse, por mim com algum suor começadas.

A Mãi do Bom Conselho lhe ha de recompensar largamente na sua governança este serviço, entre os tantos, que tão habilmente tem sabido prodigalisar a essa provincia.

Eu acho-me no sitio Cachoeira tratando-me, pois estou bastante enfraquecido de tanto lidar, e breve espero dirigir-me para Papacaça.

Em toda a parte, senhor, aonde estiver, queira dispôr de quem tanto respeita ao Exm. Sr. presidente, o povo pacifico e o brilho alagoano.

Deos guarde a V. Exc. muitos annos.

De V. Exc. Sr. presidente das Alagoas—Fr. *Caetano de Messina*, prefeito apostolico capuchinho.

Sitio Cachoeira 7 de novembro de 1856.

Palacio do governo das Alagoas 20 de dezembro de 1856.

Rvm. Sr.—Deos, sem duvida, amerciando-se dos Alagoanos residentes nas margens do Camaragibe e Parahiba permittio que V. Rvma., contra os planos de sua viagem á Papacaça, desembarcasse no dia 28 de setembro, na villa do Passo de Camaragibe, demorando-se alli e em varios outros lugares até Quebrangulo, afim de liberalisar o pão do espirito a aquelles fieis, os quaes tão fervorosa e ardentemente o reclamavam a V. Rvma., que como verdadeiro apostolo de Jesus Christo, não pôde ouvir impassivel os clamores dos que tão famintos se mostravam do alimento espiritual.

Os grandes resultados que V. Rvma. conseguio do arrependimento, contricção e devoção daquelles povos para a glorificação do Senhor e engrandecimento da religião, não me causaram sorpreza: a indole dos habitantes desta provincia he docil; em seus corações está gravado o temor de Deos, e em seus animos existe o fogo da religiosidade, faltando apenas quem efficazmente o avivente, para que brilhe a pura chamma da caridade, e sejam observados os preceitos do Evangelho. Se o rebanho se desvia da sua senda orthodoxa, he por falta de bons e diligentes pastores, que o guiem á bom caminho, mostrando-lhe os principios e abrolhos dos trilhos em que se desmanda.

Trinta e cinco dias de esforços, solicitude e acrisolado zelo religioso foram sufficientes para que V. Rvma. obtivesse os maravilhosos resultados, que me refere em proveito da moral e religião. Com as palavras de Deos e conselhos do confissionario alcançou V. Rvma. numerosos casamentos de pessoas amancebadas, reconciliações entre inimigos rancorosos; levantou capellas, lançou alicerces de espaçosos templos; erigio cemiterios, e grangeou subscripções avultadas na villa de Camaragibe, no engenho Bom Conselho, no districto de Frecheiras, no Muricy, na Capella, em Assembléa e Quebrangulo. São bellos triumphos, são relevantissimos serviços feitos á religião. Oxalá podesse V. Rvma. demorar-se mais algum tempo entre nós, e percorresse todos os municipios do interior!

A declaração que me fez V. Rvma. de ter encontrado forte e valiosa coadjuvação de todas as autoridades das differentes localidades em que missionou, encheu-me de jubilo e satisfação: essas autoridades cumpriram o seu dever, e tornam-se credoras dos encomios desta presidencia.

Como administrador da provincia não posso deixar de dirigir a V. Rvma. meus sinceros agradecimentos pelos urgentes beneficios moraes e materiaes que espalhou pelas differentes localidades onde echoavam suas apostolicas palavras, assegurando-lhe que não me descuidarei de empregar meus esforços para concluir as pias obras encetadas pelo seu fervor apostolico.

Agradeço por ultimo as expressões que me dirige, fazendo ardentes votos para que se restabeleça promptamente do incommodo que o retém no sitio Cachoeira.

Deos guarde a V. Rvma.—Rvm. Sr. Fr. Caetano de Messina, prefeito apostolico da Penha de Pernambuco.—*Antonio Coelho de Sá e Albuquerque.*

EXTERIOR.

SUSPENSAO DAS RELAÇO'ES ENTRE A GRÃA BRETANHA E NOVA GRANADA.

Por um navio de vela chegado em Aspinwall, de Carthagena, na quinta feir (diz o *Panama Star e o Herald* de 8 de novembro) recebemos a importante noticia, que o Sr. Griffith, encarregado dos negocios de sua magestade britannica em Bogota, tendo deixado de regular com o governo da Nova Granada a antiga pretenção de Mackintosh, atalhou as negociações com o governo, e informou que o almirante da esquadra britannica das indias occidentaes tinha ordem de exigir pela força o pagamento devido. A *Gacetta Official* de 11 de outubro, assim se refere a respeito desta pendencia:

« Desgraçadamente nasceu uma differença com o governo de sua magestade britannica, tendo a sua origem da desapprovação pelo poder legislativo da convenção celebrada em 24 de novembro de 1855, para compensar o Sr. James Mackintosh, subdito britannico, dos prejuizos soffridos por elle em consequencia de não resgatar nas alfandegas durante um certo periodo, e em virtude de certas disposições executivas, uma porção de valles da corrente divida de 6 por cento, que elle recebera em pagamento da sua reclamação de origem Columbiana. A republica esta' ameaçada com medidas coercivas da parte das forças navaes britannicas, sem que o poder executivo, usando das suas prerogativas constitucionaes, possa preveni-las. Por sua ordem, e para conhecimento da nação, publicamos os documentos relativos ao recente debate diplomatico neste desagradavel negocio. He para esperar dos sentimentos de justiça do governo britannico, que brevemente sera' tudo regulado de uma maneira satisfactoria. »

O seguinte he um summario da correspondencia:

Setembro 15, 1855.—O Sr. Griffith ao Sr. Lino de Pombo, pedindo por ordem do seu governo o immediato pagamento do direito do Sr. Mackentosh.

Setembro 23.—Idem ao idem, dizendo que tendo a sua nota ficado uma semana sem resposta, elle a exigia immediatamente.

Mesma data.—O Sr. Pombo ao Sr. Griffith accusando do recebimento das suas cartas, e promettendo uma resposta em tempo conveniente para seguir de Londres, no dia 26.

Setembro 27.—Idem ao idem, respondendo a' sua carta de 13, explicando as circumstancias da divida.

Setembro 30.—O Sr. Griffith ao Sr. Pombo, fazendo-o sciente do recebimento da sua carta de 27 de setembro, exprimindo admiração do seu conteudo, e pedindo uma prompta resposta a' sua pergunta a respeito da reclamação do Sr. Mackintosh.

Outubro 6.—Idem ao idem, dizendo que ja se haviam passado 6 dias sem que elle tivesse resposta alguma a' sua ultima nota, e exigindo antes da partida da mala do dia 10, incluindo uma copia das instrucções particulares do governo britannico, ordenando-lhe, no caso de que não se achando regulado este negocio satisfactoriamente pelo governo de Granada, de suspender as relações, informando-o de que o almirante britanico teria de receber, em tal caso, ordens para empregar medidas efficazes contra a republica para obrigar o governo executivo a cumprir as suas promessas para com o Sr. Mackintosh.

Outubro 7.—O Sr. Pombo ao Sr. Griffith, dando-lhe amplas explicações, e dizendo que o governo executivo não prevenio o immediato pagamento da divida, porque não pode dispor dos fundos do Estado sem uma autorisação legal.

Um memorandum do mesmo, para o mesmo, offerecendo a pagar 100,000 pesos em titulos da divida fluctuante, com tanto que, os titulos consolidados existentes em mãos do Sr. Mackintosh fossem reenviados para Bogota n'um tempo determinado.

Memorandum de uma conversação entre o Sr. Griffith e o Sr. Pombo, no qual, aquelle diz que não tem poder algum para entrar em discussão a respeito dos termos do memorandum.

Outubro 8.—O Sr. Griffith ao Sr. Pombo, dizendo que ve-se obrigado a cumprir suas ordens e suspender as relações com o governo.

Outubro 9.—O Sr. Pombo ao Sr. Griffith, fazendo-o sciente da sua ultima communicação, e manifestando grande pezar pela decisão que elle tomou e informando-o, que as autoridades da costa atlantica, haviam de receber ordem para não usar de represalia ou hostilidade contra a força naval britannica, e dando ordens contra qualquer ataque contra as garantias particulares dos subditos britannicos, etc.

O precedente summario he muito breve. Estes factos de nenhum modo affectam os portos do Isthmo.

Uma carta de Carthagena de 23 de outubro, diz: O governo resolveu suspender os effeitos da lei que se refere a' taxa sobre as malas que atravessam o Isthmo. Nada se tinha ainda determinado a respeito da lei sobre a Tonellagem, mas, provavelmente assim como outra, ella tera' de ser submettida a' consideração do congresso na seguinte sessão. A eleição presidencial, parece que se declara em favor de D. Mariano Ospina, por uma grande maioria.

(*Morning Chronicle.*)

PERNAMBUCO.

PAGINA AVULSA.

BOM DIA!

— O amor do proximo he um dos preceitos impostos no Sinai e que não deve ser esquecido; mas entre nós o contrario se observa; cada um quer ter um meio de vida, ainda mesmo que, por um caso fortuito, elle dê em resultado perecerem innumeras pessoas. Em certa casa das Cinco Pontas, dizem que ha uma fabrica de polvora e de foguetes. Não ha dia em que com esse fabrico, os visinhos não corram perigo de verem-se abafados em suas casas pelos estilhaços que esvoaçarem com o crepitar do fogo. Quem deve vigiar nisso dormirá? *Dicant Paduani.*

— A moralidade publica exige, que os encarregados de vigiar nella, sejam inexoraveis contra os perturbadores. Sem moralidade e decencia não se póde, nem se deve consentir, que habite em uma rua publica quem quer que seja. O bairro do Recife se vai tornando cada dia um pelourinho, em que a moralidade e decencia publicas são azorragadas; a Velha Sanzala quasi sempre he o theatro, aonde se dão estas scenas.

— Não ha hora, desde ás 6 da tarde até ás 11 da noite, em que, qualquer escravo, entrando em certa taberna do Livramento, não saia ebrio completo, mediante qualquer quantia, de garapa picada. Tanto pinga a pipa ao torno, até que dá com o pinto ao chão.

— Aonde quer que o merito existe ahi o vamos procurar, para o registrar em nossa *Pagina*. Quando noticiamos o principio de incendio da rua dos Quarteis, por não sabermos, deixamos de mencionar o nome do segundo cadete o Sr. José Virgilio de Lemos, que foi o primeiro que deu por elle e o fez constar ao morador. Louvores, pois, sejam dados a esse senhor pela sua vigilancia.

— He chegado a' esta capital o Dr. Francisco José Rabello, ex-juiz municipal do Rio Grande do Norte. Juiz integro, elle jamais soube olvidar a justiça e a rectidão. Acha-se hospedado em casa do Sr. Dr. Silvino Cavalcanti.

— O pedagio das estradas, diz uma lei, deve ser empregado na conservação dellas. Os passageiros que transitam pela estrada de Olinda soffrem um pedagio, mas, apezar disso, veem cada vez mais se arruinar esse caminho. Os buracos em o tempo de verão e os atoleiros no tempo de inverno, he o de que ella consta. As pontes existem seguras *per misericordiam Dei*, e em tal estado de desmoronamento, que mais parecem *pinguelas*, que pontes!!!!

— O decoro he um dos ademanes de civilidade, que devem ter aquelles que se presumem de bem educados; toda vez que, alguem que se julga nessa classe, olvida o decoro devido ao publico, he indigno de viver na sociedade. Em todas recitas no theatro de Santa Isabel, um magote de *camaleões electricos*, tem por costume entupir um dos camarotes. Ahi reunidos elles offerecem ao paciente publico uma representação, que não foi annunciada. O drama que commummente levam á scena he o — desrespeito ás familias.— Por demais nausea estar junto de taes *comediantes*.

— Quem quer que nunca vio o becco do Rosario, entrando nelle, a qualquer hora do dia ou da noite, julgar-se-ha submergido no fundo de alguma latrina. Sr. *guarda*, procure *alguem* que, morando nas proximidades, consente que os freguezes que tomam suas refrigerantes bebidas, desbebam ahi nesse local. Eis a ponta da solução do problema, Sr. *guarda*, buscai por isso saber do resto.

— A parede que fez sumir das vistas publicas essa *lacuna*, que deixou uma das casas, que foi demolida na rua das Aguas-Verdes, vai, pouco a pouco, pela segunda vez, sendo inutilisada pelas beneficas mãos *d'alguem*, que deseja ter perto de si um deposito onde mande deitar as immundicias da casa.

— He um dos mandamentos da Santa Madre Igreja castigar aos que erram; mas não matar sobre o azorrague o pobre discipulo, ignorante daquillo que vai aprender. Na rua do Padre Floriano existe uma arpia, a quem confiaram uma preta para ella ensinar, cujo maior prazer he bater continuamente nessa infeliz, desde o raiar até o pôr do sol. Sr. inspector, não tereis vós ouças? por compaixão lembrai-vos, que essa miseravel sente o castigo bem como vós.

— O jogo ainda continua a ser o entretenimento diario de certa classe. Em uma loja de chapéos em uma das nossas praças, não ha domingo, em o qual se não reuna uma sucia de vadios a jogar todo o santo dia e parte da noite. Ante-hontem foi prolongado foi, que as portas da loja ficaram abertas até ao amanhecer do dia immediato. O encarregado desse estabelecimento pouco se lhe dá que elle va a revelia; o dono ou proprietario he quem soffre o damno que esse deleixo lha de causar.

— Hontem seguio para Maceió o casco do batalhão 2.º de infantaria, deixando ainda nesta cidade o seu commandante o Illm. Sr. coronel Moniz.

— Sabbado teve lugar no theatro de Apollo um espectaculo pastoril, sob a direcção do actor Santa Rosa. O bom gosto e apurada desse senhor presidio a elle. O acto da *Mamã Corô* foi o wandevile levado a' scena. As jovens que se encarregaram dos diversos papeis, desempenharam satisfatoriamente; e com especialidade as jovens Alexandrina Menar e Alexandrina Marcia. As duas jovens que executaram o passo a dous a e *Cachucha*, estiveram optimas.

Até amanhãa.

REPARTIÇAO DA POLICIA.

Occurrencias dos dias 24 e 25 de janeiro.

Compre-me levar ao conhecimento de V. Exc. que foram presos: a minha ordem, D. Carolina Herbiter d'Assumpção, por se achar pronunciada como incursa no § 4º do art. 264 do codigo criminal, e Manoel Ventura, por ser fugitivo da cadeia do termo de Goianna.

Das differentes participações recebidas nesta repartição consta o seguinte:

Foram presos: pela delegacia do terceiro districto deste termo, Manoel José Baptista, por suspeito de ser criminoso.

Pela subdelegacia da freguezia do Recife, Antonio Luiz Dias, por desobediencia.

Pela subdelegacia da freguezia de Santo Antonio, João Baptista da Silva, por furto e espancamento.

E pela subdelegacia da freguezia da Muribeca, José Vicente da Costa, por se achar processado por crime de furto de escravos.

Communicado.

Continuemos com a nossa pezada cruz, visto que Vmcs. teem a bondade de admittir em seu conceituado jornal os meus artigos.

Mal que bem vamos indo com o favor de Deos, ainda que haja quem negue a Deos a *liberdade* de conceder-m'o: entretanto como desde menino me ensinaram, que não cahe a folha de uma arvore, sem que Deos o permitta, vou sempre agradecendo-lhe cada dia de vida como uma mercê, que póde retirar-me, quando lhe approuver. Sei que he uma asneira *onthologica* muito grande o attribuir a Deos a menor somma de liberdade: mas assim mesmo antes tolo (ou bruto, como nos chama o *Zumbi* da liberal) que *herege* na phrase do Dr. Collaço.

Creio que Vmcs. não sabem uma cousa, e he que o meu artigo anterior causou grande sensação dentro, e fóra do *quilombo*.

Dentro, porque o *chefe* da liberal, e a sucia estão inteiramente desapontados; e fóra porque todos querem saber o que significa *Zumbi*. Uns dizem, que he uma especie de *mono* da Costa d'Africa; outros, que he um nome de um Deos do gentilismo; outros que he o nome de um espirito mao; outros emfim que he o diabo na lingua geral do Congo.

Pois bem, nada disso he, ou he tudo isso ao mesmo tempo. Vamos pois escrever a historia do *Zumbi* como elle he, como elle foi, e como ha de ser até a consummação dos seculos.

Em um momento de distracção lancei mão do primeiro volume do compendio da historia do Brasil, e a pagina 217 encontrei um episodio muito interessante dá nossa historia: era a relação fiel do celebre quilombo dos Palmares na provincia das Alagoas, naquella época fazendo parte desta provincia. Apezar de haver lido em outras occasiões a mesma historia, com tudo fez-me muita impressão naquelle momento a leitura de duas paginas: eis ahi o que ellas dizem em resumo.

Todos quantos tem lido a historia do Brasil sabem que desde o anno de 1630 começou-se a formar nas Alagoas um *quilombo* com negros fugidos de Pernambuco, sendo a primeira reunião apenas de 40 bem armados; e que este *quilombo* resistio com denodo aos Hollandezes, e aos Portuguezes por mais de meio seculo, chegando a reunir-se trinta mil almas no lugar denominado Serra da Barriga, a que deram alguns historiadores o nome de *republica dos Palmares*. Com effeito fraca foi a sua origem, mas affluindo em pouco tempo muitos outros, ganhou a reunião um assombroso crescimento. Como os fugitivos não tinham mulheres, sahiram a procura-las a maneira dos Romanos, cahindo brutalmente sobre as habitações vizinhas, e apoderando-se de todas as mulheres de côr. Diz Rocha Pita, que o roubo das Sabinas não fôra mais completo, nem mais geral.

Os salteadores dos Palmares imitaram ainda os antigos dominadores do mundo, saqueando as povoações, e commettendo mil outras barbaridades. Os agricultores do Porto Calvo, obrigados a comprarem a alliança dos negros, lhes forneciam armas, munições, e outras mercadorias; e a colonia africana tomou um aspecto florescente, e terrivel.

Um chefe electivo, e vitalicio, escolhido entre os mais audazes, e denominado *Zumbi*, (alguns historiadores escrevem *Zombe*) estava encarregado de vigiar na segurança da republica, executando por meio de agentes de sua nomeação uma especie de codigo, hoje infelizmente ignorado. A religião adoptada era provavelmente o christianismo, alterado por muitas superstições gentilicas. Mais de meio seculo havia decorrido desde o começo do estabelecimento, quando o governador de Pernambuco, amedrontado, resolveu anniquila-lo.

Com effeito, pondo-se de accordo com o vice-rei do Brasil, fez marchar sete mil homens de infantaria contra os negros dos Palmares: porem estes os repelliram corajosamente. Com tudo a infantaria conservou o cerco, a que veio reunir-se toda a população da vizinhança: appareceu por tanto a fome entre os cercados, e logo que chegou a artilharia, os negros succumbiram aos primeiros tiros de canhão. Tendo que optar entre o horror do captiveiro, e a morte, o *Zumbi*, e seus companheiros preferiram o ultimo partido, despenhando-se do pico de um rochedo alcantilado, no anno de 1697. Os velhos, meninos, e mulheres foram vendidos para pagamento das despezas da expedição; extinguiram-se até as ruinas da colonia, ficando apenas dos Palmares a memoria dos seus celebres habitantes.

Dissemos acima que alguns historiadores chamam *Zumbe* ao chefe dos Palmares: outros porem escrevem *Zumbi*, o que nos parece mais acertado, porque ainda hoje os negros da Costa d'Africa chamam *Zumbi* aos duendes, e aos possessos, isto he, aquelles que se dizem possuidos pelo diabo, ou o diabo em pessoa.

Vamos pois a moralidade da nossa historia, que não he nossa, mas do Brasil, escripta por cinco ou seis historiadores, todos de accordo sobre o facto principal, com quanto discrepem alguma cousa sobre os incidentes. Perguntará talvez alguem muito apressado; e que tem que vêr a republica dos Palmares com a da *Liberal*?

Eis ahi ao que chamamos coincidencias: e quem pensar melhor verá, que ambas as republicas começaram do mesmo modo, isto he, pela fuga de um pequeno numero de homens: nos Palmares fugiram de seus senhores, aqui, dos partidos praieiro e guabirú.

A' esse pequeno grupo fugido foi reunir-se alguma gente dispersa, mas seu crescimento não tem sido, como foi e dos Palmares: todavia como os negros

FOLHETIM.

UM CASAMENTO EM PROVINCIA.

POR MADAMA LEONIE D'AUNET.

CAPITULO XX.

Volta.

(Continuação.)

A tia Medé e a sobrinha caminhavam pois pensativas arranjando e suppondo o futuro segundo seus desejos e seus receios. Sua preoccupação as fez esquecer o fim a que se dirijiam; passaram desapercebidamente diante das tres amoreiras; a noite e o silencio reinavam em torno dellas; a lua ergueu se em um céo estrellado, e seus raios pratearam a folhagem sombria das oliveiras.

Repentinamente as duas molheres estremeceram, ouvindo ao longe o trote de um cavallo que dirigia-se para seu lado.

— Eis ahi Domingos, disse Rosa; como vem tarde! Nós lhe tinhamos dito que viesse ás oito horas!

— Não te affijas, respondeu a tia; elle chegara ainda cedo a Marselha se quizer andar como agora.

Com effeito o cavalleiro longinquo apressava muito o passo de sua cavalgadura, e em poucos minutos appareceu na volta da estrada. A' claridade da lua a tia Medé e Rosa distinguiram sobre a sella uma figura esvelta. Não era Domingos.

— Meu Deos, disse Rosa apoiando-se tremula ao braço da tia, creio que...... creio que he Jorge!

Com effeito era Jorge; elle ia passar diante das mulheres sem ve-las, quando a tia Medé adiantou-se até o meio da estrada. Assustado por essa figura negra o cavallo recuou, e parou tremendo.

Jorge olhou attentamente.

— Oh! senhor meu sobrinho, disse a velha com um acento que procurou tornar alegre, creio que antes quereria pisar-me do que ver-me.

— Ah! madamesella Medé Lescalle! perdoe-me, respondeu Jorge apeiando-se rapidamente e saudando-a com respeito.

Por um sentimento de timidez quasi infantil, Rosa conservara-se até então occulta atraz da tia.

Esta descobrio-a subitamente, e disse:

— Rosa, não saudas teu marido?

Rosa balbuciou algumas palavras, e Jorge ficou sorpezo de encontra-la tão inesperadamente:

Para disfarçar seu embaraço offereceu o braço á velha, junto da qual Rosa ficou como uma menina timida.

O cavallo satisfeito de ter acabado a carreira forçada que lhe fôra imposta desde Marselha, seguio tranquillamente o senhor, cortando de quando em quando com os dentes a relva da estrada.

Durante alguns minutos não ouvio-se mais do que o rumor de seus pés sobre os seixos e o *cron-crop* de suas queixadas despojando os jovens arbustos.

Os tres personagens caminhavam dominados pelo embaraço que produz sempre o desaccordo das situações com os sentimentos. Seus respectivos papeis, apparentemente mui simples, eram na realidade difficeis e delicados. Todos calavam-se, estando todavia cheios do desejo de travar a conversação.

Chegaram assim diante das tres amoreiras sem que nenhuma palavra tivesse vindo interromper esse silencio penivel.

Ao pé de uma das arvores Domingos, arrieiro, estava deitado sobre a relva e fumava philosophicamente seu cachimbo com quietação de um mensageiro que tinha consciencia de não haver tardado mais de meia hora.

Vio sem mover-se approximar-se esse grupo taciturno como tres sombras. Reconhecendo a estatura alta da tia Medé, e o perfil gracioso de Rosa, levantou-se, tirou o barrete de lãa vermelha que cobre tão pittorescamente essas bellas cabeças meridionaes, e disse:

— Aqui estou, senhora, no lugar marcado; creio que quer enviar-me a Marselha para um negocio urgente; meu cavallo está prompto; posso partir sem demora.

— Ah! he verdade, respondeu a tia Medé; eu queria mandar-te levar uma carta a Marselha; mas agora he inutil, accrescentou ella olhando para Jorge; podes voltar para a casa; pagarei teu incommodo.

— Não ha pressa, senhora; as suas ordens, disse Domingos indo desatar o cavallo.

— Mas, perguntou Jorge, era para mim esta carta? De minha mãi talvez?

— Não, murmurou Rosa timidamente.

— De quem era então?

— Era minha, disse ella em voz baixa.

— Sua, Rosa!

E elle encarou-a com um ar francamente espontaneo e interrogador que fez-lhe abaixar os olhos, tornou-a mui tremula.

Jorge reparou nessa perturbação, e accrescentou brandamente.

— Vossê ha de dar-me essa carta, não he verdade?

Nesse momento um relampago de esperança illuminou o coração da tia Medé; um pensamento subito a fez lembrar-se de Domingos, de cujo cavallo ouviam-se ainda as pisadas ao longe.

Ella chamou-o tres vezes com voz forte. Domingos parou, e depois voltou.

— Domingos, gritou-lhe ella, voltas para a cidade esta noite?

— Sim, senhora.

— Então has de acompanhar-me até minha casa; ella fica em teu caminho. Meus filhos, disse voltando-se para Rosa e Jorge; ja he tarde, e não quero que vossês conduzam-me a Capucins, voltem para Belbousquet. Para mim esse rapaz será sufficiente; seu cavallo conhece-me, vou montar nelle, e estarei em casa daqui a vinte minutos.

— Mas, minha tia, disse Rosa, Vmc. tinha-me promettido vir passar alguns dias comigo.

— Eu te prometti isso de manhãa; agora não precisas mais de minha companhia; tens teu marido.

— Vmc. será sempre bem vinda em Belbousquet, madamesella Medé, disse Jorge, e minha presença não deve privar Rosa do prazer que lhe causam suas vizitas.

— Obrigada, senhor Jorge, respondeu a velha, sua instancia me he muito agradavel; com tudo prefiro adiar para a semana futura meu projecto de ir a Belbousquet. Tenho muitos afazeres em casa e não teria acompanhado Rosa senão para não deixa-la só por mais tempo.

Sem esperar resposta, Medé Lescalle ajudada de Domingos montou no cavallo, e depois envolvendo a Jorge e Rosa em um olhar de ternura disse-lhes com voz commovida:

— Deos os proteja, meus charos filhos; sejam felizes!

Fez-lhes ainda um gesto affectuoso de depedida, e soltando a redea á sua cavalgadura afastou-se rapidamente, e foi logo perdida de vista na escuridão da estrada.

Os dous moços ficaram sós.

Caminharam durante muito tempo um ao lado do outro, procurando em seu espirito uma maneira de encetar a conversação. Seu embaraço fôra augmentado pela retirada da velha. Sentiam-se perto de algum momento solemne, e experimentavam a impressão mysteriosa e indefinivel que precede quasi sempre os actos decisivos da vida. As phrases frias e triviaes trocadas um mez antes tinham-se tornado impossiveis.

Entrando na pequena estrada pedregosa da ladeira de Belbousquet, Rosa tropeçou em uma pedra, e esteve prestes a cahir. Jorge sustentou-a segurando-a pelo braço.

— Essa pedra offendeu-a, Rosa? perguntou elle.

— Não, obrigada, Jorge.

Recahiram no silencio, porém Jorge conservou o braço da mulher debaixo do seu; continuaram a caminhar pensativos e mudos, unicamente occupados um com o outro e sem animarem-se a trocar seu pensamento commum.

Entretanto Jorge contemplou Rosa, e achou-a mui differente do que tinha visto.

Toda a sua pessoa trazia os vestigios visiveis das sensações violentas que acabavam de abalar-lhe a vida. Ella pareceu-lhe extremamente emmagrecida; as côres magnificas que elle tinha-lhe quasi censurado estavam substituidas por essa pallidez transparente, tão bella nas mulheres louras.

Seus cabellos em vez de formarem grossas tranças, segundo o costume, estavam alisados na fronte e negligentemente atados atraz da cabeça; o leve entumecimento das veias azues das fontes trahia uma emoção contida. Ella caminhava lentamente de olhos baixos, e de uma maneira languida que indicava o soffrimento. Vista assim á branda e triste claridade da lua com seu vestido branco e seu ar abatido assemelhava-se a um dos bellos anjos de Andrea del Sarte baixado contra vontade a esta terra de miseria e de dor.

Jorge foi impressionado por essa physionomia tão nova para elle; creu com effeito nunca ter visto Rosa, e continuou a observa-la sem comprehender a delicia que achava nessa contemplação.

Absorta pelos seus pensamentos, Rosa não percebeu a attenção de que era objecto, e em quanto o marido a contemplava, uma lagrima desceu-lhe lentamente pelas faces, e cahio sobre uma mouta de relva, onde brilhou um momento como uma gota de orvalho.

Essa lagrima commoveu o joven poéta.

— Esta' chorando, Rosa, disse elle, o que he que affige-a? He minha presença ou a ausencia de sua tia?

O seio de Rosa ergueu-se ouvindo a voz de Jorge; mas ella permaneceu silenciosa.

— Responda-me, querida Rosa, tornou Jorge; que tem? Desejo conhecer a causa de seu pesar.

— Não tenho nada, e estou alegre de ve-lo, disse Rosa emfim, erguendo para o marido seus olhos humidos.

E para provar-lhe a satisfação que tinha de tornar a ve-lo apertou brandamente o braço do marido; depois como envergonhada de um movimento tão ousado ficou mui vermelha, e durante um momento reappareceu-lhe no semblante a frescura de outr'ora.

Sua voz fora tão enternecedora dizendo essas palavras, seu olhar e seu gesto tinham uma graça tão branda, um sentimento ao mesmo tempo tão timido e profundo, que Jorge sentio-se perturbado até a alma.

— Então porque chora? perguntou elle affectuosamente.

— Oh! nunca lh'o poderei dizer.

— Obra mal, Rosa, deve dizer-me tudo; não devo eu ser seu protector, seu conselheiro, seu melhor amigo? Tenho o direito de consola-la, se vossê esta' afflicta. Alguem atreveu-se a penalisa-la na minha ausencia?

— Ninguem me fez nada, disse Rosa.

— Então que motivo pode affligi-la estando eu aqui, senão minha presença?

Essas perguntas feitas em tom quasi terno pareceram animar Rosa.

— Vossê nunca fallou-me assim, respondeu ella; e aliás tambem chorei muito o mez passado.

— De veras? disse Jorge, e como he que eu o ignorava?

— Não sei, vossê não reparava nisso. Porque razão não he mais o mesmo?

— Ah! sim, tornou Jorge suspirando; com effeito muitas cousas tem mudado em mim depois de certo tempo, e não sou mais o mesmo, como vossê diz; quero tentar faze-la esquecer-se do ente indifferente e enfadonho que conheceu; sera' possivel isso?

Rosa ia de sorpreza em sorpreza vendo a Jorge entrar primeiro no caminho, a que receiava tanto não poder conduzi-lo; seu coração encheu-se de esperança, e ella ficou tão contente que não pôde responder.

Jorge continuou:

— Sera' possivel isso, Rosa? podera' vossê esquecer-se do homem extravagante do mez passado, podera' perdoar lhe as faltas, a frieza, a injustiça? Ah! minha chara Rosa, vossê não sabe o que passou-se em mim; tenho muitos soffrimentos para desculpa. Se vossê soubesse!...., repetio elle abraçando em um só pensamento toda a sua dolorosa historia.

Parou; essa evocação do passado lhe magoara violentamente as feridas ainda ensanguentadas; a emoção dominou-o, elle cobrio o rosto com as mãos, e um breve soluço fez-lhe arfar o peito.

Vendo-o tão desesperado Rosa teve um desses movimentos generosos e apaixonados, a que certas mulheres não podem resistir.

Parou e pondo a mão sobre o braço do marido, forçando-o a descobrir seu semblante perturbado, disse-lhe com uma especie de branda solemnidade:

— Jorge, sei tudo. . . . . sim, tudo, e perdou-o-lhe....

— Como, vossê sabe!..... exclamou Jorge, vossê, Rosa! Oh! não, he impossivel..... Quem teria podido dizer-lhe?.....

— Vossê mesmo, respondeu ella tirando do seio a carta de Jorge a Estevão, e entregando-a.

Jorge ficou um momento pasmado, tomou a carta com mão tremula, e disse:

— Esta carta em suas mãos! Porque meio chegou-lhe?... que enigma!

— Não procure, Jorge; eis-aqui a verdade: seu amigo foi induzido por circumstancias de que vossê ha de ser informado a commetter a louvavel indiscripção de enviar-m'a.

— Que! vossê conhece todas as minhas loucuras... sabe... E não me aborrece! Oh! Rosa, então vossê he um anjo!

— Sou sua mulher, e quero ama-lo, respondeu ella em tom de terna reprehensão.

— Querida Rosa, permitta-me que lhe diga.....

Elle não acabou, porque vio diante de si o semblante carrancudo de Madama Lescalle erguendo-se no meio da vereda como uma divindade vingadora.

CAPITULO XXI.

Os esposos.

— Ah! são bellas horas para passear por montes e valles, senhor meu genro! disse Mma. Lescalle com o tom de autoridade de que abusava um pouco. Eu devia ter suspeitado sua volta não vendo Rosa recolher-se ás seis horas. Fui obrigada a jantar só; entretanto minha filha sabe que he uma cousa que detesto. Que cousa tão importante tinha de fazer por esses caminhos? Sem duvida formara o projecto de fazer Rosa ter um defluxo. He boa idea traze-la assim meio nua e exposta ao sereno da estação actual!

— Mma. Lescalle, apresenta-lhe meu respeito, respondeu Jorge sem fazer caso dessa multidão de palavras azedas.

Estava mui desgostoso pela apparição inexperada da sogra; mas não o quiz dar a conhecer.

— Não sou responsavel, tornou elle, por ter Rosa sahido na minha ausencia sem chapéo; encontrei minha mulher e a tia no caminho, mademesella Medé Lescalle voltou para Capucins, eu reconduzi Rosa para aqui: tudo isso he mui simples, e não devia attrahir me reprehensões.

— O que não he simples, replicou Mma. Lescalle, he sua inexplicavel ausencia. Que necessidade havia de ir a Marselha e ficar la mais de quinze dias?

— Não fui a Marselha passeiar, disse Jorge lançando um olhar expressivo a Rosa; estive la por um motivo grave.

— Que motivo era esse?

— Um negocio, respondeu Jorge disposto a não fazer nenhuma confidencia a' sogra.

— Um negocio! os grandes ou seus negocios! murmurou Mma. Lescalle entre os dentes; parece-me, continuou ella em voz alta, que o primeiro negocio para um homem casado ha quasi seis semanas, para um homem *sensato*, he occupar-se com sua mulher.

— He inteiramente essa a minha opinião; assim julgo terminados os meus negocios, e voltei para não tornar la mais.

E fallando desta maneira Jorge apertou brandamente o braço de Rosa, a qual era testemunha muda desse primeiro combate entre a mãi e o marido.

A approvação que lia-se nos olhos da joven esposa, e sua attitude passiva desagradaram a Mma. Lescalle, e fizeram-lhe nascer uma surda irritação contra essa filha tão pouco semelhante a ella; além disto preparada pelas revelações circumstanciadas de Thereza estava anciosa por travar a guerra quanto antes.

Essa mulher era essencialmente guerreira; gostava das agitações e dos abalos, assim como as outras apreciam a paz e o repouso. Travava todo o anno pequenas escaramuças com o marido, com a tia e com os criados, os quaes satisfaziam-lhe imperfeitamente os instinctos bellicosos, porque todos lhe tinham emfim cedido. A perspectiva de um verdadeiro combate com um adversario serio, como um genro, fazia-lhe soar no pensamento todas as trombetas das discordias intimas, correspondia assim a uma necessidade de sua natureza inquieta, e tornava a abrir-lhe os horisontes de uma esphera de acção, na qual ella teria o papel de general do exercito, e poderia tomar para bandeira as grandes palavras de amor materno, de dever, de decencia: que artilharia! e como ficaria fulminado esse homemzinho tão timido!

— Então, disse Madama Lescalle a' filha, ficas ahi calada como se não te interessasse aquillo de que fallo? He por teu gosto que teu marido vai passar a' vontade, entretanto que seccas aqui como um velho colmo?

— Mas, minha mãi, se Mr. de Vedelle teve negocios em Marselha, obrou bem indo la.

— Não podia levar-te comsigo?

— Não lh'o pedi.

Madama Lescalle ficou vermelha de colera a' vista dessa submissão; a discussão ia sahir do caminho. A tempestade amontoada sobre Jorge ameaçava rebentar sobre a cabeça innocente de Rosa. Madama Lescalle ficou indignada. Bem como muitas pessoas aferradas ás suas ideas ella não queria achar a filha differente do que teria sido sem seu lugar. Assim Rosa opprimida, Rosa victima, Rosa furiosa mesmo, teria encontrado nella a defensora mais apaixonada; o apoio mais energico; Rosa resignada a' sua vergonhosa situação tornava-se uma tolinha que merecia ser corrigida rigorosamente.

— Acho extraordinario, minha filha, começou ella em tom decisivo, que...

Jorge interrompeu-a dizendo-lhe:

— Fallavamos de negocios, senhora, e Vmc. perguntava-me que fui fazer em Marselha; eu trouxe de la' uma noticia que ha de causar-lhe grande sorpreza.

— Que noticia? perguntaram ao mesmo tempo as duas mulheres.

— El-rei acaba de nomear-me cavalleiro da Legião de Honra.

A mãi e a filha encararam-se com espanto.

Um relampago de triumpho brilhou nos olhos de Rosa; Madama Lescalle ficou estupefacta. Julgou que Jorge estava inteiramente doudo.

— Ah!... a Vmc.? Não he possivel, balbuciava ella sem saber o que dizia.

— Que felicidade! exclamou Rosa alegremente batendo palmas com gesto infantil. He a grande noticia de que Mr. d'Alais falla-me em sua carta.

— Mas, perguntou Madama Lescalle; porque razão deram-lhe a cruz?

Ella julgava ter havido engano entre os nomes de Jorge e do irmão.

— He cousa mui simples, querida mãi, eu compuz um livro, o qual teve mais felicidade do que merecia; alguns amigos o elogiaram e talvez um pouco prematuramente foi-me dada a cruz. Agora he favor; espero que algum dia sera' justiça.

Desde a primeira palavra—compuz um livro, Madama Lescalle estava pasmada.

— Boa Virgem! Vmc. escreveu um livro!

Encarava a Jorge com olhos muito abertos, e repetia suas exclamações como se dissesse. Fez uma estrella.

Jorge não deu grande attenção ao espanto da sogra; estava occupado em observar a alegria de Rosa, muito mais importante para elle.

Antes de travar-se novamente entre Madama Lescalle e o genro essa conversação começada com tanto azedume e acabada de uma maneira tão inesperada, chegaram a' avenida de Belbousquet.

— Ja chegamos, disse Jorge abrindo o portão, e fazendo a sogra entrar diante de si. Sinto-me mui fatigado esta noite; permitta-me que recolha-me cedo. Amanhãa estarei ás suas ordens para conversar.

Madama Lescalle tornada subitamente silenciosa contentou-se de fazer um signal de assentimento.

— Vmc. não fica aqui, minha mãi? perguntou-lhe Rosa; he muito tarde para voltar a' cidade e sua alcova esta' prompta.

— Sem duvida fico; pretendia até passar comtigo alguns dias e ja avisei disso a teu pai.

Jorge não fez nenhuma observação. Entraram em casa. Thereza lançou curiosamente a Madama Lescalle um olhar cheio de interrogações; porem esta não deu-lhe attenção; Thereza e suas historias tinham ficado no segundo plano. Madama Lescalle não via mais claramente seu papel; precisava de estar só, e recolher suas ideas mui perturbadas pela communicação de Jorge.

— Vou ja para minha alcova, disse ella entrando. E accendeu a vela com impaciencia.

— Faremos outro tanto, respondeu Jorge recebendo a sua das mãos de Thereza.

Rosa acompanhou a mãi a' sua camara, e retirou-se depois de dar-lhe boa noite.

Madama Lescalle, que viera de proposito para *confessar a filha*, não teve o animo de deter Rosa para faze-la fallar. A questão achava-se muito mudada pela metamorphose do adversario, e era mister estar menos desconcertada que Madama Lescalle para explorar com a filha o terreno delicado das confidencias conjugaes.

(Continuar-se-ha.)

Vide *Diario* n. 19.

MUTILADO ILEGÍVEL

daquella republica, estes novos fugitivos, invadem o lar domestico, saqueiam a honra das familias, e a reputação de quantos lhes cahem debaixo das garras; e se não vivem na serra do Barriga, vivem com a sella na barriga, e a cada passo fazem da riqueza, e do bem-estar motivo para uma cruzada de descomposturas.

A republica da *Liberal* tem como a dos Palmares o seu chefe ou *Zumbi*, que se não he o mais valente do *quilombo*, he pelo menos o mais audaz e insolente que se conhece, qualidades estas, que quasi sempre andam unidas á cobardia.

Até na religião ha suas coincidencias: nos Palmares era o christianismo com algumas superstições gentilicas, e na *Liberal* he o christianismo com seus laivos de heresia. Aqui como lá o *Zumbi* he o papa do *quilombo*. Aqui como lá o *Zumbi* he electivo e vitalicio, com uma differença, que nos Palmares a eleição se fazia por uma só vez, e na *Liberal* repete-se a farça todos os annos: esta farça he uma imitação da do *Zumbi* de Buenos Ayres, o general Rosas, a que o governo do Brasil poz termo felizmente em Monte Caseros.

O quilombo da *Liberal* não causa menos temor que o dos Palmares causava aos seus vizinhos de Porto Calvo; e por isso tambem tem suas allianças, como aquelles, compradas a custa de extorsões, como improperios, sarcasmos, doestos, etc., etc., etc.

Felizmente o *quilombo* da Liberal esta sitiado pela infantaria dos Srs. Peixoto de Britto, e Vilella Tavares; e só esperamos pela grossa artilharia deste ultimo, para ver desmoronar esse colosso de lixo, que ameaça a paz, a tranquillidade, o socego das familias e a ordem publica, a liberdade, a moralidade e a civilisação da nossa provincia.

Alguem espera que o *Zumbi da Liberal* se atire depois da derrota de alguma montanha abaixo: mas está enganado, porque o *Zumbi* de hoje não he o *Zumbi* de então: he *quadrimano*, e tem uma cauda capaz de agarrar-se até nas ramas de um espinheiro: ou he como as cabras, que sobem e descem por onde nem o demo o faria sem muito medo.

Eis ahi explicado o que quer dizer *Zumbi*, e definido quem seja o *Zumbi da Liberal*.

O publico que faça agora o seu juizo depois das nossas reflexões e coincidencias, e veja se he possivel conservar por mais tempo esse *quilombo*, tendo em constante ameaça a vida, a honra, e a reputação de tudo quanto ha de mais grado e honesto, não só nesta provincia, como em todo o Brasil.

O Liberal Genuino.

Litteratura.

JOA'O JACQUES ROUSSEAU.
Sua vida e suas obras,

IX.

Rousseau e o Theatro.

A carta sobre os espectaculos.—O theatro em Genebra.—A questão do theatro antes de Rousseau.—Discussão entre Rousseau e d'Alembert.—Da purgação das paixões no theatro segundo Aristoteles, e Cornelio.—Influencia do theatro sobre a condição das mulheres.

No começo do anno de 1758, estabeleceu-se Rousseau em uma pequena casa que tinha um belveder aberto sobre o valle de Montmrency e o lago Saint-Grateien ou de Enghien, onde escreveu sua carta sobre os espectaculos. Elle proprio nos diz em suas confissões com que disposição de espirito compoz esta carta: « Até então—diz elle—a indignação da virtude me servira de Apollo; d'esta vez substituiram-no a ternura e a doçura da alma.

« As injustiças de que eu fora apenas espectador haviam-me irritado: as que sobre mim pezaram entristeceram-me, e esta tristeza sem fel era a tristeza de um coração muito amante, muito terno que enganados por aquelles que julgam de sua tempera era forçado a retirar-se para o interior de são mesmo A' tudo isto juntava-se um certo desanimo tal, que eu me sentia a morrer e que julgava fazer ao publico minhas ultimas despedidas. Eis—aqui são as causas secretas do tom singular que reina nesta obra e que tão prodigiosamente contrasta com o da precedente (1).»

Quanto amim, a carta sobre os espectaculos não respira a melancolia e doçura com que Rousseau crera have-la borrifado. Se o estylo he mais facil que o discurso sobre a desigualdade das condições, se he menos affectado e torneado, se emfim tem todas as grandes qualidades do autor sem ter lhe os defeitos, ha por que então ja Rousseau compozera metade da « Nova Heloiza, » e adquirira mais facilidade e liberdade que no começo de sua carreira mais Rousseau sempre victima de sua imaginação pensava que quando escrevia. mais facilmente, era por disposição do espirito e pela liberdade que havia recobrado por sua ruptura com seus amigos: novo e curioso testemunho d'esta tendencia para uma especie de independencia selvagem que constitue o fundo do caracter de Rousseau.

Quanto a nos, sem procurar achar na carta sobre os espectaculos, os mysterios que Rousseau creu haver-lhe confiado, sem procurar Grimm, madama d'Epinay, madama de Haudedot, Saint-Lambert o mesmo Rousseau, bem que elle pretenda haver n'ella representado todos estes personagens, analysemos esta composição de Rousseau e a questão que elle ventila:—os espectaculos são bons ou máos? servem para corrigir os costumes ou para corrompe-los?

I

Digamos em primeiro lugar em que occasião escreveu Rousseau sua carta sobre os espectaculos.

Não havia então theatro em Genebra. Em 1714, o conselho de estado autorisara comediantes, mas dentro em pouco o consistorio interdisse os comediantes, por que os actores tinham pouco a pouco confundido com elles e representavam peças de Moliere. Em 1738, Genebra sendo agitada por perturbações que chegarám até a produzir a guerra civil, a França, Zurich e Berne intervieram e enviaram mediadores. Estes mediadores, principalmente o conde de Lautrec. mediador francez, pediram que fosse permittido a alguns comediantes dar algumas representações. Em balde oppoz-se-lhe o consistorio; suas queixas não foram attendidas. No entanto estas representações theatraes duráram muito pouco, e achamos nos extractos dos registros do conselho de estado de Genebra que a 16 de dezembro de 1738, o consistorio representou que a comedia causava uma perda de tempo consideravel, principalmente aos estudantes e aprendizes, que enraizava nos corações o espirito de vaidade, sustentava o amor do luxo, distrahia os espiritos das assembleas religiosas e causava uma consideravel despeza por que os comediantes haviam apurado no ultimo anno nove ou dez mil libras, que em uma palavra, seria para desejar que se os interdisse perpetuamente.

« Resolveu-se segundo isto, dizem os registros, não prorogar ao director a permissão que lhe fora concedida para trinta e duas recitas. »

Este extracto dos registros do conselho de estado nos mostra como a comedia ensaiva constantemente introduzir-se em Genebra e como os velhos costumes dos genebreuses e o consistorio, guarda fiel destes velhos costumes, resistiam a semelhante introducção.

Em 1755, Voltaire se havia estabelecido em Ferney. Edificou em seu castello um theatro onde se representava e elle mesmo representava suas tragedias. Sendo convidados os habitantes de Genebra para assistir a estas representações, pouco se foi propagando em Genebra o gosto pelo theatro. Voltaire quereria que em Genebra houvesse um theatro publico, para sem duvida ter o prazer de fazer representar suas peças perante uma verdadeira platea, e não mais como em seu castello, perente uma platea de salão.

D'Alembert, no artigo Genebra da Encyclopedia, aconselhou aos seus habitantes que edificassem um theatro. Rousseau leu este artigo e dizem, que escrevera sua carta sobre os espectaculos por despeito e ciume de Voltaire e dos philosophos. mas não! Rousseau não fez senão seguir o pensamento que ja o inspirara em suas outras obras. A carta sobre os espectaculos faz parte da cruzada que Rousseau emprehendeu contra a civilisação do XVIII seculo ou antes contra a civilisação moderna. Elle proscreveu o theatro como proscrevera as artes, a litteratura e até o commercio e a industria. Rousseau tem medo da metade, pelo menos, dos movimentos do coração e do espirito humano. Elle supprime uma parte do homem para governar a outra mais facilmente.

Não ha, dizemo-lo ousadamente, não ha uma censura feita ao ascetimo christão que se não applique justamente a moral e a politica de Rousseau. Acrescente que ao menos o ascetismo christão, feichando ao homem a carreira pelo lado do mundo, lhe abre uma immensa do lado do céo.

Bem sei que não he para desprezar a observação que faz Rousseau, quando se defende da censura de ser inimigo das lettras e das artes; elle escreve, segundo diz, para os pequenos estados e não para os grandes, para as pequenas republicas e não para os imperios.

« Em uma grande cidade cheia de pessoas intrigantes, ociosas, sem religião, sem principios cuja imaginação depravada pela ociosidade inercia, pelo amor do prazer e por grandes necessidades se engendra monstros e se inspira crimes, a policia nunca poderia multiplicar demasiadamente os prazeres permittidos nem torna-los agradaveis para tirar aos particulares a tentação de procurar outros mais perigosos;... porem nas pequenas cidades, nos lugares menos povoados em que os particulares, sempre aos olhos do publico, são censores natos uns dos outros, he necessario seguir maximas inteiramente contrarias. » (2)

Por maior que seja o cuidado que Rousseau põe em restringir por si mesmo o alcance de suas reflexões e de moderar a sua applicação para minorar o seu rigor, entretanto elle condemna absolutamente o theatro. Elle não diz com effeito, reflecti bem, que os espectaculos são sempre um bem, excepto para os pequenos estados; diz ao contrario os espectaculos são sempre um mal, excepto para os grandes estados e isto porque os grandes estados são por si mesmos um mal, porque nas grandes cidades civilisadas e corruptas, são necessarios os divertimentos para impedir os crimes, he necessario dar ceva regular as mais paixões, porque senão tornem furiosas. Devemos pois tratar da questão geral dos bons e máos resultados do theatro, pois que he desta questão geral que Rousseau trata em sua carta a d'Alembert.

II.

Esta questão he ha muito tempo contravertida, e he curioso lançar um rapido volver de olhos sobre a historia desta controversia, ainda quando não fosse senão para convencermo-nos do pequeno numero de argumentos que estão a disposição do espirito humano para ventilar as discussões deste mundo.—O homem neste mundo representa sempre a mesma peça com gestos differentes.

Desde Platão, que não ousando atacar abertamente a mythologia, poz-se a atacar Homero, os philosophos da antiguidade são pouco favoraveis ao theatro. Cicero nas Tusculanas zomba da pretenção que a comedia era ja a seu tempo uma escola de costumes e de ensinar a arte de reprimir as paixões. Com effeito a comedia, por esta louca pretenção, fez-se muitas vezes guerra. Como ella bem sentia que algumas vezes podia passar por frivola e licenciosa, quiz fulminar as accusações por seu arrojo e declarou-se a instituidora dos costumes. He por isto que Cicero exclama:

« Oh! que admiravel reformadora dos costumes que he a poesia, que colloca no numero dos deoses o amor o autor de todos os vicios e da licenciosidade! Fallo aqui da poesia comica que não existiria sem estes vicios que os homens amam e que constituem o assumpto principal das comedias. » (3)

Séneca pretende que nada ha tão pernicioso como o theatro; « he ahi que o prazer introduz facilmente o vicio n'alma dos homens; sempre se sahe do treatro mais cubiçoso, mais ambicioso, mais amante do luxo e do prazer. » (4)

O padre Lebrun que em seu discurso sobre a comedia cita esta passagem de Séneca contra o theatro, deveria notar que se trata principalmente nesta carta dos jogos do circo e dos combates de gladiadores. Séneca faz mais ainda, não aconselha somente a Lucilio que fuja dos espectaculos, aconsêlha-lhe que evite o mundo: « Tu me perguntas o que deves evitar principalmente; evita o mundo. Quanto a mim confesso minha fraqueza: nunca o visito sem que volte menos bom... As sociedades numerosas são mas. » (5)

Seneca falla aqui do mundo como se podera exprimir um doutor da igreja. Com effeito, se quizermos evitar o que excita as paixões, devemos evitar tanto o mundo como o theatro; ambos valem o mesmo para o christão ou para o philosopho.

O padre Lebrun em seu discurso sobre a comedia empenha-se tanto em recolher testemunhas contra o theatro. que as vai procurar em Ovidio, e confesso que seria pungente ver o autor da arte de amar depôr contra a comedia e contra a licenciosidade dos costumes. Este testemunho pareceria uma confissão.

« Ovidio, diz o padre Lebrun, declara que os jogos são uma semente de corrupção e exhorta Augusto para supprimir os theatros. »

Estou embaraçado por haver de expor um contrasenso do grave autor; Ovidio lastima-se de que Augusto o tenha condemnado como um doutor de libertinagem.

« Os versos amorosos, diz elle, não corrompem senão a aquelles que estão promptos para a corrupção. Não ha livros innocentes para os que leem sem innocencia. Todos os livros podem fazer mal; supprimireis todos os livros? Os espectaculos podem corromper; destruireis os theatros? » (6)

Não ha certamente aqui nenhuma exhortação seria para destruir os theatros.

Demais Augusto, quando mesmo Ovidio ou qualquer outro poeta mais acreditado que Ovidio lhe aconselhasse supprimir os espectaculos não o teria feito. O pão e os espectaculos eram os dous grandes meios de governo dos imperadores sobre o povo de Roma. Todos os que antes de Augusto, pozeram a mira no poder soberano, haviam offerecido espectaculos ao povo. Pompeu mandou edificar um circo de pedra e os velhos senadores o accusaram de corromper por isso os costumes publicos. Até ahi com effeito, diz Tacito em seus Annaes (7), não havia senão cercas de madeira que se construiam para a occasião e depois se destruiam.

Com um circo permanente, o amor do prázer e da licença se introduziriam em Roma; mas como a licença e a ociosidade são os prazeres ou as consolações da servidão, era preciso que os imperadores sustentassem e divertissem o povo. Assim pois, Augusto mandou edificar um circo e em pessoa assistia aos jogos que nelle se representavam,—quia civile rebatur misceri voluptatibus vulgi—, porque era de sua politica mesclar-se nos prazeres do povo. Só os bons imperadores he que ousaram conter ou contrariar o gosto que tinha o povo pelos espectaculos. Marco Aurelio só permitte os jogos do circo a tarde, para não interromper o trabalho e o commercio; porém o povo murmurou e disse que o imperador queria fazer todo o mundo philosopho. Até aos ultimos tempos, o theatro e o circo foram um dos principaes cuidados do governo imperial e o mesmo Theodorico, senhor da Italia continuou cuidadosamente esta tradicção dos imperadores. Assignou subvenções para os comediantes e reparou o circo e o theatro de Roma. (8)

As desgraças da guerra e da invasão não interrompiam os espectaculos. Cidades foram aprisionadas pelos barbaros, em quanto o povo estava no theatro. Em Antiochia, sob o imperio de Galliano, o povo assistia, no circo, as graças de um bobo, quando de repende a mulher do bobo que com elle representava exclamou:

Se não estou sonhando, ahi estão os Persas. Com effeito eram os Persas que saqueiavam e incendiavam a cidade e que começaram a matar os espectadores. Em Carthago, foi tambem durante uma representação do circo que a cidade foi tomada pelos Vandalos, por modo que os gritos dos que eram mortos confundiam-se, diz Salvien, com os gritos dos que applaudiam no circo;—confundebatur vox morientium voxque bacchantium, ac vix discerni poterat plebis ejulatio quæ cadebat in bello e sonus populi qui clamabat in circo. (9)

Treves, emfim, tendo sido muitas vezes saqueada pelos barbaros, os habitantes que sobreviviam a estes desastres pediam aos imperadores jogos de circo como indemnisação e consolação a suas desgraças, —qui excidio superfuerant quasi pro summo delete urbis remedio circenses ab imperatoribus postulabant.— (10)

Os padres da igreja são ainda mais severos contra o theatro que os philosophos antigos.

Não he isto para admirar, que elles são mais severos guardas dos costumes, e além disto o theatro prendia-se á mythologia por tantos laços, que atacando o theatro, os padres da igreja atacavam a idolatria; mas não quero resumir seus argumentos, que se acham na controversia dos XVII e XVIII seculos.

O debate, com effeito, empenhou-se nestes dous seculos, tomando em cada um a forma do tempo: no XVII entre os theologos; no XVIII entre os philosophos.

Um dos confidentes, ou antes um dos empregados litterarios do cardeal de Richelieu, o abbade d'Aubignac, fez, por ordem de Richelieu, um projecto de reforma do theatro.

Neste projecto, trata dos máos effeitos dos espectaculos e propõe o meio de os remediar; he curioso conhecer estes meios.

Vê-se nelles o genio imperioso e despotico de Richelieu, que tudo queria dirigir e tudo organisar.

Fundando a academia franceza, queria o cardeal administrar as lettras; mandando fazer um plano de reforma para o theatro, queria administrar os espectaculos.

O espirito das lettras he tão naturalmente liberal que a academia franceza que elle creara pela autoridade, viveu e vive pela liberdade.

Quanto ao theatro, Richelieu morreu antes de ter feito a sua reforma, mas o abbade d'Aubignac nos conservou o seu plano.

Richelieu, neste projecto, começa, quer como cardeal, quer como ministro, a libertar o theatro e os actores da censura que os opprimia.

« Uma declaração do rei, diz elle, attendendo de uma parte que os divertimentos do theatro não são mais um acto de falsa religião e de idolatria como em outro tempo, mas somente um divertimento publico, e que de outro lado, as representações se conformam a honestidade e os actores não vivem mais no deboche e com escandalo, levanta a nota da infamia contra elles decretada pelas ordenanças e arestos. » (11).

Entretanto, para que os actores mereçam a rehabilitação que lhes he concedida, o abbade d'Aubignac propõe varias medidas:

« 1º Que seja prohibido ás moças subirem ao palco se não estiverem na companhia de seu pai ou sua mãi.

« 2º Que as viuvas sejam obrigadas a se casar seis mezes depois do cumprimento do luto, e que não representem durante o anno do luto.

« 3º Sua magestade estabelecerá uma pessoa de probidade e de capacidade, como director, intendente ou grão-mestre dos theatros e dos divertimentos publicos em França, que tomará cuidado em que o theatro se mantenha na honestidade, que vellará as acções dos actores e dará conta disto ao rei. »

Este grão-mestre dos theatros (e eu não responderia se o bom abbade d'Aubignac não ligava á creação do grão-mestrado dos theatros alguma esperança pessoal; he o costume dos fazedores de planos se reservarem algum lugar, como os antigos pintores se collocavam voluntariamente em um canto de seus quadros), este grão-mestre dos theatros tem toda especie de attribuições importantes e diversas: escolhe os actores « e os obriga á estudar as narrações e as expressões dos sentimentos, afim de que tudo seja completo; » lê as peças dos poetas já acreditadas e « examina a sua honestidade, ficando o mais em perigo de sua reputação. Quanto aos poetas noveis, suas peças são examinadas pelo grão-mestre e reformadas segundo suas ordens. »

O grão-mestre he igualmente encarregado « de achar um lugar commodo e espaçoso para construir um theatro segundo os modelos, que serão dados á exemplo dos antigos....

Ao redor desse theatro se edificarão casas para alojar gratuitamente as duas companhias de actores necessarias a cidade de Paris.

Não quero fazer uma comparação deshonesta; mas quando vejo este projecto de theatro e mesmo de phalansterio dramatico, se posso assim me exprimir, proposto por um abbade a um cardeal, me he impossivel não pensar que nesta época em que a vida religiosa reflorescia nos conventos pelas reformas de alguns chefes de ordem, a idéa de imitar as instituições monasticas se estendia por toda parte, mesmo no theatro, e que o bom abbade d'Aubignac se fazia de alguma sorte prior de uma congregação dramatica que se tratava de reformar.

O gosto publico purificou o theatro melhor do que o teria feito o grão-mestre. (12) Entretanto a igreja continuou a ser severa com o theatro.

Nicole e Bossuet prohibem sem exitar os espectaculos e declararam-n'os perigosos para os costumes.

A controversia sustentada sobre este assumpto em 1666 por Nicole e em 1694 por Bossuet merece uma attenção particular.

Em 1665, Desmarets de Saint-Sorlin, autor dos *Visionarios* e do poema de Clovis, tendo-se feito devoto, atacou e calumniou os Jansenistas.

Este modo de fazer penitencia dos seus peccados sobre os jansenistas tornou alliados de Desmarets todos os inimigos de Porto Real; mas como os doutores de Porto-Real eram grandes controversistas, e « como serviam-se da colera para defender a justiça » (13) cahiram vivamente sobre este poeta comico e romancista que se erigia em theologo; não se limitaram a atacar o poeta, atacaram tambem a comedia, e este ataque trouxe Racine á lice, de sorte que o combate travou-se entre Porto-Real e Racine, isto he, entre os mestres e o discipulo, porque Racine era discipulo de Porto-Real; mas elle era poeta dramatico, e não podia soffrer que « os autores de romance e os poetas do theatro fossem tratados de envenenadores publicos, não dos corpos mas das almas. »

Era com este nome que os austeros controversistas de Porto-Real designavam os autores dramaticos, e como se tivessem pensado em seu antigo discipulo, elles disseram que « quanto mais cuidado põe o poeta em cobrir com o véo da honestidade as paixões criminosas que descreve, tanto mais elle as torna perigosas e capazes de sorprender e de corromper as almas simples e innocentes. » (14).

Racine tinha em Porto-Real uma tia que lhe não poupava reprehensões sobre o seu gosto pelo theatro; parece até que elle não era mais recebido em Porto-Real: imaginou-se que o autor dos *Visionarios* tinha em vista fallando dos poetas que cobriam com um véo de honestidade as paixões criminosas. « Meu pai tomou isto para si, diz Luiz Racine, em suas notas sobre a vida de seu pai, elle deu mais attenção á sua vivacidade natural: tomou a penna, e sem dizer a ninguem, escreveu e espalhou pelo publico uma carta sem nome do autor, onde ridicularisava esses senhores do modo mais amargo.

A carta fez grande estrondo; os molinistas bateram palmas e ficaram encantados de ter emfim achado o que procuravam ha muito e tão inutilmente, isto he, um homem cuja penna podessem oppor a de Pascal, affligindo-se entretanto por não conhecerem o autor da carta. » (15).

Ha aqui alguma cousa que notar para a historia litteraria: a severidade de Porto-Real contra a comedia e seu gosto pela velha tradicção da igreja; a vivacidade de Racine ainda joven e em seu tempo de erros e miserias, como disse mais tarde em uma carta mademesella Maintenon (16), crendo defender sua causa e mesmo sua pessoa defendendo o theatro, não hesitando atacar seus antigos mestres e fazer-se alliada de um mao poeta; os molinistas emfim ou os jesuitas, aceitando a alliança com o theatro ou com seus defensores: eis o que na questão pertence á historia do tempo. Mas a par disto ha os argumentos que pertencem ao assumpto mesmo do debate, argumentos a favor do theatro na carta de Racine, e contra em Nicole.

Como homem habil e que adevinha toda a arte da polemica, logo que nella se envolve, Racine ataca antes a austeridade de Porto-Real, do que defende o relaxamento do theatro, e nem elle começa por justificar o theatro, mas a poesia em geral.

« Nós conhecemos, diz elle aos autores de Porto-Real, a austeridade de vossa moral: não estranhamos que condemneis os poetas, á outros vós condemnais além delles. O que nos sorprende, he ver que quereis impedir os homens de honra-los. Ah! senhores, contentai-vos com distribuir os lugares no outro mundo; não reguleis as recompensas neste. Vós o deixastes ha muito tempo. Consenti que elle julgue as cousas que lhe pertencem. Lastimai-o se quizerdes, por amar bagatelas e de estimar os que as fazem; mas não invejeis as miseraveis honras a que tendes renunciado. »

Dous amigos de Porto Real, Dubois, o traductor das cartas de S. Agostinho, e Barbier d'Aucourt, responderam á Racine, e este fez outra carta mais viva e mais mordaz, que a primeira, onde toma as provinciaes por scenas de comedia (e tinha bem razão em julga-las assim):

« Dizei-me, senhores, o que se passa nas comedias? Representa-se um criado velhaco, um aldeião avaro, um marquez extravagante, e tudo quanto ha no mundo de mais digno de riso. Confesso que a provincial escolheu melhor seus personagens; buscou-os nos conventos e na Sorbonna; introduzio em scena ora jacobinos, ora doutores, e sempre jesuitas. Quantos papeis lhes faz ella representar! Umas vezes apparece um jesuita bom, outras um jesuita máo, e sempre um jesuita ridiculo. O mundo tem rido durante algum tempo, e o mais austero jansenista teria crido antes trahir a verdade, do que não rir tambem. »

Feita esta segunda carta, Racine antes de imprimi-la mostrou-a á Boileau.

Este escutou-a com grande sangue frio, louvou extremamente a forma e o espirito do trabalho, e acabou dizendo:

« Esta bellamente escripta; mas não pensais que escreveis contra as pessoas mais honestas do mundo.»

« Essas palavras, diz Luiz Racine, fizeram logo meu pai entrar em si, e como não havia homem menos ingrato, nem mais compenetrado dos deveres do homem de bem, as obrigações em que elle estava para esses senhores lhe vieram todas ao espirito: supprimio sua segunda carta e seu prefacio, e retirou os exemplares que pôde da primeira... Se jamais uma falta pôde ser reparada por um arrependimento, foi esta. Eu fui testemunha do pezar que elle teve em toda a sua vida; se fallava nisto era com uma humildade e confusão, capazes por si de apaga-la. »

O monumento de arrependimento de Racine, he sua admiravel historia de Porto Real, mas eu não pude resistir ao prazer de citar uma anecdota que honra Boileau e Racine, e que faz com que possamos ter com elles o prazer exquisito para a alma de estimar o que admiramos.

As duas cartas de Racine que possuimos a' pezar seu e contra o voto de seu arrependimento, quasi nada fazem para justificar os espectaculos. A questão he muito melhor tratada em uma carta de Boileau em 1707. Tinha havido entre Boileau, Massillon e M. de Montchesnay (17), uma conversação sobre os bons ou maos effeitos do theatro. Massillon, fiel á tradicção da igreja proscrevia absolutamente a comedia. (18) M. de Montchesnay era da opinião de Massillon. Boileau defendia o theatro, mas distinguia cuidadosamente a comedia dos comediantes. « Demais, vós enunciais uma maxima que não he, segundo me parece, sustentavel, dizia elle á seus interlocutores (porque sua carta evidentemente he o resumo de sua conversação): isto he, que uma cousa que pode produzir algumas vezes ma'os effeitos nos espiritos viciosos, ainda que não seja viciosa em si, deve ser absolutamente prohibida, embora ella por outro lado possa servir de recreio e instrucção dos homens. Se isto fosse assim não seria mais permittido pintar nas igrejas a virgem Maria, nem as Suzanas, nem as Magdalenas de semblante agradavel, porque pode muito bem acontecer que seu aspecto excite a concupiscencia de algum espirito corrompido. A virtude converte tudo em bem, e o vicio tudo em mal. Se vossa maxima fosse recebida, não bastaria só não ver representar nem comedia nem tragedia, mas seria preciso tambem não ler nenhuma, seria preciso tambem não ler nem Virgilio, nem Theocrito, nem Terencio, nem Sophocles, nem Homero... Acreditai-me, attacai nossas tragedias e nossas comedias, porque ellas são ordinariamente muito viciosas, mas não ataqueis a tragedia e a comedia em geral, porque são em si mesmas indifferentes... Sim eu sustento, por mais que diga o padre Massilon, que o poema dramatico he uma poesia indifferente em si mesma, e que não he má senão pelo ma'o uso que della se faz. (19) Eis a questão bem estabelecida, e eis os argumentos que se pode empregar para defender a causa do theatro. A comedia não he uma escola, o drama não he uma licção, como sustentam seus inhabeis apologistas; a poesia dramatica, como todos os outros generos de litteratura e como o proprio espirito humano, pode servir ao bem e ao mal. Tudo depende do uso que della se faz.

Vimos os argumentos que Racine em 1666 e Boileau em 1707 faziam valer em favor da comedia. Vejamos agora como os defensores da tradicção da igreja proscreviam abertamente o theatro e a comedia. Não queremos examinar os argumentos que elles empregam: nós os acharemos na controversia de Rousseau; indagamos agora somente se os doutores que proscreveram a comedia, comprehenderam a causa do prazer que proscreviam. Pensamos que comprehenderam muito bem a causa do prazer que nos da' o theatro, e suas censuras explicam do modo o mais engenhoso a natureza da emoção dramatica. Ha uma poetica completa em sua excommunhão.

Os dous principaes censores do theatro em 1666 são o principe de Conti e Nicole.

O principe de Conti ama'ra muito o theatro, e tinha protegido Moliere. Depois fez-se sinceramente devoto, tornou-se jansenista, e se esforçou por uma especie de zelo expiatorio, por destruir o prazer que tinha amado. Reunia com cuidado as passagens dos padres que condemnavam os espectaculos, e publicou-as fazendo-as preceder de um tratado sobre a comedia, que he um dos melhores escriptos de nossa lingua no seculo 17; não posso fazer-lhe maior elogio. Neste tratado o principe de Conti he muito severo contra o theatro; mas até na severidade do censor, se encontra a experiencia do homem que muito conheceu e muito amou o theatro, e he isto o que constitue o merito e direi mesmo o gosto desta obra, feita com um espirito de penitencia.

« O que ha de mais deploravel na comedia, diz o principe de Conti, he que os poetas são senhores das paixões que descrevem, mas não assim das paixões que os animam. Elles estão seguros de fazer acabar as de seu heroe e de sua heroina com o quinto acto, e que os comediantes não dirão senão o que esta' em seu papel, porque elles ahi só entram com sua memoria, mas o coração commovido pela representação, não tem os mesmos limites: elle não obra por medida. Desde que elle se acha attrahido por seu objecto, abandona-se a' elle em toda a extensão de sua inclinação, e muitas vezes depois de ter resolvido não levar as paixões alem dos heroes da comedia, elles se illudem. O espirito acostumado a nutrir-se de galanterias, e cheio de aventuras agradaveis e sorprendedoras, de versos ternos, delicados e apaixonados, faz com que o coração dedicado a' todos esses sentimentos não seja mais capaz de moderação. (20)

Em vão os defensores da comedia pretendiam que o theatro acaba sempre por mostrar o vicio punido e a virtude recompensada O principe de Conti tem muita experiencia do coração humano para contentar-se com esta razão.

« O poeta, depois de ter espalhado seu veneno em uma obra inteira de um modo agradavel, delicado e conforme a' natureza e ao temperamento, crê desfazer tudo isto com um discurso moral na bocca de um velho rei representado ordinariamente por um ma'o comico, cujo papel he desagradavel, cujos versos seccos e frios e algumas vezes maos, porque nestes lugares he que o poeta descança dos esforços de espirito que acaba de fazer tratando das paixões (21); » e para completar sua resposta, o principe de Conti cita alguns versos de Godeau, um antigo mundano tornado tambem bispo.

« Eu bem sei, diz Gedau, em um soneto sobre a comedia: »

Qu'on y voit a la fin coronner l'innocence
. . . .
Mais in cette leçon si pompeuse et si vaine,
Le profit est douteux et la pert certaine;
Le remede y plait moins que ne fait le poison;
Elle peut reformez un esprit idolatre, (raison,
Mais pour changer leurs mæurs et regler leur)
Les chretiens ont l'eglise et nompas le theatre (22).

Nesses versos, judicioso antes do que elegante, Godeau faz uma distincção justa que esquecera ao principe: a comedia pode servir a moral do mundo; ella he inutil e perigosa a moral christãa, Pode ser um remedio para o mal, he perigo para o bem. A severidade de Porto-Real não admittia essas justas modificações. O que offende mais a Nicole e o que elle combate com mais colera « e, diz elle, tem-se emprehendido neste seculo justificar a comedia e faze-la passar por um divertimento que se podia alliar com a devoção. Os outros seculos eram mais simples no bem e no mal. Os que faziam profissão de piedade testemunhavam por suas acções e por suas palavras o horror que tinham a esses espectaculos profanos. Os que eram apaixonados pelo theatro reconheciam ao menos que não seguiam assim as regras da religião christãa; mas neste seculo ha pessoas que tem pretendido alliar sob este ponto a piedade e o espirito do mundo. Não se contentam de seguir o vicio, querem ainda que elle seja honrado, e que não o injuriem com o nome vergonhoso de vicio, que sempre perturba um pouco o prazer que se sente pelo horror que o acompanha. Procuram fazer com que a consciencia se acommode com a paixão, e não a va inquietar com seus importunos remorsos (23). »

A' Deos não agrada que eu queira enfraquecer a autoridade dessas graves e honestas palavras. Os peiores corruptores são em todas as tempos os que mudam o mal em bem e o bem em mal, que dizem que a propriedade he o roubo, que o casamento he a servidão, que o adulterio he a liberdade, ou ainda que a comedia he uma escola de virtude e honestidade.

« Desgraça a' vos, diz Isaias (24), que chamais bom ao que he mao e ma'o ao que he bom, que dais o nome de luz as trevas e o de trevas a luz, que dizeis que o que he amargo he doce e o que he doce he amargo! » Mudar o nome das cousas, he para os espiritos fracos confundir as ideas; ha tantas almas frivolas, tantas consciencias duvidosas e negligentes que não conhecem seus deveres senão pelas etiquetas com que os cumprem! Mudai as etiquetas, e elles não os reconhecem mais.

Approvo pois as palavras severas de Nicole; mas somente me interrogo se entre os que pretendem praticar um acto de christão indo ao theatro e os que se decidem a ser inteiramente impios assistindo a comedia, não ha os que ahi vão sem crer obrar nem tão bem nem tão mal, os homens honestos em 1 palavra que não são nem hypocritas nem impios. Se me não engano, são estes homens que os casuistas não queriam offender absolutamente.

O casuitismo não he a moral; isto se pode dizer quer em favor quer contra elle. A moral estabelece as regras de conducta, e não poderia ir mais longe. He mister pedir muito para ter bastante; he mister dirigir-se a virtude para ficar na honestidade. As regras que se fazem commodas, complacentes, e que procuram erguer o homem de suas quedas seguindo-o de mais ou menos longe, não levam o homem de bem, e he pelo contrario o homem que de complacencia em complacencias arrasta ao mal. Pertence pois a moral ser severa; mas o casuitismo, que em lugar de prescrever regras, occupa-se em examinar os diversos casos da conducta humana, o casuitismo pode ser mais indulgente, do mesmo modo que o jury he naturalmente mais indulgente que o legislador.

O legislador define o mal que quer punir e prevê os casos; os jurados nada tem com essas difinições precisas e rigorosas, mas com as acções humanas em que entram necessariamente o mais e o menos. Todos os roubos são igualmente culpados, mas todos os ladrões não o são igualmente, porque os gráos do mal como os do bem, são infinitos na alma humana. Os casuistas são jurados; elles pesam e examinam, de um lado a regra, do outro a acção que mais ou menos se aparta della.

A regra christãa e ecclesiastica he não ir ao theatro; mas se vou ao theatro ver Athalia ou Polyencte, sou tão culpado como se fosse ver um vaudeville frivolo ou licencioso? Ha pois na falta que commettem os espectadores indo ao theatro differenças incontestaveis que dependem do genero das peças que vão ver. A regra moral pode desprezar essas differenças, deve-o mesmo; mas o casuitismo ou o confessional deve leva-las em conta. Quando Nicole diz encolerisado, que encontrou em seu tempo pessoas que pretenderam alliar sobre este ponto a piedade e o espirito do mundo, tem razão de fulminar os moralistas condescendentes que põe o vicio ao alcance da consciencia; erra, se se dirige aos directores prudentes que distinguem no theatro como no mundo, o genero de prazer que alli se vai buscar. Houve sempre na igreja, ao lado dos que se prendiam a regra moral e que proscreviam os espectaculos como absolutamente máos, os que não envolviam na mesma condemnação todos os actores e todos os espectadores do theatro. Os jesuitas pertenceram a' esta ultima escola: concedendo muito a liberdade do homem e as suas obras, elles não queriam condemnar as obras senão depois de examina-las. Ha nada mais justo? E essa doutrina tinha ao mesmo tempo por si a vantagem de dar a direcção um poder quasi superior a regra.

Não querendo entrar no exame do genero de prazer que se vai buscar no theatro, e desejando antes condemnar absolutamente todos os espectaculos, Nicole não se contenta de censurar os que justificam o theatro, indaga com admiravel sagacidade, em seus *pensamentos sobre os espectaculos* (25), qual he a natureza da emoção dramatica, e quanto mais elle ahi penetra, mais a condemna.

1.º A comedia corresponde ao gosto que temos pelas emoções. O coração gosta de se sentir viver, e o que elle mais teme he a calma e o repouso, porque então lhe parece que sua morte he proxima.

« Elle se entristece se não he ferido; e fica satisfeito se são profundas suas feridas.»

Antes de Nicole, Santo Agostinho observa em suas *confissões* (26) que amava sobre tudo os espectaculos que o faziam chorar, e os homens de nossos dias amam tanto mais uma peça, quanto mais fella chorar. Todos, pois, amamos a emoção. Mas he só no theatro que a amamos? Não, nós a amamos e procuramos em toda parte, no mundo e nos tribunaes. Porque as senhoras correm a assistir as sessões do tribunal de correcção. Para serem commovidas. Os delicados amam a emoção, os grosseiros tambem. Quando um criado faz a narração de alguma aventura tragica, exagera, quer ser commovido e commover.

Somos todos capazes de piedade, mas somos muito avidos della; para alguns, a piedade para na emoção, isto he, no sentimento egoista que nos faz sentir o mal de outrem, sem chegar até o sentimento caridoso que nos faz allivia-lo. O que faz que as pessoas sensiveis pareçam boas, e mesmo que cream se-lo, he que se suppõe que ellas irão da emoção a' caridade, e que realisarão sua piedade, se posso assim fallar, e o que faz que ellas não sejam boas, he que se contentam de gozar o prazer da piedade, e não cumprem seus deveres. O theatro satisfaz perfeitamente este gosto de se sentir commovido sem nada ter que soffrer, nem que temer por si.

« Eu não quereria soffrer as cousas que gosto de observar,» diz Santo Agostinho.

2.º Não he só pelo espectaculo da desgraça que o theatro nos commove tão agradavelmente, he sobre tudo pela representação das nossas paixões. As paixões são a vida d'alma; ellas fazem muitas vezes seu soffrimento, mas he um mal de que não nos queremos curar, e de que mesmo queremos gozar.

« Não he isto, diz Nicole, uma verdadeira loucura? Pois os espectaculos são esta loucura em arte. Elles convertem nossas dores em prazeres.»

Quanto he inevitavel o effeito da representação das paixões assim adornadas e tornadas amaveis, despojadas das inquietações e dos cuidados que as acompanham quando são reaes, e não offerecendo senão a doce emoção que causa a sua imagem? Se não fere, enerva o coração.

« A alma he attrahida do interior para o exterior, onde ella ja tinha tanta inclinação para se espalhar, e apprende assim duas cousas igualmente funestas: uma a' se aborrecer de tudo o que he serio, e por conseguinte e seus deveres; outra á achar esse aborrecimento insupportavel, e á procurar-lhe um remedio na dissipação. A primeira dessas desordens, he um obstaculo a todas as virtudes, e a segunda, uma entrada para todos os vicios (27). »

Acabamos de vêr nos pensamentos de Nicole todos os argumentos que se pode empregar contra o theatro. Esses argumentos precisam apenas ser animados pela eloquencia de Bossuet e de Rousseau. He em 1619 que Bossuet escreve sua carta ao padre Caffaro, e suas maximas e reflexões sobre a comedia. O padre Caffaro não era um moralista relaxado, nem um mao sacerdote; era um casuista, e que professava sobre os graos do peccado que se commette indo ao theatro, os principios da escola dos casuistas. Habituados com effeito a estabelecer casos e hypotheses para todas as faltas da consciencia humana, os casuistas imaginavam uma comedia que não fosse nem immoral nem corruptora, em falta mesmo de peças santas, e, se interrogando se era um peccado assistir a semelhantes representações, respondiam que não. Como directores das consciencias e obrigados a tomar em consideração as intenções do homem, elles tinham razão; como apostolos e como ministros da regra evangelica, não, porque enfraqueciam a lei e pareciam accommoda-la ás fraquezas do coração humano. Bossuet pois escreveu ao padre Caffaro, e exigio delle uma retractação da dissertação que elle publicara sobre a comedia. Este se apressou em da-la, e a doutrina da igreja sobre o theatro não foi enfraquecida por nenhum deleixo ou condescendencia. Entretanto a escola dos casuistas continuou a manter a distincção que lhe era cara entre os bons e os maos espectaculos, entre as boas e as más peças. Esta distincção entre o bom e o mao uso do theatro constitue o ponto do discurso do padre Porée em 1733. O padre Porée tinha direito de amar e de deffender o theatro; elle havia composto tragedias que Voltaire seu discipulo imitou, e comedias cheias de chiste e de boa moral. Tambem em seu discurso pronunciado no collegio de Luiz o Grande, perante os cardeaes de Polignac, de Bissy e o nuncio do papa, elle não hesitou em propor atrevidamente a questão: o theatro pôde ser uma escola capaz de formar os costumes?

« Por sua natureza, respondeu elle, pode se-lo; por nossa falta o não he. »

Ja se vê que o padre Porée he mais atrevido na defeza do theatro do que Boileau, porque Boileau pretendia somente que a poesia dramatica era em si indifferente, e o padre Porée pensa que o theatro pode ser uma escola de costumes. « Tratarei desta materia, continúa Porée, não como theologo, porque não tomo aqui esse caracter; não como censor, porque não tenho essa autoridade, nem mesmo como philosopho, porque as subtilezas philosophicas convem pouco a um discurso sobre o theatro; fallarei todavia como homem que procura a verdade, pela qual confesso minha paixão, como cidadão, porque devemos se-lo sempre e como christão, porque não devemos jamais esquecer os seus deveres. (28) »

Na primeira parte do seu discurso, o padre Porée prova que o theatro pode e deve ser uma escola de bons costumes e colloca a poesia dramatica acima da philosophia e da historia. Elle cita em favor do theatro depurado como elle concebe e justifica S. Carlos Borromeo, que revia elle mesmo as peças que se representavam em seu tempo em Milão; Richelieu, « que empregava na reforma e aperfeiçoamento da scena dias que elle roubava aos negocios da guerra, da igreja e do estado. » Esther e Athalia que Racine compunha para a educação das donzellas de Saint Cyr; as peças, emfim que os Jesuitas faziam representar por seus discipulos e as quaes vinham assistir os maiores personagens da igreja e do Estado. (29) Em seu zelo pelo theatro, o padre Porée justifica mesmo a opera, « a opera he verdade, com um poema virtuoso, versos cadenciosos, mas cheios de pensamentos, uma musica forte e agradavel, dansas ao mesmo tempo commodas e severas, ligeiras e modestas; a opera emfim reunindo o util ao agradavel para insinuar nos corações o puro amor da virtude. »

Este programma de uma opera pura e virtuosa, como a propõe o padre Porée merece ser tomada em consideração pela commissão que acaba de ser encarregada de vigiar a administração da opera.

O padre Porée previne uma objecção: se o theatro pode ser uma tão boa escola de costumes, porque o condemnam tantos homens piedosos e sabios? Elles condemnam o theatro tal como he, e não como poderia ser. « Ha cousas indifferentes por sua natureza que podemos tornar boas ou mas, e que nossa perversidade faz quasi sempre viciosas.» Porée então examina o nosso theatro, e o julga severamente; censura a tragedia franceza por se ter lançado na galanteria, faltando assim as regras da moral e as de arte. (30)

He tão severo como Rousseau contra Moliere, a' quem elle exprobra ter escarnecido da virtude no—Misanthropo,—e do casamento no—George Dandim—: Elle attribue emfim os vicios do theatro, e tem razão, aos espectadores, ao publico, que deveria impor ao theatro o respeito da honra e da virtude, e que ri quando vê o mal triumphar do bem, com tanto que triumphe alegremente.

Detive-me um instante sobre o discurso do padre Porée (31), porque esse discurso, pronunciado em um collegio e perante cardeaes, mostra melhor que a dissertação do padre Caffaro, promptamente retratada pelo autor, qual era a opinião de uma parte da igreja sobre a questão do theatro.

A companhia de Jesus parece até um certo ponto ter ficado fiel a' doutrina do padre Porée. Em nossos dias ainda o padre Brone, em uma instrucção contra o theatro mais severa que o discurso do padre Porée, pergunta « se deve-se condemnar absolutamente as pessoas que, por seus deveres, não podem abandonar a pessoa augusta de seu soberano, e que por conseguinte são obrigados a' acompanha-lo aos espectaculos publicos? »

O padre Boone permitte aos ajudantes de ordens e ás damas de honor acompanhar os principes ao theatro, com a condição de que dirão comsigo, vendo apparecer os actores: Eis ahi pessoas que se condemnam por mim, e gemerão do mais intimo do coração. (32)

Essa direcção de intenções pode causar riso; mas entra nos principios da casuistica, isto he nessa justa apreciação das circumstancias de uma acção, apreciação he do dever de quem julga os homens em um tribunal ou no confessional.

O erro dos casuistas não he terem achado as excusas legitimas do mal, porque as excusas são direito inalienavel da consciencia humana, mas ter redigido essas excusas, e feito dellas um manual que se tem tomado para um codigo condescendente offerecido aos peccadoras, emquanto que somente era uma instrucção dirigida aos confessores.

III.

Quiz fazer a historia da questão do theatro desde os tempos antigos até Rousseau, e quiz tambem indicar, segundo Nicole, os principaes argumentos dos adversarios do theatro; devo agora examinar como Rousseau desenvolveu estes argumentos e mostrar ao mesmo tempo por algumas analogias como Bossuet os havia desenvolvido 60 annos antes delle. (33) Compararei assim a eloquencia do grande bispo, e a eloquencia do philosopho, e farei melhor comprehender por esta comparação a differença dos tempos e principalmente das idéas moraes.

A primeira censura que faz Nicole ao theatro, he que elle favorece o gosto que temos pela emoção. Procuramos a emoção para evitar o aborrecimento. Ora, d'onde provém o aborrecimento? Este segundo Rousseau vem da civilisação. Só os povos civilisados he que se aborrecem. « O homem que reflecte pouco aborrece-se, pouco. O selvagem não se aborrece, não tem espirito para isto. He o descontentamento de si mesmo, he o esquecimento dos gostos simples que tornam necessario um divertimento estranho (34)». Aqui ja Rousseau, sem o saber talvez, falla com Bossuet. «O homem, diz Bossuet em sua carta sobre os espectaculos, procura distrahir-se e esquecer-se de si mesmo para acalmar a perseguição deste inexhoravel aborrecimento que constitue a vida humana, diz que o homem perdeu o amor de Deos.» Assim, segundo Rousseau e segundo Bossuet, o aborrecimento leva os homens ao theatro; mas o aborrecimento, segundo Rousseau, provém da civilisação, do abuso da reflexão, da ociosidade que dá a fortuna; segundo Bossuet, da perda do amor de Deos: palavras differentes, o mesmo pensamento; porque o que Rousseau chama civilisação e o que maldiz chama-se mundo, na linguagem dos doutores da igreja, que tambem o maldizem, porque elle rouba o amor de Deos.

Quer isto, dizem, que para evitar o aborrecimento que os espectaculos distrahem por momentos, mas que não destruem, seja preciso que o homem volte as florestas de selvagens, longe da civilisação ou que va sepultar-se em uma Thebaida, longe do mundo? Não; o homem tem contra o aborrecimento um refugio melhor que a floresta ou a cellula; he a sua casa, he a familia. «Um pai, um filho, um marido, diz Rousseau, tem deveres tão charos a cumprir, que nada lhes deixam que roubar ao aborrecimento.» Bom e doce pensamento que Rousseau tomava, sem o saber, a San Chrysostomo. «Pois que! diz San Chrysostomo (35), tendes uma mulher e filhos, tendes uma casa e amigos; que ha de mais agradavel que a casa animada pela companhia dos amigos? Ha nada que seja mais amavel e mais encantador que os affagos de um filho e a affeição de uma mulher, quando se ama a' honestidade? Ouvi contar uma passagem dos Godos, que he cheia de philosophia; ouvindo fallar das loucuras do theatro e dos vergonhosos divertimentos que ahi se vai procurar. —« Pois não tem os Romanos, disseram elles, nem mulher, nem filhos para inventar semelhantes prazeres? —querendo mostrar com isso que não ha prazer mais doce para o homem sabio e moderado do que a companhia de uma mulher honrada e a de seus filhos. Não va, pois, o homem procurar em outra parte prazeres e alegria, que lhe sobram em casa. Deos que conhece a alma humana que creou, quiz, para sustenta-la, collocar o prazer a par do dever e allia-los na instituição da familia, o prazer ao dever para moderar-lhe a' severidade, o dever ao prazer para auxiliar a natural insufficiencia do prazer. He sobre á alliança destas duas grandes e doces cousas, o prazer que produz o dever e o dever que produz o prazer que se funde e baseia a familia humana.»

Rousseau tinha razão a' exprobar aos mundanos de seu tempo haver perdido o gosto pelos prazeres que nascem das affeições simples e dos deveres naturaes. Vede com effeito como d'Alembert, em sua resposta á Rousseau, falla dos deveres e das alegrias da familia. A passagem he curiosa. «Sem duvida, diz elle, todos os nossos divertimentos forçados e facticios, inventados e usados pela ociosidade, estão muito a quem dos prazeres tão puros e tão simples que nos deveriam offerecer os deveres de cidadão, de amigo, de espozo, de filho e de pai; mas ou tornai, se o podeis, estes deveres menos peniveis e menos tristes, ou soffrei que depois de os haver cumprido como melhor o podermos, nos consolemos tambem como nos for possivel das aflicções que os acompanham (36).» O que quer dizer *d'Alembert* e a quem pede elle o segredo de tornar menos peniveis e menos tristes os deveres da familia? Este segredo so nós o possuimos, porque somos nós que o temos n'alma, se nos tem sido possivel guardar est'outro segredo que Deos ahi gravou, o segredo de amar. Amai vossa mulher e vossos filhos, e o dever de esposo e de pai não sera' mais triste e penivel. D'Alembert não tem necessidade, para devertir os deveres da familia, de consultar os philosophos: basta-lhe interrogar o primeiro aldeião ou o primeiro obreiro que passar; bastar-lhe-hia entrar na mais simples camara, e ver depois do trabalho jornaleiro o aldeião ou o obreiro assentado á mesa da ceia coroada de crianças e distribuindo-lhes o pão de rala que para elles ganhou, para comprehender o que he a alegria do dever: entretanto entendamo-nos bem, não o dever *cumprido o melhor possivel*, isto he, por descarga de consciencia ou por obediencia á lei, mas o dever cumprido de coração, com uma dedicação que se ignora e que por conseguinte se renova todos os dias. Ainda mais: a este bom e honrado rustico que he tão feliz de ser pai e a' estes filhos que tão alegres abraçam seu pai, permitto a despeito de Rousseau, ir um dia ao theatro francez ver representar Monsieur de Paurceaugnac ou o Doente imaginario, não porque se *consolem com o poder* das afflicções familiares, mas porque riam juntos (a alegria dos filhos aos olhos do pai e da mãi he boa para a alma), para que continuem no theatro os risos da mesa domestica, e principalmente para que mostrem que onde ha familia, sempre ella produz sua alegria pura e sã, seus prazeres honestos e naturaes. Estou disposto a crer nos perigos do theatro; mas só os temo pelos que os frequentam sós.

Os divertimentos do theatro não são somente, segundo d'Alembert, remedios contra o aborrecimento de nossos deveres; são tambem, segundo este philosopho, licções disfarçadas. O homem vai ao theatro, crendo divertir-se com os defeitos do proximo e ahi corrige-se dos seus. Tal era a pretenção dos philosophos do XVIII seculo e até o padre Porée communga alguma cousa desta doutrina. Como não se podia mais divertir o publico, pretendia-se instrui-lo e attribuia-se a' comedia um merito que ella não deve ter, para substituir o merito que não tinha mais. Rousseau zomba e refuta muito especialmente esta pretenção. «Nossos autores modernos, guiados por boas intenções; fazem peças mais aprimoradas; mas o que succede? Que ellas não tem mais verdadeiro comico e não produzem nenhum effeito. Instruem muito se o quizerem, mas aborrecem mais. Seria o mesmo que ir ouvir um sermão (37). » Rousseau crê que as comedias do XVIII seculo enfadavam, porque defendiam a moral em vez de ataca-la; creio que ha outras, porém elle tem grande razão para dizer que o que enfada não instrue; o aborrecimento só serve para o mal, corrompe pelos pensamentos que suggere em vez de edificar pela calma que produz.

A segunda censura que Nicole faz ao theatro, he excitar as paixões representando-as. O espectaculo das paixões humanas lutando entre si ou substituidas por uma paixão dominante que não encontra obstaculos senão os que animam para a victoria, este espectaculo excita as paixões mais do que as reprime. Ellas aprendem a empregar todas as forças antes para triumphar a seu modo do que para conter-se e moderar-se, instruem para o combate antes que para a disciplina. « Consultai, diz Rousseau o estado de vosso coração no fim de uma tragedia: a emoção a perturbação e o enfraquecimento que em nós sentimos e que se prolongam depois da peça annunciam uma disposição para reprimir nossas paixões? As impressões vivas e tocantes a que nos habituamos e que tantas e tantas vezes se despertam são proprias para moderar nossos sentimentos? Não sabemos que todas as paixões são irmãs, que basta para excitar mil e que combate-as uma pelas outras não he senão um meio de tornar o coração mais sensivel a todas (38)? » Mais adiante tratando ainda do estado do coração depois prazer do theatro, Rousseau acrescenta:

« O mal que s'exproba ao theatro não he precisamente inspirar as paixões criminosas, mas dispôr a alma para sentimentos muito ternos que depois satisfazem a' custa da virtude. As doces emoções que ahi se sentem não tem por si mesmas um objecto determinado, mas fazem nascer a necessidade; ellas não inspiram precisamente o amor, mas preparam a alma para senti-lo; não escolhem a pessoa a' quem se deve amar, mas nos forçam a fazer esta escolha.»

Ha muita delicadeza e merito nesta pintura do estado d'alma depois de prazer do theatro, e eu ajuntaria de bom grado depois da leitura dos romances; mas, antes de Rousseau, Bossuet havia pintado este estado d'alma com uma penetração de pensamentos e uma força de expressão admiraveis. « O espectaculo da luta das paixões humanas não tem outro effeito, diz elle senão excitar em nos uma certa alegria sensual e não sei que disposição inquieta e vaga nos prazeres dos sentidos que a nada tende e a tudo tende e que he a fonte secreta dos maiores peccados. »

« Bem sei, continua Rousseau, que o theatro tem a pretenção de purgar as paixões; mas custa-me muito a conceber esta regra.»

He muito natural que Rousseau não comprehenda esta regra, que não se applica a' moral, mas a' arte.

A arte não pretende purgar as paixões para faze-las virtuosas, mas para torna-las bellas; elle aspira a' belleza, não a' virtude.

Indagaremos agora que relação prende a belleza a' virtude, o bello ao bom, e como na arte dramatica, tal como a entendiam os antigos, os caracteres que são formados, segundo as regras da arte, devem todos ter uma certa bondade e uma certa belleza. He essa uma questão da arte que se aparta apparentemente da questão de moral de que trata Rousseau.

Entretanto direi acerca della uma palavra, porque em minha opinião, esta purificação dos caracteres e das paixões dramaticas e o effeito que produzem sobre os espectadores, he a melhor justificação do theatro e mesmo da litteratura em geral.

(Continuar-se-ha.)

(1) O discurso sobre a desigualdade das condições.

(2) Carta a M. d'Alembert, pagina 139, edicção Furne.
(3) Tusculanas, livro 4.
(4) Séneca, carta 7.
(5) « Quod tibi vitandum præcipue existimes, quæris? Turbam. Ego certe confiteor imbecillitatem meam: nunquam mores quos intuli, refero... Inimica est multorum conversatio. »
(6) «.... Ludi quoque semina præbent nequitiæ: tolli tota theatra jube.—Tristes, livro 2. epistola 1. verso 280.
(7) Annaes, livro XIV capitulo 20.
(8) Vede as cartas de Cassiodoro, livro 1.
(9) Salvien de Gubernatione Dei, livro 6.
(10) Ibidem.

(11) Projecto do theatro, em seguida da pratica pelo abbade d'Aubignac, tom. 1º, pag. 354.
(12) Um dos nossos jovens professores, M. Boissiere, mostrou recentemente (Athenæum français de 24 de junho) como sob a inspiração do gosto publico Corneille, nas edicções successivas de seu theatro, depurou seu estylo. Esta comparação das edicções de Corneille de 1633—1682, ainda que feita somente sobre Melite, he uma excellente licção de critica.
(13) Passagem excellente do retrato d'Arnauld, sobre o nome de Timante na Clelia, tom. 6º, pag. 1142.
(14) Os Visionarios, carta 1ª.—Os visionarios que são a continuação dos imaginarios, são as cartas feitas por Nicole para defender Porto-Real contra Desmarets. Depois das provinciaes, todos os debates se tratavam em cartas. O typo era este, mas os imitadores ficavam longe do modelo.
(15) Racine, tom. 4º, edic. de La Harpe 1807, pag. 6.
(16) Racine, tom. 7º pag. 547.

(17) Autor de uma Boleana publicada em 1743.
(18) « Os espectaculos são obras de Satan ou de Jesus Christo? Que! os espectaculos taes como vemos hoje, mais criminosos ainda pela depravação das infelices creaturas que sobem ao palco, do que pelas scenas impuras ou apaixonadas que ahi representam, os espectaculos seriam obras de Jesus Christo! Jesus Christo animaria uma bocca d'onde só sahe um ar profano e lascivo! Jesus Christo formaria os sons d'uma voz que corrompe os corações! Jesus Christo appareceria sobre o theatro na pessoa de um actor ou de uma actriz impudente, pessoas infames segundo as leis dos homens!... Não! são obras de Satan! » (Sermão sobre o pequeno numero dos escolhidos.)
(19) Cartas de Boileau, edic. de Berryat Saint-Prix, tit. 3, p. 128.
(20) Tratado sobre a comedia, pelo principe de Conti, 1666, p. 26—27.
(21) Ibidem, p. 35.—Não posso deixar de citar aqui o juizo singular que o principe Conti faz de Cinna: « Não ha ninguem que vendo representar Cinna não attenda antes as cousas ternas e apaixonadas que elle diz a Emilia, e a's que ella lhe responde, do que a' clemencia de Augusto, em que pouco se pensa, e cujo elogio ainda nenhum expectador cuidou em fazer sahindo da comedia. » Hoje pelo contrario, se não me engano, he a clemencia de Augusto que nos toca e nos commove. Os amores de Cinna e de Emilia pouco nos interessam.
(22) Poesias christãas moraes de Godeau, 1662 p. 146.
(23) Nicole, ensaios de moral, t. 2, p. 237, Tratado sobre a Comedia.

(24) Cap. 5, verso 20.
(25) Ensaio de moral.
(26) Livro 3.º
(27) Ensaio de moral, t. 5, p. 376.
(28) Sirvo-me da traducção que o padre Brumoy fez do discurso do padre Porée. Traduzindo esse discurso, o padre Brumoy dava uma nova prova da perseverança dos jesuitas na doutrina dos casuistas sobre o theatro.
(29) Monsenhor o arcebispo de Paris acaba de fazer representar uma peça de Plauto pelos discipulos de seu pequeno seminario. que dizem, desempenharam muito bem.
(30) « Istud amatorium tragediæ genus... »
(31) Vede a excellente noticia biographica e litteraria que acaba de publicar Mr. Alleaume sobre o padre Porée e sobre seu irmão o abbade Porée. Os dous irmãos mereciam um historiador, e não podiam encontrar um mais sabio, e mais espirituoso, que Mr. Alleaume.
(32) Tomo esta curiosa citação a' um artigo judicioso escripto na—Revista de instrucção publica—(março de 1853) por Mr. Rigaud, que me felicito de ter por collaborador no *Debats*.
(33) Bossuet, 1694, Rousseau 1758.
(34) Rousseau, tomo III, pagina 119.
(35) San Chrysostomo, edição Gaume, tomo VII, pagina 477.
(36) Edicção de Rousseau de 1891. *Reposta d'Alembert* tomo XVI pagina 342.
(37) Tomo III, pagina 133.
(38) Pag. 121.

Variedade.

I.

O vinho he o producto da fermentação do sumo das uvas. A composição do vinho he muito complicada; além do alcool e da agua tem bitartrato de potassa, tartrato de cal, sulfato de potassa, chlorureto de soda, materia extractiva, alguma mucilagem, ether oenanthico, e um principio particular a cada especie que, segundo uns preexiste nas uvas, e segundo outros he o resultado da fermentação. São as duas ultimas substancias que dão o sabor ao vinho. Finalmente, tanino e materias corantes.

As proporções em que as differentes substancias que acabamos de enumerar, entram na composição do vinho, são variaveis, especialmente a quantidade de alcool. Não só nas differentes qualidades do vinho, mas no mesmo vinho, e do mesmo lugar se encontram differentes quantidades de alcool, o que depende da exposição dos terrenos que produzem a uva, da temperatura do anno, da epoca da vindima, do modo de preparação do vinho, dos vasos em que elle se conserva, e finalmente da temperatura dos lugares em que se guarda.

As proporções de alcool podem variar 8 e 25 p. c. Em seguida apresentamos um quadro, onde se vê a riqueza alcoolica dos principaes vinhos: os numeros que ahi se acham são a medida de muitos ensaios, que tem sido feitos em diversas partes.

Vinho do Porto	13 a 25
Madeira	18 a 22,61
Xerez	17 a 18,37
Lacryma Christi	18,12
Malaga	15 a 17,52
Johannisberg	15 a 16
Malvasia da Madeira	15
Chypre	15
Syracusa	11,06
Clarete	13
Champagne (não espumoso)	12,77
Alicante	12,49
Champagne (espumoso)	11,77
Volnay	11
Bordeaux	10,10
Tokay	9,10
Bourgonha	7,16
Carcavellos	17,17
Bucellas	17,01

Os vinhos, especialmente os que se exportam, costumam ter as vezes mais alcool, proveniente da aguardente que lhes addicionam.

De todos os paizes da Europa, Portugal e França são dos mais vinhateiros, e aquelles onde a arte de cultivar a vinha, e mesmo de fabricar o vinho estão mais aperfeiçoados.

Os nossos vinhos finos especialmente do Porto e Madeira são feitos e conservados com um esmero notavel.

A decisão do jury da Exposição Universal que acaba de ter lugar, fazia-nos justiça querendo dar uma medalha de primeira classe aos nossos vinhos, e que com elles se fizesse um tropheo; resolução que depois se alterou em consequencia de razões que todos sabem; mas vindo ainda a ultima decisão a ser a nosso favor, pois ficaram mais considerados os nossos vinhos que os francezes.

Os vinhos dividem-se em muitos grupos. Em primeiro lugar temos os vinhos brancos e os vinhos tintos.

He a' presença de uma materia corante particular, que existe na casca da uva preta, que os vinhos tintos devem a cor. Essa materia he azul ou vermelha. Differem ainda dos brancos em terem muito mais tanino e menos materia azotada. He em consequencia de maior quantidade de tanino, que os vinhos tintos não soffrem uma doença que os brancos teem na qual se fazem gordurosos.

Depois temos os vinhos espumosos que fazem um grupo distincto. Todos os vinhos se podem tornar espumosos, basta para isso faze-los dissolver alguns volumes de acido carbonico; porém de ordinario so se fazem espumosos os vinhos brancos de Champagne, Bourgonhe e Rheno, para o que se fecham em garrafas antes de acabar a fermentação.

A maior parte do vinho que se encontra no commercio com o nome de Champagne não o he. Esta provado que a producção de Champagne he incomparavelmente menor que a sua exportação.

Os vinhos podem tambem dividir-se em adstringentes, espirituosos e acres.

Os vinhos acres são proprios dos terrenos de ma qualidade, e dos lugares frios. A quantidade de alcool que elles apresentam he em geral pequena, 5 a 7 p. c: são porem muito ricos em acidos e tartratos. São nocivos a' saude, não porque embriaguem, pois só grandes quantidades podem produzir esse effeito, mas pela sua composição

Os individuos que abusam destes liquidos emmagrecem, e tem soffrimentos de estomago mais ou menos graves.

A classe dos adstringentes comprehende a maior quantidade dos vinhos. Os vinhos de Bordeaux e Bourgonha são typos desta classe. Nestes vinhos predominam o tanino, acidos e tartratos. Passado tempo os vinhos adstringentes perdem esta qualidade, e tornam-se muito estimaveis depois de dez, quinze ou vinte annos.

Finalmente temos os vinhos espirituosos dos quaes uns são doces, outros seccos. Quando por qualquer razão a fermentação para, antes de todo o assucar se ter convertido em alcool e acido carbonico, o vinho fica doce. Se a fermentação destruio todo o assucar, o vinho he secco.

Os vinhos do Porto, Malaga, Madeira e outros pertencem a esta classe onde se acham os vinhos mais alcoolicos.

Alem da grande quantidade de alcool, este [illegible]

MUTILADO

ILEGIVEL

po he caracterisado por um predominio de tanino.

As qualidades do vinho dependem de diversas causas. Nem todas as especies de uva são igualmente proprias para a confecção do vinho. A vinha deve estar exposta de modo que a temperatura seja regular e quente, a exposição ao sul he pois uma das melhores.

O solo mixto, sobretudo o que tem predominio de silica, ou os terrenos arenosos são proprios para a cultura da vinha. O terreno argiloso he mao.

Grande parte do magnifico Malvasia da Madeira he produzido entre rochas, quasi sem cultura.

O estrume não he proveitoso a' vinha ja desenvolvida. Quanto mais antiga he a vinha melhor he o liquido que ella fornece.

O estado de maturação da uva he tambem uma das condições essenciaes para que o vinho seja bom.

A idade influe igualmente na qualidade do vinho, em geral, não convem beber-se vinho que tenha menos de um anno. Os vinhos finos conservam-se mais tempo que os outros.

O vinho com o repouso, deixa precipitar tartratos, e tanino o que faz que perca a adstringencia e o acre, encorpa, adquire melhor gosto, aperfeiçoa-se. Alem de certo tempo perde o sabor e a força.

Os vinhos estão sujeitos a muitas doenças. Os que teem falta de tanino, como os brancos, fazem-se viscosos, alteração que he devida a' presença de uma substancia azotada, a glaiadina. O tratamento que se emprega para combater esta doença consiste, em juntar ao vinho tanino, pouco mais ou menos 15 grammas para 280 litros de liquido.

Em algumas localidades empregam a noz de galha, as sorvas e outras substancias, que figuram pelo tanino que entra na sua composição.

A acetificação he uma das mais graves doenças dos vinhos. A causa desta doença he a presença de um excesso de acido acetico,que se pode produzir, ou porque a fermentação se faz muito rapidamente, ou porque prolongando-se tem lugar a oxidação d'algum alcool. He difficil de remediar a acetificação. Alguem tem aconselhado fazer passar atraves do vinho alterado, uma forte corrente de ar, que podera' levar comsigo o acido acetico. Outros julgam mais conveniente juntar-lhe o tartrato neutro de potassa que separara' grande parte do acido ou acetico, formando acetato de potassa ; e que tambem se pode apoderar de algum acido tartrico, que exista em dissolução, formando citrato de potassa, que se deposita justamente com o acetato.

Outra doença consiste em o vinho se fazer azul. Esta alteração de cor, tem lugar em consequencia de uma fermentação putrida, mais ou menos adiantada, em virtude da qual, parte do tartrato de potassa se transforma em carbonato, o qual pela sua reacção alcalina altera a cor do vinho. Quando a alteração não he muito pronunciada, destroe-se a cor azul, addicionando acido tartrico em quantidade sufficiente para que o vinho tenha a acção acida.

Pode ainda o vinho ter excesso ou falta de cor. Quando o vinho esta' muito corado, podemos fazer separar grande parte da materia de vinho, collando o vinho. Quando pelo contrario o vinho tem falta de cor, remedia-se juntando-se-lhe vinho bem carregado em cor.

A's vezes o vinho turva-se em consequencia de alguma fermentação : convem nesse caso fazer parar a decomposição, e tirar a materia que se acha suspensa no liquido ; consegue-se a primeira causa pela enxofragem, e a segunda collando e trasfegando o vinho clarificado.

Muitas outras são as alterações que os vinhos podem apresentar, ou porque a fermentação não se estabelece, ou porque se faz tumultuosamente

As rolhas e madeiras de que são feitas as pipas, podem especialmente, quando servem pela primeira vez, communicar mao gosto ao vinho.

A riqueza alcoolica dos vinhos, sendo diversa, convinha muito haver meios faceis de a determinar. Differentes são os processos que se podem empregar para conhecer a quantidade do alcool que o vinho tem ; o primeiro instrumento que se propoz para este fim, foi um areometro, ou pesa licores, a que se deu o nome de pesa-vinho. Era portanto pela densidade do liquido, que se chegava a conhecer a quantidade de alcool que elle tinha. O emprego do pesa-vinho tem inconvenientes ; pois o vinho não he só formado de alcool e agua, tem muitas outras substancias, como ja dissemos, algumas das quaes, *verbi gratia*, as materias extracticas lhe augmentam muito a densidade. Assim o instrumento que he bom para determinar a riqueza dos alcooles do commercio, não pode servir para determinar a do vinho.

Depois do areometro vem o emprego do alambique. Foi Descroizille quem teve a idea, e que empregou um pequeno alambique que tomou o seu nome Gay Lunac, aperfeiçoou este processo, e depois delle muitos outros se tem occupado de novos aperfeiçoamentos. Consiste este ensaio em fazer distillar um volume conhecido de vinho, recolher o primeiro terço que destilla, e ensaia-lo com o alcoolmetro, para conhecer quanto tem de alcool. Dividindo a quantidade achada por tres, temos a graduação do vinho. Quando o liquido he muito alcoolico, destila-se só até obter metade do volume, e o numero que se acha divide-se por dous.

De todos os processos empregados para reconhecer a riqueza alcoolica dos vinhos, o que acabamos de descrever he ainda o melhor e mais exacto.

Depois do alambique empregou-se o thermometro. He sabido que o alcool puro ferve a 78 centigrados, quando a pressão he de 760m em quando que a agua ferve a 100. Misturas de agua e alcool ferverão entre 78 e 100, approximando-se mais o ponto de ebullição de 78, quando o liquido tiver mais alcool, e de 100 quando a quantidade d'agua for maior. Vendo pois com um thermometro o ponto de ebullição do liquido, he facil calcular a quantidade de alcool que elle tem.

Finalmente existe um outro processo que se funda na maior dilatação que o alcool apresenta, relativamente a agua, para o mesmo augmento de temperatura. O processo que tem o fundamento que lacabamos de dizer he muito util na pratica ; tanto mais que as outras substancias que o vinho tem não influem na dilatação do alcool, nem na da agua.

Geralmente junta-se alcool aos vinhos que são fracos, para que tenham mais força. Deve evitar-se o mais possivel essa operação ; porquanto, além de certos limites, o alcool não se liga bem com o vinho senão durante a fermentação. Resulta do que acabamos de dizer, que he nociva a acção que tem sobre a economia o vinho a que se addicionou alcool, pois introduzido nas vias digestivas, absorve-se primeiro a parte aquosa, e o alcool livre e concentrado fica como um verdadeiro veneno.

Poucos generos andarão tão falsificados como o vinho. Um volume inteiro, diz Mr. Payen, seria insufficiente para descrever todas as falsificações de que os vinhos teem sido objecto. Todos os annos em Paris e nos arredores da cidade mais de 100 mil litros de vinho são inutilisados, em consequencia de processos por falsificação, e calcula-se em 300:000 hectolitros a quantidade de liquido que se vende como vinho sem o ser. N'uma palavra, um quarto de vinho que se consome he falsificado.

As falsificações que mais vezes apresenta o vinho são as seguintes :

Coloração artificial.

Addição d'agua, cré, potassa e cal.

Outras vezes teem juntado allumen para fingir o vinho de Bordeaux, ou tambem para clarificar e conservar o vinho. De todas as alterações a mais prejudicial, que póde mesmo dar lugar á morte, consiste em juntar ao vinho saes de chumbo. Desde o 13. seculo que se faz esta falsificação : parece que foi um ecclesiastico o primeiro que a fez. Em 1698, em Esslingen, alguem foi condemnado á morte em consequencia de um envenenamento com vinho que tinha saes de chumbo.

Não foi por maldade, foi por ignorancia que pela primeira vez se juntou lythhargezio ao vinho. Todos sabem que os compostos de chumbo são assucarados; foi para diminuir a accidez e dar mais cór ao vinho, que elles se juntaram ao vinho. Esta falsificação, que nada desculpa, reconhece-se facilmente, e por isso vai sendo abandonada.

No commercio dos vinhos deve evitar-se o emprego de vasos de chumbo e de zinco, pois está provado que o vinho que esteve em contacto com os ditos metaes, adquire propriedades toxicas mais ou menos graves.

II

Façamos agora algumas considerações sobre a acção que o vinho tem sobre a economia animal, vamos considera-lo hygienicamente.

O uso dos liquidos fermentados não he necessario ao homem. Em todos os paizes ha individuos que não usam dessas bebidas, e que tem uma vigorosa saude. He verdade que nos paizes frios a aguardente excita e serve para combater o frio ; porem o mesmo se conseguira' usando quaesquer bebidas aromaticas, ou quentes. Todavia o uso do vinho não se deve considerar como sendo prejudicial á saude, antes pelo contrario he um estimulo brando que activa a maior parte das funcções. Quando porem se usa em grande quantidade, especialmente a aguardente e o máo vinho, he então um verdadeiro veneno.

O abuso dos alcoolicos da' lugar a muitas enfermidades que bastantes vezes se desenvolvem lentamente, e sem outra causa, taes como doenças de figado, coração, hemorrhagias, dilatação dos vasos especialmente dos que se distribuem na face, nariz, orelhas etc.

O envenenamento produzido pelo abuso do vinho pode ser agudo, e constitue embriaguez, ou chronico.

O alcoolismo chronico pode ser devido a' repetição da embriaguez com intervallos curtos, ou mesmo ao abuso habitual das bebidas alcoolicas, sem ir nunca ou indo poucas vezes até a embriaguez.

O alcoolismo chronico he a origem dos tremores que apresentam nos labios, lingua, pernas e mãos, quasi todos os que se dão a excesso de bebidas, he a causa de parylisias, suicidio, mania, e do *delirium tremens*, doença em que o individuo não pode conciliar o somno. Parece que mais de uma vez tem dado lugar a' combustão humana espontanea, isto he, a' combustão de todo ou parte do corpo, determinada pelo contacto de uma substancia em ignição, mas que era insignificante para produzir effeito sensivel em outro individuo.

Quando qualquer sujeito se habitua a bebidas espirituosas, he indispensavel para conservar a saude, que não se abstenha dellas. Mesmo durante doenças e doenças graves, mais de uma vez tem sido necessario, e com vantagem, permittir o uso do vinho a grandes bebedores. Um inglez, homem de gabinete e de bons costumes, dizia a M. Andral, grande medico da França, que a primeira vez que bebéra agua fóra ao atravessar a Mancha *para se vomitar*.

A embriaguez aguda pode apresentar-se de differentes formas, que em geral dependem da quantidade de liquido bebido na idade, sexo e disposições do sujeito.—Podemos distinguir 3 graos na embriaguez aguda, a saber: 1.º O individuo aquece, a face começa a avermelhar, os olhos a fazerem-se brilhantes, as feições como que se desenrugam, as ideias affluem, falla-se muito e bastantes vezes se verifica o ditado « in vino veritas.» Em alguns individuos a lingua tem difficuldade em se mover, pega-se, como se diz vulgarmente. Este estado pode durar algumas horas e depois dissipa-se espontaneamente.

Quando passa ao 2.º grão, os individuos experimentam perturbações na vista, vertigens, os objectos andam a' roda delle, a vista perde a expressão, os olhos estão envidraçados, a face muito vermelha e como inchada,as fontes da cabeça batem fortemente, o pescoço participa muitas vezes da vermelhidão da face ; a razão perturba-se, a voz enrouquece, a palavra he incerta e difficil. Muitas vezes ha vomitos. Este estado só desapparece depois de um somno prolongado.

Finalmente se a embriaguez chega ao 3.º grao vem a perda de movimento, de intelligencia e de sentimento ; a respiração he ruidosa e semelhante a' do apopletico. Este estado pode terminar pela morte.

O individuo que passou por qualquer dos grãos de embriaguez, especialmente senão he a isso habituado, soffre ainda depois de 24 horas achando-se abatido, com mao gosto de bocca, sede, calor, e frequencia nas pancadas do coração.—He notavel a alteração, que a contracção muscular experimenta, debaixo da influencia dos alcoolicos ; todos tem observado a difficuldade, que o individuo embriagado tem em andar ; a incerteza na marcha he devida a' irregularidade, com que se contraem os musculos, em consequencia da vontade pesar sobre elles de um modo imperfeito. Como a contracção muscular não tem nem a energia, nem a duração que adquire no homem, que move voluntariamente os membros, resulta que a relaxação succede immediatamente á contracção, e que esta não sendo bem dirigida, o corpo descahe sobre as extremidades inferiores, e o individuo cahe sem violencia. Toda a gente vê quotidianamente individuos embriagados darem grandes quedas sem se molestarem, o que se explica pelo que fica dito.—Não podemos deixar passar esta occasião sem dizer duas palavras acerca dos máos tratos que geralmente se dão aos embriagados. O individuo que se acha em estado de embriaguez, precisa ser tratado com cuidado, assim convem abriga-lo do frio, pois o resfriamento rapido pode asphixia-lo, muitas vezes se tem visto a morte dos embriagados que ficaram expostos ao frio, sobre tudo durante o inverno. Nas prisões, casas da guarda, não he só em Portugal, que o abandono tem sido causa da morte de mais de um d'esses infelizes ; morte que não se daria se o individuo fosse collocado bem e convenientemente, pondo-lhe a cabeça mais elevada que o resto do corpo, desapertando-lhe o fato a fim de evitar as congestões sanguineas, abrigando-o do frio, tendo cuidado de o visitar de quando em quando, afim de conhecer se haveria congestão, ou hemorrhagia cerebral.—Eis o que se deve fazer, o que entre nós se deve praticar, em todas as estações da guarda onde se recolhem os embriagados. Uma grave responsabilidade deve pesar sobre a autoridade que se torna causa voluntaria da morte de um seu irmão.

Não ha desculpas admissiveis quando os factos se derem.

Resta-nos considerar a embriaguez debaixo do ponto de vista da hygiene publica. Todos consideram, como um verdadeiro flagello da sociedade, o abuso dos espiritos ; he a classe operaria a que mais soffre. O amor pelo vinho faz que o operario consumma na casa da venda até o ultimo real que ganha, faltando as commodidades que podia ter para si e para a sua familia, geralmente numerosa.

Em todos os paizes os governos teem sido solicitos em reprimir este vicio, com o estabelecimento de disposições penaes, mais ou menos rigorosas. Só a legislação dos judeus nada diz a tal respeito, parece que sempre tiveram tal aversão a este vicio, que a lei era desnecessaria : essa aversão arraigou-se de modo tal, que ainda hoje difficilmente se verá um judeu embriagado.

As leis de Dracon castigavam com pena de morte quem se embriagasse. Em Sparta embriagavam os escravos para os apresentarem aos mancebos, afim delles tomarem horror a este vicio. Em Roma, segundo Plinio, havia uma lei que prohibia as mulheres o uso do vinho, podendo o esposo matar a consorte que se encontrasse embriagada. Os homens só depois de 30 annos, podiam beber vinho.

Na Suecia ha leis rigorosas a este respeito ; o delinquente he multado, e publicamente admoestado na igreja. Hoje em França, Portugal e em quasi toda a Europa, não só não ha castigos, mas até se considera a embriaguez como circumstancia attenuante dos crimes que se commettem debaixo de sua influencia: o que na realidade he bem mal permittido.

As leis repressivas da embriaguez tambem se tem feito em relação ao vendedor: para dar idéa do que se pode fazer neste sentido, apresentaremos o projecto de lei de Mr. Baroche, que he o seguinte :

Art. 1. A embriaguez he um delicto.

Art. 2. O individuo que for encontrado em estado de embriaguez, será multado de 1 a 15 francos, e terá 1 a 15 dias de prisão. Em caso de reincidencia será castigado com o dobro da multa e dobrado tempo de prisão.

Art. 3. Quem vender bebidas espirituosas a um individuo embriagado será castigado em 1 a 5 dias de prisão, e multado em uma somma de 5 a 150 francos.

Art. 4. As penas do art. 3º são applicaveis a quem vender liquidos alcoolicos a individuos com menos de 16 annos de idade.

Art. 5. A lei não permitte que se estabeleçam acções judiciaes por dividas de taberna.

A applicação da lei precedente seria difficil, teria inconvenientes, mas as vantagens que se seguiriam da sua execução seriam incalculaveis. Para apreciar bem os inconvenientes que tem a embriaguez, considerada em relação á sociedade, bastará ver as seguintes estatisticas. Segundo Everest os effeitos do alcool, durante um periodo de 10 annos, foram nos Estados-Unidos os seguintes.

Uma despeza a' nação de 600 milhões de dollars.

A destruição de 300,000 individuos.

A entrada de 100,000 creanças nas casas de asylo da infancia.

A entrada de 150,000 individuos nas prisões, penitenciarias, e de 1,000 nos hospitaes de alienados.

A destruição pela violencia, incendio, do valor de 50 milhões de francos.

Causou 2,000 suicidios, e 1,500 assassinatos.

Fez 200,000 viuvas e 100,000 orphãos.

Vejamos o que nos diz o governo inglez, e veremos que não ha exageração no que fica dito. O governo inglez calcula que a embriaguez mata annualmente em Inglaterra 50,000 individuos. Esta' igualmente provado que metade dos alienados, dous terços dos pobres e tres quartas partes dos criminosos, se encontram entre os sujeitos que abusam das bebidas alcoolicas.

Vê-se, pois, que todos os governos devem ser sollicitos em procurar os meios para debellar este cancro que róe a sociedade.

Não são tanto os meios repressivos que se devem empregar para combater a embriaguez, como são os meios moraes. A creação das sociedades de temperança teem ja dado resultados valiosos, especialmente nos Estados Unidos e na Inglaterra. Nascidas em Massachusets em 1826, as sociedades de temperança se desenvolveram de um modo rapido e vigoroso. Ja em 1830 se notou que a importação de alcoolicos diminuio nos Estados Unidos, de 1,117,718 galões, e a fabricação interna de 2 milhões de galões.

Foi principalmente, o muito conhecido padre Mathew, que com a palavra fez verdadeiros milagres, ha quem diga, que fez emendar dous milhões de americanos, e cinco milhões de Irlandezes.

Talvez haja alguma exageração nestes numeros, o que porém he certo, he que em 1835 sahiram 106 navios dos Estados Unidos,sem trazerem liquidos espirituosos a bordo, e as companhias de seguros baixaram 5 por cento nos premios, a favor dos marinheiros.

O reverendo padre Mathew, que ainda vive, he geralmente respeitado em Inglaterra e na America, e conhecido em toda a Europa pelo nome.

Serão, pois, as sociedades de temperança, e sobretudo a educação da classe mais baixa da sociedade, que hão de produzir os melhores resultados. Aperfeiçoando o moral do operario tudo se conseguio. Em todos os paizes, ha hoje a tendencia a melhorar a sorte das classes que trabalham ; na Belgica tem-se feito grandes esforços neste sentido ; além de outras medidas, os proprietarios dos estabelecimentos industriaes, tomaram de commum accordo, as seguintes resoluções.

1º Prescrever o descanço da segunda-feira, que he guardada por differentes classes de operarios.

2º Expulsar do estabelecimento todo o operario que se embriagar.

Em todos os paizes civilisados, se devia seguir um exemplo tão nobre, tão moral e tão humanitario.

(*Jornal do Commercio* de Lisboa.)

Commercio.

CAMBIOS.

Sobre Londres, 28 d. —60 d. v.
« Paris, 340 a 341 rs. por fr.
« Lisboa, 95 por % de premio.
« Rio de Janeiro, 2 por 0|0 de desconto.
Acções do Banco, 40 a 45 de premio.
« « companhia de Beberibe 54$000.
« « companhia Pernambucana ao par.
« « Utilidade Publica, 30 por cento de premio.
« « Indemnisadora. —52 idem.
« « da estrada de ferro —20 por 0|0 de premio
Disconto de lettras, de 8 a 10.
Dito do banco—8 a 10.
Ouro.—Onças hespanholas. . . 28$ a 28$500
Moedas de 6$400 velhas . . . . 16$000
« « 6$400 novas . . . 16$000
« « 4$000. . . . . . . 9$000
Prata.—Patacões brasileiros. . . . . 2$000
Pesos columnarios. . . . . . 2$000
» mexicanos. . . . . . 1$860

Caixa Filial do Banco do Brasil

EM 26 DE JANEIRO DE 1857.

Directores da semana, os senhores : — Manoel Gonçalves de Silva e Dr. Augusto Frederico de Oliveira.

Desconto de lettras, 10 % ao anno.

ALFANDEGA.

Rendimento do dia 1 a 24 . . . . 371:697$558
Idem do dia 26. . . . . 21:804$551
393:502$109

Descarregam hoje 27 de janeiro.

Brigue portuguez—Constante—pipas vasias, cal e sardinhas.
Barca ingleza—Hindoo—fazendas e louça.
Brigue francez—Alma—mercadorias.
Brigue sueco—Activo—fazendas e louça.
Patacho brasileiro—Henrique— diversos generos.
Brigue inglez—Belle— bacalháo.

CONSULADO GERAL.

Rendimento do dia 1 a 24 . . . . 88:688$960
Idem do dia 26 . . . . . . 12:710$269
101:399$229

DIVERSAS PROVINCIAS.

Rendimento do dia 1 a 24. . . . 5:518$012
Idem do dia 26. . . . . . 350$903
5:868$915

DESPACHOS DE EXPORTAÇAO PELA MESA DO CONSULADO DESTA CIDADE NO DIA 26 DE JANEIRO DE 1857.

Lisboa—Palhabote portuguez «Rival», Manoel Alves Guerra, 50 couros seccos.
Lisboa—Barca portugueza «Gratidão», diversos carregadores, 83 cascos mel.
Porto—Barca portugueza «S. Manoel II», Manoel Joaquim Ramos e Silva, 5 pipas mel.
Porto — Barca portugueza «Santa Cruz», diversos carregadores, 3 pipas mel, 200 saccos assucar branco.
Buenos-Ayres—Brigue portuguez «Confiança», Baltar & Oliveira, 214 barricas assucar branco e mascavado.
New-York — Patacho americano «Favorita», Saunders Brothers & Companhia, 1,800 saccos assucar mascavado.
Havre—Barca franceza «Superb», N. O. Bieber & Companhia, 600 saccos assucar mascavado.
Valparaizo—Brigue hamburguez «New Ed», N. O. Bieber & C., 1,900 saccos assucar branco e mascavado.
Gothemburg—Brigue sueco «Alphild», N. O. Bieber & Companhia, 1,600 couros salgados.
Stockolm—Barca sueca «Elisabeth», N. O. Bieber & C., 1,200 couros salgados, 10 barricas e 2 saccos assucar branco,
Gibraltar — Brigue inglez, «Ranavala», Saunders Brothers & C., 600 saccos assucar branco.
Stockolm—Brigue sueco «Elise», Johnston Pater & Companhia, 1,391 couros salgados.
Liverpool — Brigue inglez «East», Augusto Machado, 400 arrobas de ossos.
Liverpool—Barca ingleza, «Joshua & Mary», Rostron Rooker & C., 400 saccas algodão.
Liverpool — Barca ingleza «Medora», James Ryder & Companhia, 112 saccas algodão.

Exportacao.

Canal, brigue inglez «William & Mary», de 284 toneladas, conduzio o seguinte : — 1,200 saccos com 21,000 arrobas de assucar.

RECEBEDORIA DE RENDAS INTERNAS GERAES DE PERNAMBUCO.

Rendimento do dia 1 a 24 . . . . 14:798$503
Idem do dia 26. . . . . 1:982$609
16:781$112

CONSULADO PROVINCIAL.

Rendimento do dia 1 a 24. . . . . 59:560$546
Idem do dia 26 . . . . 7:413$211
66:973$757

Movimento do porto.

Navios entrados no dia 25.

Rio Grande do Sul—28 dias, brigue brasileiro «Bom Jesus», de 247 toneladas, capitão José Ferreira Pinto, equipagem 9, carga 6,000 arrobas de carne secca ; a Antonio Pedro das Neves. Pertence a Pernambuco.

Habour de Grace—31 dias, brigue inglez «Belle», de 199 toneladas, capitão W. Brooks, equipagem 12, carga 2,375 barricas com bacalhao ; a Saunders Brothers & Companhia. Pertence a Liverpool.

Maranhão—18 dias, brigue escuna brasileiro «Laura», de 163 toneladas, capitão Manoel da Silva Santos, equipagem 15, carga arroz e mais generos ; a José Baptista da Fonseca Junior. Pertence a Maranhão. Passageiros, Fr. Luiz do Espirito Santo, João José Alves de Oliveira, Joaquim da Silva Santos, João Simões Mathias.

Navio sahido no mesmo dia.

Rio de Janeiro—Brigue francez de guerra «Beaumanoir», commandante Duval.

Navios entrados no dia 26.

Barcelona e Malaga — 37 dias e do ultimo porto 27, sumaca hespanhola «Violante», de 115 toneladas, capitão Boaventura Millet, carga vinho : a Aranaga e Bryan. Pertence a Barcelona.

Portland — 42 dias, galera americana «Tarquim», de 462 toneladas, capitão G. B. Smith, equipagem 15, carga madeira e mais generos ; ao capitão. Pertence a Boston, veio refrescar e segue para Buenos Ayres.

Maranhão e Ceara' — 22 dias e do ultimo porto 11, brigue escuna brasileiro «Graciosa», de 218 toneladas, capitão João José de Souza, equipagem 12, carga arroz e mais generos ; a Antonio de Almeida Gomes. Pertence ao Maranhão. Passageiros, Francisco Ferreira Gomes de Menezes, sua senhora, uma filha menor e 1 escravo, José dos Santos Villaça, Norberto Bezerra de Albuquerque.

Hamburgo — 47 dias, brigue dinamarquez «Anna Maria», de 210 toneladas, capitão J. B. Krwse, equipagem 10, carga fazendas ; a Astley & C. Pertence a Hamburgo.

Cette—41 dias, barca franceza «Maria», de 255 toneladas, capitão S. Vidal, equipagem 13, carga vinho e mais generos ; a N. O. Bieber & C. Pertence a Narbonne.

Navio sahido no mesmo dia.

Em commissão — Brigue de guerra brasileiro «Capibaribe», commandante o capitão tenente Hermenegildo Barboza de Almeida, conduzindo parte do segundo batalhão de fuzileiros.

Declarações.

CONSELHO ADMINISTRATIVO.

O conselho administrativo em virtude de autorisação do Exm. Sr. presidente da provincia, tem de comprar os objectos seguintes :

Para a obra do Forte do Buraco.

Oleo 4 galões e 2 libras, tinta branca 30 libras, zarcão 12 libras, secante 6 libras, aguarraz 3 libras, tinta azul 2 libras, broxas ME 3, pinceis 2, rôxo terra 16 libras, cré 16 libras.

Hospital regimental.

Areia 30 canôas, tijolos de alvenaria 2 milheiros, cal branca 12 alqueires, areia de fingir 1 canôa.

Quartel de cavallaria.

Oleo 16 libras, tinta branca latas de 60 libras 2, almagre 4 libras, broxas grandes 2.

Fortaleza do Brum.

Oleo 4 galões, tinta preta 8 libras, secante 2 libras, ocre 16 libras, zarcão 6 libras, tinta verde 4 libras, broxas e pinceis 4, tinta azul 1 libra, tinta branca 8 libras.

Quem quizer verder apresente as suas propostas na secreteria do conselho as 10 horas do dia 28 do corrente mez.

Sala das sessões do conselho administrativo para fornecimento do arsenal de guerra 21 de janeiro de 1857.—Bento José Lamenha Lins, coronel presidente. - Bernardo Pereira do Carmo Junior, vogal e secretario.

CONSELHO ADMINISTRATIVO.

O conselho administrativo, em cumprimento de art. 22 do regulamento de 14 de dezembro de 1852, faz publico que foram aceitas as propostas de José Francisco Lavra, Guilherme da Silva Guimarães, João Baptista Ribeiro, Siqueira & Pereira, José Nogueira de Souza, Joaquim Mendes Freire, e Rodrigues & Ribeiro, para fornecerem : o primeiro, 2,292 covados de panno azul para sobrecasacas a 2$350 rs , 1,890 ditos de dito para capotes a 1$800, 28 mantas de lãa a 1$900 rs.; o segundo, 366 covados de panno azul para o Rio Grande do Norte a 2$500, 21 covados de casemira encarnada para o mesmo a 2$ rs., 270 ditos de dita carmesim para o arsenal de guerra a 3$000 rs. ; o terceiro 610 varas de algodãosinho para o Rio Grande do Norte a 210 rs. ; o quarto, 915 varas de brim para a mesma provincia a 395 rs., 91 ditas de panno preto para dita a 1$950, 398 ditas de dito para o arsenal de guerra a 1$950 ; o quinto 8 livros para registros das praças addidas as companhias do segundo batalhão de infantaria a 35$ rs. ; o sexto 7,098 botões pretos para o Rio Grande do Norte a 225 rs., 2,196 ditos brancos a 225 rs. ; o setimo, 800 penas de ganço para o arsenal de guerra a 1$100 rs. o cento. E avisa aos supraditos vendedores que deverão recolher os referidos objectos ao arsenal de guerra no dia 28 do corrente mez. Sala das sessões do conselho administrativo para fornecimento do arsenal de guerra 23 de janeiro de 1857.—Bernardo Pereira do Carmo, vogal e secretario.

— Por esta subdelegacia se faz publico que foi aprehendido um cavallo melado, capado, o qual se acha em deposito, para ser entregue a seu dono, depois de justificar o seu direito.—Subdelegacia do districto de Goianna, 16 de janeiro de 1857.—O escrivão Manoel Marcolino Rodrigues da Silva.

Companhia pernambucana de navegação costeira a vapor.

O conselho de direcção, em observancia do art. 20 dos estatutos, convida os senhores accionistas para a assembléa geral na sala da Associação Commercial, as 10 horas da manhãa de 31 do corrente.

O secretario
Antonio Marques de Amorim.

—De ordem do Exm Sr. barão de Camaragibe, director da Faculdade de Direito desta cidade, faço publico que fica marcado o prazo de seis mezes, contados do dia de hoje, para o concurso ao lugar vago de lente substituto da mesma, o qual, visto como se finda durante as ferias se estendera até o terceiro dia util de fevereiro, as duas horas da tarde.

Pelo que todos os pretendentes ao dito lugar se poderão apresentar desde ja na secretaria desta Faculdade para inscreverem seus nomes no livro competente ; o que lhes he permittido fazer por procurador, se estiverem a mais de vinte leguas desta cidade, ou não o poderem executar pessoalmente por justo impedimento. São obrigados, porem, a apresentar documentos que mostrem sua qualidade de cidadão brasileiro, e de que estão no gozo de seus direitos civis e politicos, certidão de baptismo,folha corrida do lugar de se s domicilios, e diploma de doutor por uma das F culdades de Direito do imperio, ou publica forma deste, justificando a impossibilidade da apresentação do original, e na mesma occasião poderão entregar quaesquer documentos que julgarem convenientes ou como titulos de habilitação, ou como prova de serviços prestados ao estado, a humanidade, ou a sciencia, dos quaes se lhes dara' recibo : tudo de conformidade com os artihos 36 e 37 do decreto n. 1387 de 28 de abril de 1854, e 111 e segg. do de numero 1568 de 24 de fevereiro de 1855.

E para que chegue ao conhecimento de todos, mandou o mesmo Exm. Sr. allivar o presente que sera publicado pelas folhas desta cidade e da corte,e repetido por oito dias a findar-se o prazo.

Secretaria da Faculdade Direito do Recife, 30 de julho de 1856.

O secretario,
Dr. Joaquim Antonio Carneiro da Cunha Miranda.

CONSELHO ADMINISTRATIVO.

O conselho administrativo tem de comprar o seguinte :

Para o arsenal de guerra.

Ferragens de latão para cinturões 2,354, ditas de dito para moxilas pelo novo modelo 2,354.

Quem quizer vender apresente as suas propostas em cartas fechadas na secretaria do conselho as 10 horas do dia 4 de fevereiro de proximo vindouro.

Sala das sessões do conselho administrativo para fornecimento do arsenal de guerra 26 de janeiro de 1857.--Antonio Gomes Leal, coronel presidente interino.--Bernardo Pereira do Carmo Junior, vogal e secretario.

Avisos Maritimos.

PORTO.

A barca portugueza Duarte IV seguira para a cidade do Porto com a maior brevidade: tem ainda praça para alguma carga, que recebera e frete : os pretendentes dirijam-se a rua da Cadeia do Recife n 12, escriptorio de Baltar & Oliveira.

Real companhia de paquetes inglezes a vapor.

Até o fim deste mez espera-se da Europa um dos vapores da Real Companhia, o qual depois da demora do costume seguira para o sul : para passageiros etc., trata-se com os agentes Adamson Howie & C., rua do Trapiche Novo n. 12.

— Para Lisboa pretende seguir com brevidade o hiate portuguez denominado Rival, por ter parte do seu carregamento prompto: quem no mesmo quizer carregar podera contratar com os consignatrios Amorim Irmãos, rua da Cruz n. 3.

Para o Rio de Janeiro

segue nestes dias o patacho Henrique, capitão Joaquim Antonio Gonçalves Santos ; recebe carga, passageiros e escravos a frete : a tratar com Caetano Cyriaco da C. M., na rua da Cadeia do Recife n. 2, ou com o capitão.

— Para o Rio de Janeiro sahe com muita brevidade a nova barca «Recife», de primeira marcha, pregada e encavilhada de cobre, a qual tem a maior parte de seu carregamento prompto : para o restante e passageiros, para os quaes tem excellentes commodos, trata-se com Manoel Francisco da Silva Carriço, na rua do Collegio n. 15, terceiro andar ou com o capitão a bordo.

Para a Bahia.

O veleiro e bem conhecido palhabote nacional «Dous Amigos,» segue para a Bahia com muita brevidade, tem premptos deus terços de seu carregamento, para o resto trata-se com o seu consignatario Antonio Luiz Oliveira Azevedo rua da Cruz n. 1.

Companhia brasileira de paquetes a vapor.

O vapor IMPERADOR, commandante o 1º tenente Torrezão, espera-se dos portos do norte em seguimento para os do sul até o dia 27 do corrente : os senhores que tiverem de remetter escravos e quaesquer volumes, sejam de carga ou encommendas, deverão ir a agencia no dia da chegada do vapor, para se engajar o que poder ser recebido : no dia da sahida somente se admitte passageiros e dinheiro a frete ate as horas do expediente : agencia, na rua do Trapiche n. 40, primeiro andar.

— A barca portugueza Santa Cruz sahe impreterivelmente para o Porto no dia 1 de fevereiro : ainda recebe alguma carga a frete e passageiros, para o que trata-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar.

— Para Lisboa pretende sahir com a maior brevidade a barca portugueza Gratidão : quem na mesma quizer carregar ou ir de passagem, trate com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19 primeiro andar, ou com o capitão na praça.

— Para o Rio de Janeiro sahe o brigue nacional Adolpho, capitão Manoel Pereira de Sa ; para o resto da pouca carga que lhe falta, passageiros e escravos a frete, trata-se com Eduardo Ferreira Baltar.

Ceará e Maranhão.

O patacho Santa Cruz transferio a sahida para o dia 31 do mez corrente ; ainda recebe carga : a tratar com Caetano Cyriaco da C. M., na rua da Cadeia do Recife n. 2

— Para Maceió sahe com brevidade a barcaça Conceição Pedrosa : quem nella quizer carregar ou ir de passagem entenda-se com o mestre na rampa da alfandega, aonde se acha fundeada.

— Precisa-se de marinheiros nacionaes para a barca nacional Clementina : quem se se julgar habilitado dirija-se a bordo da mesma barca, à tratar com o capitão.

Espera-se do sul e segue para Europa no principio de fevereiro o vapor hamburguez THEUTONIA : qualquer informação com os agentes N. O. Bieber, & C., rua da Cruz n. 4.

Leilões.

Leilão.

Barroca & Castro farão leilão, por intervenção do agente Oliveira, de grande sortimento de fazendas inglezas as mais proprias do mercado, e em seguida varias outras avariadas, por conta e risco de quem pertencer: terça-feira 27 do corrente, a's 10 horas da manhãa, no seu armazem, rua da Cadeia do Recife.

— O agente Borja fará leilão em seu armazem na rua do Collegio n. 15, de um magnifico sortimento de obras de marcineria de todas as qualidades, diversos pianos, obras de ouro e prata, relogios patente inglez, suisso, etc., vidros finos e louça para serviço de mesa, candeeiros inglezes, lanternas, candelabros, quinquilharias francezas modernissimas, frascos de vidro de bocca larga, uma porção de chá hysson fino, café e arroz em saccas, varios barris de optima manteiga ingleza e franceza, queijos hamburguezes, massas finas de differentes qualidades, conservas em frascos, sardinhas de Nantes, e outros muitos generos que se entregarão pelo maior preço offerecido ; assim como tambem alguns escravos de ambos os sexos, moços com habilidades e sem ellas, proprios para todo o serviço, um optimo cavallo de estribaria de bonita figura, com todos os andares, que se achará em frente do armazem supradito, para ser examinado pelos pretendentes, e uma excellente canoa de amarello, de carreira, nova, a qual se achará no caes do Collegio, logo pela manhãa : quinta-feira 29 do corrente as 10 horas da manhãa.

—O agente Borja fara' leilão, por ordem do Illm. Sr. Dr. juiz municipal da segunda vara, a requerimento de Francisco Esteves Paes Barreto, de 57 saccos com assucar mascavado, apprehendidos por falsificação, os quaes se acham depositados no armazem do Sr. Antonio Alves Barboza, na rua de Apollo n. 50 : terça-feira 27 do corrente, as 11 horas da manhãa, no referido armazem.

—Henrique Brunn & C., farão leilão, por intervenção do agente Oliveira, de um esplendido sortimento de fazendas de seda, lãa, linho e de algodão, as mais proprias do mercado: quinta-feira 29 do corrente, a's 10 horas da manhãa, no seu armazem, rua da Cruz.

Avisos Diversos.

Folhinhas

PARA 1857.

Acham-se a' venda as bem conhecidas folhinhas, impressas nesta typographia, das seguintes qualidades :

FOLHINHA RELIGIOSA, contendo além dos mezes, a bibliotheca do christão brasileiro, que se compõe de orações quotidianas, methodo de assistir a missa e confissão ; canticos, psalmos, hymnos, officio de Nossa Senhora da Conceição e muitas outras orações de grande merito, preço. 320

DITA SIMPLES, contendo além dos mezes, a lei dos circulos e varias tabellas de impostos geraes, provinciaes e municipaes, preço. 240

DITA DE PORTA, a qual além dos mezes tem explicações das indulgencias e excommunhões, etc., preço. . . . 160

DITA DE ALMANAK, a qual além dos mezes, contem o almanak civil, administrativo, commercial, e industrial da provincia, por 500

Todas estas folhinhas são impressas em bom papel e excellente typo, e vendem-se em porção e a retalho: na livraria da praça da Independencia ns. 6 e 8.

O Dr. Pedro Antonio Cesar, medico pela Faculdade de Medicina da Bahia, tendo chegado a esta cidade, participa aos seus amigos e ao publico desta capital, que esta' prompto para exercer as funcções de sua profissão, e pode ser procurado na casa de sua residencia, a' rua Direita n. 100, segundo andar.

A pobreza tem consultas gratuitamente, das 6 a's 9 horas da manhãa.

ALMANAK DE PORTUGAL.

Acaba de chegar de Lisboa o almanak de Portugal : vende-se na livraria ns. 6 e 8 da praça da Independencia, a 2$400 reis cada um exemplar, contendo 720 paginas em 8º.

-- Manoel Antonio da Silva Motta compra um eixo de ferro torto de carregar pipas, assim como outro direito, que seja em segunda mão : quem tiver annuncie ou procure na rua da Cruz n. 31, armazem.

— Pede-se ao Sr. Santa Rosa dê-nos ainda o prazer de apreciarmos um ou dous espectaculos pastoris, fazendo elle a parte da mamã-vovo. — O apreciador.

Ao Santa Rosa.

Pede-se que faça ainda echoar nas abobadas de Apollo o brilhante acto da MAMA' VOVO', que tantos applausos colheu na noite de sabbado ; não esquecendo augmentar alguma cousinha para que não fique tão curto o espectaculo.

O pateante convertido.

Substituição do *arcano a potassa* pelo barato preço de 5,200 por uma lata de 10 libras: no armazem de N. O. Bieber & C., rua da Cruz n. 4.

-- No dia 9 de fevereiro, pelas 7 horas da noite, levantar-se-ha a bandeira do glorioso Santo Amaro : roga-se aos devotos do milagroso santo compareçam em sua igreja a dita hora para abrilhantarem com suas presenças este acto.

-- O alfaiate Lucio na rua da Cadeia do Recife, sobrado n. 49, precisa de bons officiaes para calças de casemira, e paga 1$440 por cada peça.

--- Vende-se um casal de escravos ainda moços, muito proprios para engenho ou mesmo para a praça, por saber a preta cozinhar e lavar de sabão: a tratar na rua da Santa Cruz n. 24.

— João Baptista Carneiro da Cunha, tendo 14 annos de pratica de advogado, provisionado pela relação de Pernambuco, em virtude de exame que preston em direito civil e criminal, tendo alem disto exercido diversos empregos de fazenda e de judicatura durante esse tempo, agora autorisado pela relação da corte, trata de negocios judiciaes e extrajudiciaes em todos os tribunaes de justiça, thesouro nacional, secretarias de estado e mais repartições publicas.

Incumbe-se de tirar com a maior brevidade possivel diplomas, patentes, licenças para casamentos, tanto do bispado do Rio de Janeiro, como de qualquer outro, cujo impedimento exija Breve do internuncio apostolico, titulos de condecorações e outros de mercê imperial, não só para dentro da corte, como para as provincias do imperio.

Incumbe-se de receber no thesouro, dividas de exercicios findos, etc, e de cobrar dividas dentro da corte.

Inquire testemunhas nas causas civeis, e assegura que este serviço sera desempenhado de um modo conveniente e satisfactorio ás partes, tanto na corte, como fóra della.

Encarrega-se de causas crimes desde o seu começo até o julgamento perante o jury, tendo para isso procuração da parte.

Trata de appellações, promovendo seu prompto andamento.

Garante em tudo a maior actividade de sua parte, zelo, probidade e preço rasoavel.

Primeiro.--Nas causas em que for procurador o seu honorario sera a metade do que tiver o advogado.

Segundo --Nas appellações o honorario será de 160$ rs., inclusive a paga do advogado e procurador até a decisão de revista ; neste honorario não se incluem as despezas com sello, revalidação de sello, preparos e extracção de sentença. O honorario da appellação sera pago adiantado, e as despezas á medida que se fizerem.

Terceiro --Cada inquirição de testemunha na corte 10$ rs., e fora o que se convencionar.

Quarto.--Nas causas crimes o que se convencionar.

Quinto.--Com a procuração será remettida carta de ordens para pessoa desta corte que satisfaça as despezas.

Sexto.--Todos os mezes receberá a parte uma nota succinta do estado da causa ; e quando se pretender mudar de procurador basta que o communique por escripto, que immediatamente se substabelecerá a procuração na pessoa designada, dando-se-lhe os esclarecimentos necessarios.

Podera ser procurado todos os dias em sua morada, rua da Misericordia n. 8 até as 9 horas da manhãa, e das 4 da tarde em diante

Das 9 horas da manhãa até as 3 da tarde na rua Direita n. 15, escriptorio d'advocacia do Exm. Sr. senador João Antonio de Miranda.

N. B.--O signatario do presente impresso sendo filho do norte, ligado ao norte por nascimento, familia e interesses, jamais se poupara de prestar os seus serviços a todos os seus compatriotas que tenham pretenções pendentes da capital do imperio.

-- Avisa-se aos devedores de impostos de 20 por cento do consumo d'aguardente do municipio do Recife, dos annos de 1848 a 1852, e 3 por cento dos annos de 1850 a 1852, que as relações de seus debitos ja foram remettidas para juizo, afim de contra elles se proceder executivamente, e que antes de ser requerido o pagamento judicial se lhes assigna o prazo de 30 dias para pagarem os mencionados debitos sem dependencia de nenhuma despeza judicial ; e os que assim quizerem pagar podem procurar as guias em casa do procurador fiscal, na rua Nova n. 14 segundo andar, em todos os dias uteis das 10 horas da manhãa as 3 da tarde.

-- Avisa-se aos devedores de impostos de decimas das differentes freguezias desta cidade, e 4 por cento do anno de 1855 a 1856, que as relações de seus debitos ja foram remettidas para juizo, afim de contra elles se proceder executivamente; e que antes de ser requerido o pagamento judicial, se lhes assigna o praso de 30 dias para pagarem os mencionados debitos, sem dependencia de nenhuma despeza judicial ; e os que assim quizerem pagar podem procurar as guias em casa do procurador fiscal na rua Novova n. 14, segundo andar, em todos os dias uteis, das dez horas da manhãa as 3 da tarde.

--- Ainda se acham a disposição dos compradores as mais superiores toalhas de puro linho que tem vindo ao mercado, assim como gravatas de seda a mil reis, ditas de cassa a 320 : na rua do Crespo n. 16.

--- Roga-se ao Sr. Simeão Francisco Ignacio Machado, morador em Maceió, o obsequio de mandar entregar ao abaixo assignado as duas lettras que lhe entregou para cobrar, do que até o presente não deu solução.--João da Cruz Santos.

--- Vende-se um casal de escravos de muito boa conducta, proprios para o serviço de campo na rua da Cadeia Velha n. 24.

HOSPITAL PORTUGUEZ DE BENEFICENCIA

Existindo em poder dos senhores accionistas e subscriptores alguns volumes de obras bastante demorados, e causando estas faltas transtorno no expediente, onde deve haver toda a regularidade, a direcção pede aos mesmos senhores hajam de mandar entregar o mais breve possivel os mesmos volumes. Achando-se grande numero de obras inutilisadas, umas por falta de folhas e estampas e outras rasgadas, pede igualmente a direcção aos senhores accionistas e subscriptores, que prestem toda a attenção a este particular, recommendando aos seus portadores que no transito do gabinete para casa tenham todo o cuidado com as obras que vão buscar. Novamente faz ver a direcção, que o expediente do gabinete he das 9 horas da manhãa as 2 da tarde, e das 4 as 9 da tarde. Secretaria do Gabinete Portuguez de Leitura 22 de janeiro de 1857.--João José de Lima, 2.º secretario.

Compra-se

uma preta crioula, moça, bonita figura, com habilidades, paga-se bem agradando : quem a tiver e quizer vender dirija-se a rua do Sebo n. 42.

--- Compra-se uma escrava de meia idade não tendo vicio nem achaques : paga-se bem na rua do Codorniz n. 5.

--- Precisa-se de uma mulher que lave roupa com perfeição, para ficar em um sitio de uma familia estrangeira, lavar de sabão e quando for preciso de varrela : paga-se bem, a tratar na rua do Torres n. 38, segundo andar.

--- Offerece-se para caixeiro de fazendas, ferragens ou miudezas, um rapaz de 14 annos, natural de uma das provincias do norte, o qual he intelligente e de uma conducta que se affiança : na rua Direita n. 82.

— Os senhores tenente-coronel Manoel Antonio dos Passos e Silva, Dr. Manoel Joaquim de Miranda Lobo, Manoel Pereira Brandão, João Francisco da Lapa, Salvador Henrique de Albuquerque e padre Fortunato David Amador de Oliveira, assignantes do Jornal do Commercio desta provincia, queiram mandar receber os respectivos exemplares na agencia do correio de Olinda, nas terças e sextas-feiras de cada semana.

— Precisa-se de um preto para alugar quem o tiver dirija-se ao pateo do Terço n. 38.

OFFICIAES DE FUNILEIRO.

Na loja de funileiro da rua do caes de Apollo nos fundos da loja da rua da Cadeia n. 64, precisa-se de officiaes de funileiro : a tratar na mesma loja.

— Precisa-se de uma mulher forra ou captiva para o serviço interno de uma casa de pouca familia, paga-se bem ; juntamente compra-se na mesma casa uma preta que seja moça, sem vicios nem achaques, e saiba cozinhar ; e um negro sadio e sem vicios no pateo do Collegio n. 1, segundo andar.

—Da fabrica de caldeireiro da rua do Brum n. 28, ausentou-se o preto escravo Antonio, de nação angico, official de funileiro e vidraceiro, tem uma belide no olho esquerdo, he alto, magro e de rosto talhado : quem o pegar ou delle der noticia, dirija-se a mesma fabrica, que será recompensado.

-- Agencia de passaportes, folhas corridas, despachos de escravos, e qualquer serviço que pertencer ao tribunal de policia : para cujo fim procure-se o annunciante na rua do Queimado n. 25, loja do Sr. Joaquim Monteiro da Cruz, e na rua da Cadeia do Recife n. 49, loja do Sr. Manoel Antonio Monteiro dos Santos.

-- Precisa-se de um pequeno para taberna, para estar na companhia de outro, que saiba vender, ou dos ultimos chegados : no pateo da Santa Cruz n. 2.

— O abaixo assignado participa ao publico e ao corpo commercial, que tem justo e tratado com o Sr. Custodio Antonio Soares formarem sociedade em sua padaria sita na rua larga do Rosario n. 48, gyrando desta data em diante os negocios do estabelecimento debaixo da firma social de Monteiro & Soares, e a cargo do annunciante fica o activo e passivo de todas as transacções anteriores a esta data. Recife 26 de janeiro de 1857.--Bernardo de Cerqueira Castro Monteiro.

-- O agente Pestana fara leilão, por conta de quem pertencer, de 20 caixas com queijos flamengos de excellente qualidade, desembarcados ultimamente, e cem caixas de batatas portuguezas das mais novas que ha no mercado : quarta-feira, 28 do corrente, pelas 11 horas da manhãa, na porta da alfandega.

-- Muito agradeço, em nome de toda minha familia, aos socios do theatrinho do Capibaribe, a bondade com que nos honraram em Itamaraca na noite de 18 do corrente. Sentimos sobremaneira a viagem incommoda que soffreram de cá para lá, e a hospedagem pouco digna de moços a quem ornam os melhores sentimentos, excellentes qualidades e limada educação. Podem sempre contar com a nossa gratidão, os senhores socios do Capibaribe, aquelles que foram a Itamaraca.--Godofredo Henriques de Miranda.

Na officina de calçado da rua larga do Rosario, antiga Quarteis n. 14,

precisa-se de officiaes de sapateiro que saibam trabalhar de ponto e de taixa ; acceitam-se aprendizes livres e captivos ; ensina-se tambem aos que ja fossem officiaes a taxiar, mediante condições muito favoraveis : as pessoas que se quizerem contratar podem-se dirigir a referida officina, por si, por seus pais ou parentes, e senhores.

Na officina de calçado da rua estreita do Rosario, antiga Quarteis n. 14,

precisa-se de costureiras para trabalhar em borzeguins de brim, de obra, etc., etc. ; ensina-se aos que não souberem sem abatimento algum de seu ordenado ; contrata-se por mez ou conforme convier as partes.

— Precisa-se de uma ama para casa de familia de 2 pessoas, e não se olha a preço na rua Direita n. 56.

AO PUBLICO.

No armazem de fazendas baratas, rua do Collegio n. 2,

vende-se um completo sortimento de fazendas finas e grossas, por mais barato preços do que em outra qualquer parte, tanto em porções como a retalho, afiançando-se aos compradores um só preço para todos: este estabelecimento abrio-se de combinação com a maior parte das casas commerciaes inglezas, francezas, allemãos e suissas, para vender fazendas mais em conta do que se tem vendido, e por isto offerecem elle maiores vantagens do que outro qualquer; o proprietario deste importante estabelecimento convida á todos os seus patricios, e ao publico em geral, para que venham (a bem dos seus interesses) comprar fazendas baratas: no armazem da rua do Collegio n. 2, de—Antonio Luiz dos Santos & Rolim.

Rua larga

DO ROSARIO N. 38.

botica de

Bartholomeu F. de Souza,

continua a vender

XAROPE DO BOSQUE

(sendo falso o que for vendido em outra qualquer parte.)

Rob L'Affecteur.
Pilulas vegetaes de Brandet.
Vermifugo inglez em vidros.
Elixir anti-asmathico.
Frascos de bocca larga com rolhas, de 1 a 12 libras.

ILEGÍVEL

MUTILADO

SALSA PARRILHA DE Bristol's.

Vende-se unicamente na botica do Sr. Antonio Pedro da S. Neves, na rua da Cadeia do Recife.

VIRTUDES DA SALSA PARRILHA DE BRISTOL.

A salsa parrilha original e genuina de Bristol possue todas as virtudes para curar todas as enfermidades que provêm de um estado de impureza de sangue e das secreções morbidas do figado e estomago, e em todos os casos que necessitam remedios para purificar e robustecer o systema. Em todos os casos de escrophulas, erysipelas, tinha, erupções cutaneas, manchas, bilis, inflammação e debilidade nos olhos, inchação das glandulas, dores lombares, affecções rheumaticas, dores nos ossos e nas juntas, hydropisia, dispepsia, asthma, diarrhea, tosse, resfriados, inflammação dos pulmões, phtisica quando provêm da obstrucção dos bronchios em pessoas escrophulosas, influenza, indigestão, ictericia, debilidade geral do systema nervoso, febres agudas, calores, enfermidades das mulheres, enfermidades biliosas, e em todas as affecções provenientes do uso immoderado do mercurio. Esta salsa parrilha se emprega com efficacia em todos os sobreditos casos, e he reconhecida como a melhor medicina que existe.

PRECAUÇAO.

As pessoas que comprarem a salsa parrilha deverão ter o cuidado de observarem que a salsa parrilha de Bristol esta em garrafas de grande tamanho, com as palavras salsa parrilha genuina de Bristol, Nova York, gravadas no mesmo vidro.

Sobre a rolha da garrafa se verá o nome de Bristol. Uma direcção acompanhará cada garrafa.

CASO DE DEBILIDADE COM ICTERICIA.

New-York 30 de maio de 1843. Uma senhora soffria de espasmos nervosos, experimentava uma continua aniquilação de forças ao ponto de cahir por vezes em syncope. Empregou multiplicados remedios sem tirar vantagem. Declarou-se uma ictericia com um emagrecimento progressivo. Esgotados os varios recursos da arte foi a tempo empregado o incomparavel remedio da salsa parrilha de Bristol e o rapido estabelecimento da energia vital logo reappareceu com novo vigor.

CASO DE ISABEL DAVIS.

Isabel Davis foi accommettida pelo espaço de quatro annos de ulceras escrophulosas, tendo seis chagas abertas na parte superior do braço direito, as quaes deitavam grande supuração e causavam a quasi immobilidade das partes. Chegada em Santa Catharina em novembro de 1847 a doente consultou varios medicos, os quaes deram o conselho de amputar o braço, como o unico recurso de salvar a vida. Foi então acnoselhado o uso da salsa parrilha de Bristol a enfermar que a pedio como suave alivio, logo ella experimentou tão vantajoso proveito, que continuando tempo segundo o uso do remedio, chegaram as feridas ao melhor estado de cicatrisação. O caso he referido pelos hourados professores Goodmann e Samuey Haver.

CONSULTORIO CENTRAL HOMEOPATHICO.

Rua de Santo Amaro (Mundo-Novo) n. 6.

O Dr. *Sabino Olegario Ludgero Pinho*, de volta de sua viagem ao Rio de Janeiro, continua a dar consultas todos os dias uteis, das 8 horas da manhãa, as 2 da tarde.

Os pobres são medicados gratuitamente.

SEGURO CONTRA FOGO.

Companhia Alliance.

Estabelecida em Londres, em março de 1824. Capital cinco milhões de libras esterlinas.

Saunders Brothers & C., tem a honra de informar aos Srs. negociantes, proprietarios de casas, e a quem mais convier que estão plenamente autorisados pela dita companhia para effectuar seguros sobre edificios de tijolo e pedra, cobertos de têlha e igualmente sobre os objectos que contiverem os mesmos edificios quer consista em mobilia ou em fazendas de qualquer qualidade.

— Aluga-se a antiga casa de vender polvora, na cidade de Olinda, com bom sitio, baixa para capim, e boa casa de vivenda ao pé: quem pretender dita casa dirija-se a rua do Vigario n. 31.

DENTISTA FRANCEZ.

Paulo Gaignoux, de volta de sua viagem a Europa, está morando na rua Nova n. 41, primeiro andar, onde pode ser procurado a qualquer hora.

— Precisa-se de uma ama que tenha bastante leite, ainda mesmo sendo escrava: no pateo de S. Pedro n. 22.

Escolas DO METHODO CASTILHO.

Do dia 7 de janeiro em diante estão abertas as 6 escolas desta capital, pelo excellente methodo Castilho; pelo qual a voz publica se ha pronunciado pelo orgão da imprensa pernambucana, merecendo particular attenção a escola de meninas, erecta na rua do Vigario, casa do finado Silva Companhia, não só porque nessa escola se ensinam todos os primorosos bordados, e mais lavores que se possam desejar, como porque a digna professora estando sendo leccionada na grammatica nacional pelo eximio professor o Rvm. Sr. padre mestre Varejão, se tornará mais um precioso brilhante que ornará a coroa litteraria do Exm. conselheiro Sr. Dr. Castilho.

PARA CONSERVAÇA'O DOS DENTES.

Vende-se pós e agua dentrifices: na rua Nova n. 41, em casa do dentista francez Paulo Gaignoux.

— Precisa-se alugar duas amas forras ou captivas para casa de familia, que cozinhem e engommem: na rua da Cadeia do Recife loja n. 50.

Seguros contra o fogo.

LONDRES. COMPANHIA NORTHERN.

CAPITAL £ 1,260,000—ESTABELECIDA EM 1836.

Para effectuar seguros

sobre propriedades, mercadorias, mobilia e generos de quasi todas as qualidades. Premio de 5/8 até 1/2 por cento ao anno, agentes C. J. Astley & C. Em conformidade de ordens ultimamente recebidas, os agentes acham-se habilitados a tomar risco contra fogo, e sobre generos de exportação, como sejam: algodão, assucar ou couros, depositados em trapiches ou armazens particulares, em Maceió, Jaraguá ou Parahiba do norte agentes C. J. Astley & C.

—O abaixo assignado lecciona primeiras lettras, latim e francez: na casa n. 58, da rua Nova.—José Maria Machado de Figueiredo.

--- O unico preservativo contra a caspa que ate agora tem apparecido, tem a vantagem de preservar da caspa, amaciar o cabello, e tambem tingir o mesmo: na loja n. 1 da rua do Crespo.

— Aluga-se uma casa caiada e pintada de novo com excellentes commodos para familia, situada no principio da Torre e pertencente ao Sr. Arantes: a tratar na rua Velha n. 24.

—Precisa-se de dous officiaes de caldeireiro para a cidade da Bahia: a tratar do ajuste na rua da Cruz n. 1, escriptorio de Antonio Luiz de Oliveira Azevedo.

—Precisa-se de um bom cozinheiro: na travessa da rua Bella n. 6.

--- Na rua da Mangueira n. 8 precisa-se de uma boa ama e engommadeira, e tambem de uma lavadeira,

--- Os Srs. Cypriano Luiz da Paz na rua do Collegio, no aterro da Boa-Vista João José Ferreira da Luz, na padaria do Sr. Beiriz, dirão quem da quantias de 400$, 500$, 600$, 800$, 1:000$ e 1:200$, até mais com hypotheca em casas terreas nesta cidade.

Agencia de passaporte e folha corrida.

Rua da Praia n. 43 primeiro andar.

Claudino do Rego Lima, despachante pela repartição da policia, tira passaportes para dentro e fora do imperio, e folha corrida com presteza, e commodo preço.

--- A rifa do sitio na Passagem da Magdalena de A. J. de M., corre com a primeira loteria da corte do Rio de Janeiro, no proximo fevereiro, se se extrahirem sufficientes bilhetes; na confeitaria defronte do theatro velho, e praça da Indedencia loja das loterias.

--- Precisa-se de uma ama que saiba cozinhar, para uma casa de pouca familia: na praça do Corpo Santo n. 17.

XAROPE DO BOSQUE

Foi transferido o deposito deste xarope para a botica de José da Cruz Santos, na rua Nova n. 53, garrafas 5$500, e meias 3$000, sendo falso todo aquelle que não for vendido neste deposito, pelo que se faz o presente aviso.

IMPORTANTE PARA O PUBLICO.

Para cura de phtysica em todos os seus differentes gráos, que r motivada por constipações, tosse asthma, pleuriz, escarros de sangue, dôrde costados e peito, palpitação no coração, coqueluche bronchite, dôr na garganta, e todas as molestia dos orgãos pulmonares.

Attenção.

R. C. Yates & C., estabelecidos no Rio de Janeiro na rua do Hospicio n. 40, vendo um annuncio publicado em uma das folhas de Pernambuco pelo Sr. Bartholomeu F. de Souza, prevenindo ao publico que o verdadeiro Xarope do Bosque só elle he quem vende, previnem ao mesmo publico que o nosso xarope he remettido do Rio de Janeiro pelos proprietarios acima, ao Sr. Manoel Alves Guerra, e este Sr. fez o deposito para ser vendido na pharmacia do Sr. José da Cruz Santos na rua Nova n. 53, unicos por nós autorisados para venderem o nosso verdadeiro, e mais prevenimos aos senhores consumidores que ha perto de cinco annos os rotulos collados nas garrafas são assignados por Henry Prins, como procuradores dos proprietarios acima.—Rio de Janeiro 13 de janeiro de 1857. ---p. p.—R. C. Yates & C.---Henry Prins.

— Bartholomeu Francisco de Souza lendo o annuncio dos Srs. R. C. Yates & C. no Diario n. 17, em que diz sêr sómente verdadeiro o Xarope do Bosque que se vende nesta cidade na pharmacia de José da Cruz Santos, onde fez deposito o Sr. Manoel Alves Guerra, que recebe delles proprietarios, declara ao publico que não duvida seja falso o Xarope do Bosque que tambem vende em sua botica, mas assevera que elle foi comprado aos mesmos Srs. R. C. Yates & C., do Rio de Janeiro, como prova o documento abaixo.

Rio de Janeiro 8 de agosto de 1856.

O Sr. Bartholomeu Francisco de Souza comprou a R. C. Yates & C.

4 duzias de garrafas com Xarope do Bosque a 54$000 . . . . 216$000

6 duzias de meias garrafas com Xarope do Bosque a 27$000 . . . . 162$000

Réis . . . . 378$000

Recebi o importe acima, do Sr. Antonio Joaquim Vieira de Carvalho.—Rio de Janeiro 8 de agosto de 1856.—Por R. C. Yates & C., José Paulino Baptista.

Estava reconhecido

—Precisa-se de officiaes e costureiras: na rua Nova n. 60, loja de alfaiate.

Loteria do Rio de Janeiro.

Na praça da Independencia n. 40, acham-se a' venda os novos bilhetes da loteria 1ª para construcção de uma praça de mercado daquella côrte, que devia correr no dia 17 do presente; as listas esperamos pelo vapor «San-Salvador»: os premios serão pagos na mesma loja acima, de conformidade aos nossos annuncios.

—Precisa-se de uma lavadeira para lavar roupa de uma grande familia: na praça da Independencia ns. 6 e 8, livraria.

—Precisa-se para uma casa estrangeira de pouca familia, de um bom cozinheiro, de uma ama secca e de uma perfeita engommadeira, paga-se bem sendo todos peritos e fieis: a tratar na rua do Torres a. 58, segundo andar.

FEITOR.

No engenho de Santa Rosa, freguezia da Luz, precisa-se de um bom feitor para o campo: a tratar no mesmo engenho.

--- Arrenda-se o engenho Oiteirão, sito na comarca de Santo Antão, pertencente a Isabel Maria de Mello, por um conto e duzentos annual, e tambem se arrendará por um conto de réis, obrigando-se o rendeiro a alguns concertos: os pretendentes dirijam-se ao mesmo para tratar.

— Foi apprehendida, que ia sendo conduzida por um preto, uma cabra (bicho) no lugar de Santo Amaro: quem for seu dono appareça no dito lugar, que dando os signaes certos lhe sera entregue: a fallar com o inspector.

— Antonio Marçal da Costa Albuquerque declara que desta data em diante assignar-se-ha Antonio Domingos da Costa Albuquerque.—Recife 21 de janeiro de 1857.

— Precisa-se de um bom amassador, paga-se bom ordenado: na rua estreita do Rosario n. 13; assim como aluga-se um preto que entenda de padaria.

— Precisa-se de um criado forro ou captivo para o serviço de uma pessoa, e paga-se bem agradando: a tratar na rua do Cabugá, loja de cera na quina da rua das Larangeiras.

-- Na rua Nova, loja e fabrica de chapeos de Christiany & Irmão, admittem-se officiaes da mesma officina de chapeleiro, assim como aprendizes para a mesma arte.

--Perdeu-se do poder do abaixo assignado uma lettra da quantia de rs. 139$910, aceita em 12 de janeiro pelo Sr. Luiz Francisco Monteiro Tibiro, e endossada pelo Sr. Victorino José Correia de Sá, a qual fica de nenhum effeito pelos mesmos senhores me terem passado outra de igual quantia.

Manoel dos Santos Pinto.

— Aluga-se a bella casa de campo da Passagem, a primeira passando a ponte grande. pertencente a viuva de Paulo Pereira Simões, pintada de novo, com estribaria para 4 ou 6 cavallos, cocheira para 2 ou 3 carros, casa para pretos, baixa para capim, sitio com algum arvoredo; a qual está por alugar por não estarem as chaves no Recife, e terem ido para o engenho: a tratar na rua do Queimado, loja n. 19.

-- O Sr. Augusto Fischer, administrador da cocheira da rua da Cadeia n. 12, he rogado a ir satisfazer os dous mandados de penhora que andam fóra, visto não se querer fazer a penhora em razão do mesmo senhor dizer que não tem uma camisa em seu nome.

— Aluga-se uma casa terrea na rua da Alegria, com 3 janellas e 1 porta, com commodos para familia: na rua do Collegio n. 9.

--- Precisa-se de um moço que tenha bastante pratica de loja de fazendas, para uma casa fóra da provincia, e que sua conducta seja garantida por pessoas idoneas: na rua da Cruz n. 35 primeiro andar.

--- O Sr. Joaquim Lopes Ferreira tem uma carta na rua do Crespo n. 7, loja de Siqueira & Pereira.

ATTENÇAÕ.

O abaixo assignado pede encarecidamente aos seus freguezes, que lhe compram bilhetes hajam de vir pagar no prazo de 8 dias, na loja da Sra. Viuva Bastos, na praça da Independencia n. 4.

Joaquim José da Silva Gaio.

--- De novo roga-se ao Sr... que procurou comprar o escravo Joaquim, do Senhor Dr. Antonio Carlos de de Almeida Albuquerquerque, que esta em seu poder, como disse aos Srs. João Baptista de Campos e Miguel José Barbosa Guimarães, queira ter a bondade de no prazo de tres dias entender-se com Joaquim Gonçalves de Albuquerque e Silva, na rua da Cruz n. 35 primeiro andar, e avisa-se ao mesmo que a força de indagações já he conhecido seu nome e morada, portanto se findo o referido prazo não apparecer, se recorrerá á policia.

— Troca-se uma preta de 40 annos, sem vicios, por um preto da mesma idade, tornando-se a differença: na rua da Moeda n. 32, segundo andar.

LOTERIA DA PROVINCIA.

O Sr. thesoureiro manda fazer publico que se acha a venda neste escriptorio rua da Aurora n. 26 primeiro andar: bilhetes, meios e quartos da segunda parte da setima loteria da matriz da Boa-Vista, cujas rodas andam no dia 31 do corrente mez. O Sr. thesoureiro manda fazer publico que existem grandes quantidades de bilhetes, meios e quartos acima a escolha do comprador, bem assim manda transcrever o novo plano abaixo declarado.

PLANO.

3600 bilhetes a 5$000	18:000$000
20 por cento	3:600$000
	14:400$000
1 Premio de	5:000$000
1 Dito de	1:500$000
1 Dito de	500$000
2 Ditos de 200$	400$000
4 Ditos de 100$	400$000
6 Ditos de 50$	300$000
15 Ditos de 20$	300$000
30 Ditos de 10$	300$000
1140 Ditos de 5$	5:700$000
1200 Premios.	14:400$000
2400 Brancos.	
3600	

Thesouraria das loterias 14 de janeiro de 1856.—O thesoureiro Francisco Antonio de Oliveira.

Approvo—Palacio do governo de Pernambuco 16 de janeiro de 1856.—S. de Macedo.

Conforme.—Antonio Leite de Pinho.

José Januario Alves da Maia, escrivão das loterias.

GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA.

Em consequencia de não ter havido sessão ordinaria do conselho deliberativo no dia 15 por falta de maioria, novamente se convoca o mesmo conselho para a sessão do dia 28 do corrente, as 7 horas da tarde. Recife 25 de janeiro de 1857.—O 2.º secretario, José dos Santos Pereira Jardim.

—PRECISA-SE de um criado estrangeiro ou nacional, assim como de uma ama para o serviço interno de uma casa: na rua Nova n. 59.

—Vaz & Leal declaram pelo presente annuncio ao Sr. Manoel Caetano Cyriaco, de Goianna, que tendo remettido ao Sr. Mathias José Alves de Araujo, em carta fechada, a sua letra a' ordem dos mesmos, de rs. 120$000, vencida em 18 de março de 1856, e por elles firmada, para este Sr. a receber, succedeu desencaminhar-se a referida carta; e portanto o previnimos para que não pague a referida letra a outra qualquer pessoa que não seja ao dito Sr. Mathias, ou aos annunciantes.

Recife 25 de janeiro de 1857.

Aluga-se

uma grande casa na rua Imperial n. 161, com tres portas de frente, duas grandes salas, cinco quartos, cozinha fóra, etc., por 12$000 mensaes: a tratar na rua Direita n. 45, loja.

Loteria da provincia.

O abaixo assignado vendeu as seguintes sortes:

1 meio	numero	1517	6:000$
1 quarto	»	2551	1:500$
1 meio	»	2812	200$
1 dito	»	3026	100$
1 quarto	»	2559	100$
1 dito	»	2946	100$
1 meio	»	741	50$
1 quarto	»	2572	50$
1 meio	»	1710	50$

O mesmo tem exposto á venda os seus felizes bilhetes, meios e quartos da segunda parte da setima loteria da matriz da Boa-Vista, os quaes não estão sujeitos ao desconto dos oito por cento da lei, e cujos preços são os seguintes:

Bilhetes	6$000	recebe	5:000$
Meios	3$000	»	2:500$
Quartos	1$500	»	1:250$

Por Salustiano de Aquino Ferreira
José Fortunato dos Santos Porto.

Aviso ao aviso do Sr. Correia.

Se o Sr. José Soares Correia só contrahisse nesta praça dividas com quem lhe remettia de commissão seus assucares, certamente não me collocaria na penosa necessidade de responder o seu aviso inserto neste Diario, que só he relativo a assucar e sómente assucar; mas o Sr. Correia que não ignora que existe em minha mão um vale seu de 70$000 ja vencido, e que eu, por mais diligencias que tenha feito para me entender com o Sr. Correia ou pessoa de sua amizade, para evitar desgostos, não me he possivel encontra-lo! He-me, portanto, forçoso acompanhar ao Sr. José Soares Correia, rogando-lhe a satisfação de dita quantia.

João Leite do Rego Sampaio.

-- A pessoa que por engano levou uma cabelleira que servio na noite do espectaculo de 22 ao Sr. Lopes, queira vir ou mandala entregar á rua Nova n. 39, do contrario depois da publicação deste por tres dias, publicar-se-ha o seu nome, e desmascarando-o se procedera como he de justiça, pois ha testemunhas. Recife 24 de janeiro de 1857.

British Clerks Provident Association.

A special meeting of this association will be held at the British & Voreign Library, rua do Trapiche on Tuesday evening at 5 o'clock. By order, Edward Rothwell, honorary secretary.

-- Precisa-se de um caixeiro para taberna ainda que não tenha pratica, e se for dos chegados ultimamente do Porto, melhor: no largo da ribeira de S. José n. 15.

-- Justino Antonio Pinto e José Luiz de Souza fazem sciente a esta praça, que dissolveram amigavelmente a sociedade que tinham na loja de louça atraz do Corpo Santo n. 68, que gyrava debaixo da firma de Pinto & Souza, ficando a cargo do socio Pinto a liquidação da extincta firma, e o socio Souza desonerado de todas as transacções até hoje. Recife 24 de janeiro de 1857.

— A taberna da quina da rua dos Martyrios n. 36, acha-se de novo com grande porção das afamadas linguiças do sertão, por preço commodo

-- Precisa-se de uma ama para o serviço interno de uma casa de 3 pessoas de familia: na rua do Hospicio n. 7.

-- Precisa-se de uma cozinheira: na rua das Cruzes n. 39.

-- Uma senhora viuva propõe-se a ensinar gratis, negrinhas captivas a coser, engommar e cozinhar, dando seus senhores o sustento: quem quizer dirija-se a rua do Padre Floriano, casa n. 11, que achará com quem tratar.

Compras.

— Compram-se apolices da divida provincial: na rua das Flores n. 37, primeiro andar.

--- Compram-se escravos de 9 a 35 annos: na rua do Collegio n. 21, terceiro andar.

--- Compram-se escravos que sejam sadios e fortes, proprios para armazem de assucar: na rua de Apollo n. 22.

—Compra-se para uma encommenda 5 moleques de 14 a 18 annos de idade: na rua do Collegio n. 21, primeiro andar, das 10 horas a's 5 da tarde.

--- Compra-se uma secretaria para escriptorio, que esteja em bom estado: na rua da Cruz n. 34.

Vendas.

Na loja da boa fé

vende-se o mais barato possivel:

Grosdenaples preto muito bom, o covado	2$000
Cantão preto muito fino, proprio para luto, o covado	960
Sarja preta hespanhola, o covado	1$800
Gorgurão preto muito fino com salpicos, proprio para colletes, o covado	4$000
Casemira preta fina, o covado	2$000
Panno fino azul, o covado	3$000
Lenços pretos de seda para gravata, meio lenço	1$000
Meias pretas de seda muito superiores, o par	2$000
Peitos muito finos para camisas	500
Ditos de linho muito superiores	1$200
Casemira de quadrinhos pretos muito fina, o covado	1$000
Cortes de colletes de fustão	500
Ditos de ditos de dito fino	1$000
Ditos de ditos muito superiores	1$600
Grosdenaples de seda de lindas cores, o covado	2$000
Cortes de vestidos de fazenda de seda muito linda	18$000
Setins lisos de cores, o covado	800
Mantas pretas de filó bordadas de seda	12$000
Véos pretos de filó bordados de seda	10$000
Cambraias adamascadas, proprias para cortinados, peças de 20 varas	7$000
Ditas para cobertas, de bonitos padrões, o covado	200

e além disto ha um completo sortimento de fazendas finas e grossas, que vendem-se por preços tão commodos, que ninguem deixara de comprar; assim como chapeos do Chille muito finos, que se vendem por menos que em outra parte: na rua do Queimado n. 22, na bem conhecida loja da boa fé.

-- Na quina da rua de Hortas n. 2, continua-se a vender figos de comadre a 120 rs., gomma a 90 rs., alpista a 160, cevada a 100 rs., dita moida a 240, cafe moido a 320, gomma de araruta a 200 rs., sagu' a 320, manteiga ingleza a 480, 640, 800, 960, franceza a 720, cha a 2$, 2$240, 2$560, 2$880, bolacha ingleza grande e grossa a 140, arroz a 120. toucinho de Lisboa a 400 rs., de Santos a 320, farinha de trigo a 120, bolachinhas de differentes qualidades a 360 e 400 rs., vinho de Lisboa a 480, Figueira a 560, Porto a 640, dito engarrafado a 1$000, oleo de ricipo a 500 rs. meia garrafa, milho a 240 a cuia, e peneiras de arome para refinadores e padeiros.

— Vende-se um mulatinho de bonita figura: na rua da Praia, armazem n. 18.

-- Vendem-se terrenos para edificação na estrada do Manguinnho, do do Recife, lado esquerdo, junto as casas do Sr. Manoel Pereira Teixeira, com 250 palmos de fundo e de frente os que o comprador quizer: a tratar na rua da Cadeia do Recife n. 9, ou com José Baptista Ribeiro de Faria, no seu sitio da Estancia.

— Vende-se um bonito moleque de 8 para 9 annos, bem robusto e sadio: no aterro da Boa-Vista n. 10, loja.

Quem vir compra porque o preço convida.

Vende-se uma porção de algodão trançado da Bahia, fazenda muito encorpada, com pequeno defeito, sendo fazenda muito recommendavel para roupas de escravos e para todo serviço de campo, finalmente muito propria para toalhas de mesa e outros muitos arranjos de casa de familia; e quem deixará de compra limpo a 220 a vara, e defeituoso que mal se conhece a 200 rs.: na rua do Crespo n. 14, quarta loja voltando da rua das Cruzes.

-- Vende-se o bom e muito acreditado rapé João Paulo Cordeiro, da fabrica do Rio de Janeiro, rapé este bem aceito pela sua composição e semelhança ao de Lisboa pelo seu aroma agradavel: vende-se de 25 libras para cima no deposito geral da rua da Cruz do Recife, casa n. 17, a preço de 1$200 por libra, e a retalho nas lojas seguintes: rua da Cruz do Recife, Fortunato Cardoso de Gouvêa; rua da Cadeia do Recife, João Gomes Leal Junior, José Fortunato da Silva Porto, Thomaz Fernandes da Cunha, José Pires de Barros; becco da Cacimba, Antonio Ramos: rua do Queimado, Manoel Joaquim Candido Teixeira; pateo do Carmo, Antonio Joaqnim Ferreira de Souza, José Joaquim Ferreira de Souza; rua larga do Rosario, João Gonçalves Ferreira; praça da Independencia, Antonio dos Santos Fiuza; aterro da Boa-Vista, defronte da matriz, José Bitancourt do Amaral; o preço da libra a 1$280 rs.

-- Vende-se uma negrinha que cozinha o diario de uma casa: a tratar na rua da Gloria n. 86.

— Vende-se uma mulata com 15 annos de idade, bonita figura, lava e engomma bem, e cozinha o diario de uma casa: na rua de S. Francisco n. 30.

-- Vende-se uma preta crioula, bonita figura, sem achaque e perfeita em todo o corpo, com 19 annos: quem pretender, dirija-se ao caminho novo da Soledade, taberna n. 9.

Champagne.

Vende-se vinho de Champagne; marca Grand-Mousseux, em casa de I. P. Adour & Companhia, rua da Cruz n. 40.

Perfumarias finissimas.

Na loja de miudezas da boa fama na rua do Queimado n. 33 encontra-se sempre um rico sortimento de perfumarias de todas as qualidades, inglezas e francezas, sendo dos melhores autores que ha em Paris e Londres, a saber: agua de Colonia muito boa, sabão para barba de creme de amendoas, agua de lavande muito superior, vinagre aromatico para dores de cabeça, banha muito fina em ricos vasos, extractos de muitas qualidades, extractos proprios para bolso da estudante, essencias de varias qualidades, opiato o melhor que ha para limpar dentes, pás para limpar os dentes, e outras muitas cousas que não deixarão de paragar aos senhores compradores, e que tudo se vende por precinho muito barato.

Doce secco de caju'

Na rua do Queimado, loja n. 2, vende-se doce secco de caju', em bocetas muito bem enfeitadas, proprias para presente.

--- Na rua da Praia n. 31 escriptorio, ha para vender uma escrava de 25 annos, bonita figura, sabe cozinhar e engomar.

--- Vende-se banha derretida de superior qualidade a 480 rs. a libra: na rua do Rangel n. 35.

— Na rua Nova, loja e fabrica de chapeos de Christiani & Irmão n. 44, ha para vender superior cola de Hamburgo e Bahia mais barato que em outra qualquer parte.

— Vende-se a fabrica de charutos do pateo da Santa Cruz n. 12, já muito acreditada e sem embaraço algum; vende-se em razão do respectivo dono estar doente e querer retirar-se para fóra, e isto nestes 8 dias.

-- Vende-se panno verde proprio para bilhar: na loja da rua do Crespo n. 3, proximo ao arco de Santo Antonio.

-- Vende-se damasco de seda superior de differentes cores: na loja da rua do Crespo n. 3, proxima ao arco de Santo Antonio.

— Vende-se panno superior encarnado: na loja de 4 portas n. 3, proxima ao arco de Santo Antonio.

-- Vende-se a taberna do pateo da Santa Cruz, que fica na quina que volta para a rua Velha: a tratar na mesma.

-- Vende-se um moleque de 8 annos, bonita figura: na rua estreita do Rosario, taberna n. 1.

-- Vende-se a taberna n. 82 da rua das Cinco Pontas, que foi do fallecido Manoel do Rego Lima, assim como tambem se vende um moleque de idade 11 annos, pouco mais ou menos: os pretendentes dirijam-se a mesma taberna.

Vende-se

no escriptorio de Antonio de Almeida Gomes na rua do Trapiche n. 16 segundo andar, o seguinte, por commodos preços: enxadas de ferro sortidas, fio porrete, panno de linho, toalhas de panno de linho, sebo em caixas de arroba, tudo do Porto, e archotes em caixas.

Chales de touquim a 24$000 rs.

Na rua do Queimado n. 21 A, vendem-se chales de touquim pelo diminuto preço de 24$000 rs., grosdnaple preto a 1$800, 2$000 2$200 e 2$600, este ultimo tem quasi vara de largura, fazenda o mais superior que tem vindo.

-- Vende-se em Nossa Senhora do O', na freguezia da Ipojuca, um casa terrea com frente de tijolo e oitões sobre pillares, com um grande salão e cozinha puxada fóra, dividida em duas salas e uma alcova, uma das salas tem excellente armação propria para taberna, e muito boa por ja estar afreguezada, ser edificada no pateo da feira e ter tres portas de frente: o preço he 1:000$ rs.: quem a pretender dirija-se aquelle lugar a tratar com o proprietario, ou na rua da Cadeia Velha n. 33 loja (no Recife).

Sedas de quadros miudinhos a 1$ rs. o covado.

Na rua do Queimado n. 21 A. vendem-se sedas de quadros miudinhos pelo baratissimo preço de 1$000!! dão-se as amostras com penhores.

Lãs de quadros a 640 rs o covado.

Vende-se lãa e seda de quadros: na rua do Queimado n. 21 A dão-se as amostras com penhor.

Gorgurão de quadros a 900 rs.

Vende-se na rua do Queimado n. 21 A gorgurão de quadros de lindas cores, dão-se as amostras com penhor.

—Vende-se um guindaste portatil de ferro, que pega em 90 a 100 arrobas, com todos os seus pertences, por preço commodo: na rua Direita n. 66.

Aviso aos tanoeiros.

Vendem-se rodas de arcos de pão para pipas, e liaças de vimes da melhor qualidade que ha no mercado, chegadas ultimamente do Porto, por menos preço do que em outra qualquer parte, e vende-se a porção que o comprador quizer: na rua do Vigario n. 27 deposito de assucar.

--- Vendem-se duas negrinhas muito lindas e espertas, uma de 10 annos e outra de 5, 2 mulatinhas de 10 annos cada uma, muito lindas, 3 molequinhos de 8 a 9 annos, 2 negras moças com algumas habilidades e uma dita de 30 annos boa quitandeira: na rua larga do Rosario n. 22 segundo andar.

— Em casa de Eduardo H. Wyatt, rua do Trapiche novo n. 18, ha para vender 1 piano forte e elegante.

METHODO,

O GUARDA-LIVROS BRASILEIRO, ou arte da escripturação mercantil apropriada ao commercio do Brasil: vende-se na rua da Cadeia Velha n. 22. Preço 8$000.

A3$500

Vende-se cal de Lisboa ultimamente chegada, assim como potassa da Russia verdadeira: na praça do Corpo Santo n. 11.

Cimento branco

He chegado o excellente cemento branco ja bem conhecido e experimentado, tanto em barricas como as tinas: no armazem de taboas de pinho de Joaquim Lopes de Almeida, na praia de San Francisco, junto a ponte nova.

— Vende-se por menos do que em outra parte, cera de carnauba e velas de composição: na rua da Cruz n. 34.

Superior cal de Lisboa.

Vende-se superior cal de Lisboa: no armazem de Novaes & C., rua da Madre de Deos n. 12, por preço commodo.

Relogios de patente

inglezes de ouro, de sabonete e de vidro: vendem-se a preço razoavel, em casa de Augusto C. de Abreu, na rua da Cadeia do Recife, armazem n. 56.

— Vende-se superior linha de algodão branca e de cores, em novello, para costura: em casa de Southall Mellor & Companhia, rua do Torres n. 38.

CAL E POTASSA

Vende-se potassa da Russia e americana, chegada nestes dias e de superior qualidade; cal de Lisboa da mais nova que ha no mercado: nos seus depositos na rua de Apollo n. 1 A, e 2B.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, vende-se vinho do Porto de superior qualidade da bem conhecida marca GW em pipas, barris e caixas de uma e duas duzias de garrafas.

Agencia da fundição Low-Moor,

rua da Senzala-Nova n. 42.

Neste estabelecimento continua a haver um completo sortimento de moendas e meias moendas para engenho, machinas de vapor e taixas de ferro batido e coado de todos os tamanhos para dito.

Farinha de Trieste. SSSF.

(*Verdadeira.*)

Pelo navio BLOOMR chegaram 5600 barricas desta acreditada farinha: vende-se nos armazens de Tasso Irmãos.

Feijão mulatinho.

Vende-se na rua da Cruz n. 34, feijão mulatinho por preço commodo.

Moinhos de vento

com bombas de repuxo para regar hortas e baixa de capim: na fundição de D. W. Bowman na rua do Brum ns. 6, 8 e 10.

— Vende-se o grande armazem alfandegado do largo da Assembléa n. 20 (Forte do Mattos), muito proprio para qualquer estabelecimento, ou mesmo para recolher generos como esta servindo actualmente, por estar collocado defronte do trapiche do algodão: a tratar na rua do Trapiche n. 14, primeiro andar.

—Antonio José de Castro vende polvora de superior qualidade a 15$000 o barril: as pessoas que quizerem dito genero, appareçam em o seu escriptorio, na rua do Vigario n. 51, para ver as amostras.

— Em casa de Henr. Brunn & Companhia, na rua da Cruz n. 10, vende-se cognac em caixinhas de duzia.

FARINHA De Trieste.

Vende-se em casa de Saunders Brothers & C. a praça do Corpo Santo n. 11, a muito superior e bem conhecida farinha de Trieste, da marca—primeira qualidade—chegada em 9 do corrente na escuna «Pfeil», em porções grandes e pequenas, conforme a vontade do comprador.

TAIXAS PARA ENGENHO.

Na fundição de ferro de D. W. Bowmann na rua do Brum, passando o chafariz, continúa haver um completo sortimento de taixas de ferro fundido e batido de 3 a 8 palmos de bocca, as quaes acham-se a venda, por o preço commodo e com promptidão: embarcam-se ou carregam-se em carro sem despeza ao comprador.

-- Na rua do Trapiche n. 14, escriptorio de Manoel Alves Guerra, vende-se por commodo preço o seguinte: — superior vinho do Porto em barris de oitavo, chapeos de feltro, e sabão amarello fabricado no Rio de Janeiro.

— Em casa de Saunders Brothers & C., praça do Corpo Santo n. 11, ha para vender o seguinte a Ferro inglez.
Pixe da Suecia.
Alcatrão de carvão,
Eonas de linho.
Esponjas.
Drogas.
Algodão lizo para saccas.
Dito entrançado igual ao da Bahia.
E um completo sortimento de fazendas proprio para este mercado: tudo por preço commodo.

— No escriptorio de Antonio Luiz de Oliveira Azevedo, rua da Cruz n. 1, vendem-se vidros de uma onça, meia e duas.

Rua do Queimado n. 1.

Na loja de Gaspar Antonio Vieira Guimarães existe um completo sortimento de belbotinas de cor e pretas, proprias para vestuarios de mascaras por preços commodos, além desta fazenda ha outras muitas por barato preço, assim como seja, atoalhado com 7 palmos de largura pelo diminuto preço de 1$500 rs. a vara.

--- Vende-se uma mulata de 22 annos de idade, bonita figura, de boa conducta, sem vicios e achaques, o que se affiança, sabendo lavar e engommar muito bem: na rua da Gloria n. 55.

--- Vendem-se tres terrenos foreiros em Santo Amaro, todos com 700 palmos de frente para a estrada nova de Luiz do Rego, e com fundos para o oeste até 640 palmos, confrontando pelo norte com o sitio do Sr. Manoel Pereira Lemos junto do actual hospital inglez, e pelo sul com o sitio do Sr. João dos Santos Porto: quem os pretender, dirija-se a Vicente Alves de Souza Carvalho, rua do Trapiche n. 44, primeiro andar.

Velbutina de todas as cores.

Na rua do Queimado n. 19, vendem-se velbutinas de todas as cores, e as melhores em qualidade que tem vindo.

— Vende-se uma porção de pipas e toneis por praso de seis mezes com as competentes garantias, e tambem se arrenda o armazem onde se acham depositados os mesmos objectos: a tratar com Joaquim Gonçalves de Albuquerque e Silva, na rua da Cruz n. 35, primeiro andar.

Batatas inglezas e de Lisboa.

Vendem-se no armazem da travessa da Madre de Deos n. 15, das 9 horas as 3 da tarde.

VINHO DO PORTO GENUINO.

Vende-se optimo vinho do Porto em barris de quarto e oitavo, por preço razoavel: na rua da Cadeia do Recife n. 13, escriptorio de Baltar & Oliveira.

São muito lindos para punhos.

Vendem-se muito bonitos botões para punhos pelo barato preço a 500 e 800 rs. cada abotoadura: na rua do Queimado na loja de miudezas da boa fama n. 33.

Pianos.

Em casa de Rabe Schmettau & Companhia, rua da Cadeia n. 37, vendem-se elegantes pianos do afamado fabricante Traumann de Hamburgo.

—Vende-se aguardente de França em caixas de uma duzia: no armazem de C. J. Astley & C.

— Na rua da Cadeia, defronte da Relação, taberna n. 28, ha das melhores bichas hamburguezas para vender a retalho e em porções, e tambem se alugam.

Vinho do Porto, superior chamiço.

Em caixas de 2 duzias e em barris de oitavo, recentemente chegado pelo brigue «Trovador»; vende-se unicamente no armazem de Barroca & Castro, na rua da Cadeia do Recife n. 4.

Algodãozinho da Bahia

para saccos de assucar: vende-se em casa de N. O. Bieber & C., rua da Cruz n. 4.

Relogios

cobertos e descobertos, pequenos e grandes, de ouro patente inglez, para homem e senhora, de um dos melhores fabricantes de Liverpool, vindos pelo ultimo paquete inglez: em casa de Southall Mellor & Companhia, rua do Torres n. 38.

—N. O. Bieber & C., rua da Cruz n. 4, vendem:
Lonas da Russia.
Idem inglezas.
Brinzão.
Brins da Russia.
Vinho de Madeira.
Algodão para saccos de assucar.

SAO' MUITO LINDOS.

Ricos cortes de vestidos de fazenda muito fina, toda de seda e de um gosto muito apurado, chegados pelo ultimo vapor vindo da Europa, muito proprios para as senhoras de bom gosto, assim como chitas francezas muito finas matizadas com lindas cores: dão-se amostras na rua do Queimado n. 22 na loja da boa fé defronte da da boa fama.

PARA QUEM TEM BOM GOSTO.

Na rua do Queimado n. 22, loja da boa fé, ha um completo sortimento de grosdenapole de seda de lindas cores; aproveitem antes que se acabem, que a festa está com nosco, assim como chapeos do Chile muito finos, que se vendem por menos que em outra parte.

Luvas de varias qualidade.

Vendem-se ricas luvas de seda de todas a res, cobordadas e com bolotas a 2$ o par ditas sem ser bordadas brancas e amarella para homens e senhoras a 1$, 1$200 e 1$500, ditas de fio da Escocia brancas e de cores para homens e senhoras a 300, 400, 500 e 600, ditas brancas e de cores, de algodão, proprias para montaria a 240 e 320 e outras qualidades mais que se vende na rua do Queimado na bem conhecida loja de miudezas da boa fama n. 33.

Couro de lustre marca de castelo.

Vendem-se pelles de couro de lustre de muito superior qualidade a preço de 4$ e 4$500: na rua do Queimado, na bem conhecida loja de miudezas da boa fama n. 33.

Para escriptorios e cartorios.

Vendem-se resmas de papel de peso do melhor que he possivel haver a 6$, dito inferior pouca cousa a 3$ e 3$500, dito paquete muitissimo fino a 4$500 e 5$, dito almaço greve e marfim a 4$, dito almaço muitissimo bom a 3$200, dito de cores em quartos de resma a 700 rs., grozas das verdadeiras penas de aço bico de lança pelo barato preço de 1$200, ditas muito boas sem ser bico de lança 500 rs., duzias de lapis muitissimo finos a 320 rs., ditos proprios para riscar livros a 800 rs., canetas de osso torneadas para pennas de aço a 120 rs., canivetes finissimos de uma a quatro folhas a 1, 2, 3, 4$, e outras mais cousas que se vende barato; na rua do Queimado na bem conhecida loja de miudezas da boa fama n. 33.

MECHANISMO PARA ENGENHO.

NA FUNDIÇAO DE FERRO DO ENGENHEIRO DAVID W. BOWMAN, NA RUA DO BRUM, PASSANDO O CHAFARIZ,

ha sempre um grande sortimento dos seguintes objectos de mechanismos proprios para engenhos, a saber: moendas e meias moendas da mais moderna construcção; taixas de ferro fundido e batido, de superior qualidade e de todos os tamanhos; rodas dentadas para agua ou animaes, de todas as proporções; crivos e boccas de fornalha e registros de boeiro, aguilhões, bronzes, parafusos e cavilhões, moinhos de mandioca, etc., etc

NA MESMA FUNDIÇA'O.

se executam todas as encommendas com a superioridade ja conhecida e com a devida presteza e commodidade em preço.

PARA AS SENHORAS DE BOM GOSTO.

Vendem-se caixinhas ricamente enfeitadas proprias para presentes a 2$, 3$ e 4$, canetas ricas proprias para senhoras a 500 rs., carteirinhas muito lindas para senhoras a 800 rs., tesouras para costura, finissimas a 1$, ditas ditas para unhas a 500, 1$ e 1$500, ricas franjas para cortinados a 4$ a peça, lencinhos de retroz de todas as cores a 800 rs., ricas caixinhas para guardar joias a 800 rs., camisas de meia para crianças a 500 rs., ricos botões para roupa de crianças a 1$ a duzia, sapatinhos bordados para as mesmas a 1$200 e 1$500, ditos de lãa mais ordinarios a 320 e 400 rs., agulheiros com agulhas sortidas a 160 e 240 rs., cartões de colxetes francezes 24 pares a 100 rs., carteirinhas com agulhas sortidas a 320 rs., caixinhas com agulhas francezas a 160 rs., miadasi da linha para bordar a 100 e 160 rs., carriteis de linha de 200 jardas bom autor a 80 rs., ditas de 100 jardas autor Alexandre a 40 rs., macinhos de grampas muito boas a 60 rs., trancinhas de lãa de casacões a 80 rs. a peça, caixinhas com grampas muito boas a 160 rs., miadinhas de linhas de peso finas a 120 rs., babados abertos de linho a 100 e 120 rs. a vara, dito bordado de lindos padrões a 200 rs. a vara, tranças de seda de todas as cores e larguras e outras muitissimas cousas, que tudo se vende barato, na rua do Queimado loja de miudezas da boa fama n. 33.

Meias de todas as qualidades.

Vendem-se muito boas meias de seda pretas e brancas para senhoras pelo barato preço de 2$500, ditas de laia para padres a 1$800, ditas de fio de Escocia pintadas para homem pelo baratissimo preço de 400 e 500, ditas brancas e cruas para homem a 200, 240 e 280 rs., ditas pintadas e brancas para meninos a 240 e 300 rs., ditas brancas, finas para meninas a 240 rs., ditas brancas para senhoras a 240, 300 e 400 rs., ditas pretas de algodão para padres a 600 rs., e outras mais qualidades que se vendem barato na rua do Queimado, na bem conhecida loja de miudezas da boa fama n. 33.

-- Vende-se uma loja de sapatos muito afreguezada, na rua Direita n. 56: a tratar na mesma loja.

Escravos fugidos.

--- Fugio do engenho Barra de Matapiruma ao amanhecer do dia quinta-feira 8 de janeiro, um mulato de nome Remão, bem claro, baixo, grosso, cabello carapinho, olhos bastante grandes, principiando a barbar, pernas, pés e nariz grossos, póde ter de idade 24 a 25 annos, foi vestido com duas calças, camisa de madapolão, jaqueta, e chapeo de baeta branco, foi até com um olho inchado de uma pancada: quem o pegar leve ao dito engenho na villa da Escada que sera bem recompensado.

— Na manhãa do dia 11 do corrente fugio um preto crioulo, de nome José, representa ter 18 a 20 annos; levou calça de brim de algodão escuro, camisa branca engommada, chapeo de palhinha novo com uma fita preta larga, tem os calcanhares maltratados por causa de bobas, altura regular, com as costas talhadas e pannos no rosto de todos os dous lados. Este escravo foi comprado a Joaquim José de Sant'Anna, morador no termo de Ingazeira, por isso suppõe-se ter seguido esse caminho em razão de ter mãi lá para essas bandas, levou comsigo um relogio de ouro patente suisso com corrente de ouro, um par de brincos de filagrãa, e uns pedaços de ouro velho: roga-se as autoridades policiaes e capitães de campo o prendam e levem á rua da Guia n. 9, que serão recompensados generosamente.

— Fugio hontem as 7 horas, um escravo mulato de nome Thomaz, alto, reforçado de corpo, com marcas de bexigas, pernas groças, e nellas marcas de cicratizes nas cauellas, falla com muita mancidão, levou vestido camisa de panno azul groço guarnecida de ourelo branco, nos ombros e punhos, aberta na frente em forma de palitó: este escravo he natural da Parahiba e foi escravo do Sr. Carlos Coelho, que o houve por herança de seu sogro José Joaquim de Souza daquella cidade, e foi comprado pelo abaixo assignado ao Sr. Hilario de Albandra Vasconcellos Junior, morador no engenho Tapuá freguezia do Pilar desta provincia quem o pegar leve-o a rua da Concordia a Pedro Antonio Teixeira Guimarães, que será generosamente gratificado.

--- Fugio do engenho Alegrete, freguezia de Agua Preta, o escravo Izidoro, crioulo, de idade de 24 annos, altura regular, secco do corpo porem robusto, sem barba, cor um tanto fula, tem um defeito no dedo indicador da mão direita, he rendido de uma verilha, muito ladino, civilisado, alegre, toca viola, inculca-se de forro, que sabe ler e que he carapina, procurou nesta cidade ao Sr. tenente-coronel João Pinto de Lemos Junior para o comprar, e desappareceu depois de ter sido entregue por este Sr. ao Sr. Antonio Leite Pereira Bastos, foi preso na villa do Buique por capitães de campo, soffreu em caminho tres grandes ferimentos na cabeça, por resistir aos mesmos capitães de campo, e no dia 21 de dezembro de 1856 evadio-se novamente do poder do seu senhor e coronel Zeferino da Cunha Bastos, indo com os ferimentos todos abertos: recommenda-se aos capitãs de campo ou a quem quer que o aprehender, o levem no dito engenho junto a povoação de Agua Preta, ao seu senhor, e nesta praça ao Sr. Antonio Leite Pereira Bastos, na rua da Cadeia n. 17 primeiro andar, que será bem recompensado.

— Fugio do engenho Paroes, comarca de Nazareth no dia 12 do corrente mez, um moleque de nome Luiz, porem he mais conhecido pelo nome de Guaru'. com os signaes seguintes: cor bem preta, olhos grandes, baixo e um pouco encorpado, idade 18 annos, rosto redondo, ainda não barba, e não tem deffeito algum physico: roga-se as autoridades policiaes e capitães de campo, ou qualquer pessoa, que o prenda e envie ao seu senhor Antonio da Motta Silveira Cavalcanti no referido engenho, ou aos Srs. Gouveia & Leite na rua do Queimado n. 27 nesta praça, que generosamente se recompensará.

PERN: TYP. DE M. F. DE. FARIA 1857.

ILEGÍVEL

MUTILADO